

REVISTA DA SEMANA

N.º 41

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

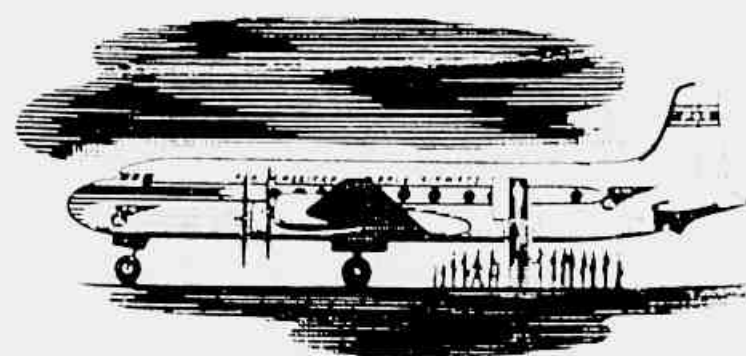
12-10-46





O mundo é seu pelo **CLIPPER**

NOVA ORLEANS – via de acesso ao coração da América do Norte e paraíso dos turistas. Inúmeras são as pessoas que retornam anualmente, atraídas pelo encanto gaulês da cidade, pela sua atmosfera européia, seus excelentes restaurantes e a mundialmente famosa "Mardi Gras". Faça sua próxima viagem a Nova Orleans – rápida e confortavelmente – pelos Clippers quadrimotores da Pan American World Airways. Procure seu agente de viagens ou a agência local de passagens da PAA e reserve seu lugar sem demora.



**PAN AMERICAN
WORLD AIRWAYS**
A Rede dos Clippers Voadores

10004 (PAA-498)



Em cima: Tyrone Power e Cesar Romero, conversando no Copacabana com o diretor-secretário de REVISTA DA SEMANA. Em baixo: os artistas visitantes, fotografados no "apartamento real" do hotel em que se hospedaram.

A nota sensacional da semana foi a presença, em nossa capital, de dois famosos artistas cinematográficos, um já nosso conhecido, — Tyrone Power, — e outro que nos visita pela primeira vez, — Cesar Romero. As duas figuras do cinema norte-americano gozam grande e merecida popularidade entre os "ians", pelas suas criações cinematográficas. Durante a guerra, ambos foram mobilizados, servindo Tyrone Power no Exército, como aviador, e Cesar Romero nos navios de patrulhamento da costa, como marinheiro. Entretanto não se têm na conta de heróis mesmo porque Tyrone Power não participou de nenhum combate, pilotando apenas aviões do serviço de transportes militares. Cesar Romero, igualmente, não se envolveu em nenhuma batalha naval. Dando baixa, o ex-tenente Tyrone Power e o ex-sargento Cesar Romero retomaram suas atividades cinematográficas, no estúdio em que se achavam contratados, o da Twentieth Century Fox, onde o primeiro acaba de filmar "O fio da navalha" (The razor's edge), romance famoso de Somerset Maugham, e o segundo fez um dos papéis centrais de "Carnival in Costa Rica", um tecnicolor musical, com Vera Ellen e J. Carol Neish. Terminados os filmes que marcaram a re-paração dos dois artistas, cansados das atividades militares que exerceram e do trabalho do estúdio, resolveram ambos tomar férias, realizando uma viagem aérea através da América Latina. No Copacabana Palace Hotel, ambos receberam os jornalistas cariocas, numa festa cordial e animada, que lhes ofereceu a agência da Twentieth Century Fox no Rio de Janeiro, dirigida pelo sr. J. Carlo Bavetta. Tyrone Power demonstrou grande satisfação por poder rever o Rio de Janeiro e Cesar Romero se mostrou muito bem impressionado com a cidade, "uma das mais lindas que já viu". Os jornalistas da imprensa cinematográfica palestraram longamente com os dois artistas, crivando-os de perguntas, sobre a vida íntima de ambos... E de tudo isso se concluiu que Tyrone Power e Annabella não pretendem se divorciar e que Cesar Romero, até aqui imune ao casamento, não está naivo de quem quer que seja e pretende continuar o seu feliz celibato. No regresso, os dois artistas serão reunidos num mesmo filme colorido, sobre a conquista do México, "The Captain from Castille", no qual Tyrone Power fará o papel de um galante oficial espanhol e Cesar Romero o de Hernan Cortez, o rude e resoluto enviado de Carlos V. O banho de mar de Tyrone Power e Cesar Romero, como é muito natural, tem feito sucesso e atraído, ao redor dos dois "bonitões", verdadeiras legiões de sereias morenas de Copacabana, a cujo porte e sorrisos eles parecem que não têm sido de todo insensíveis...

TYRONE POWER E CESAR ROMERO NO RIO!

ALVOROÇO EM COPACABANA COM A CHEGADA DOS "BONITÕES" . . .



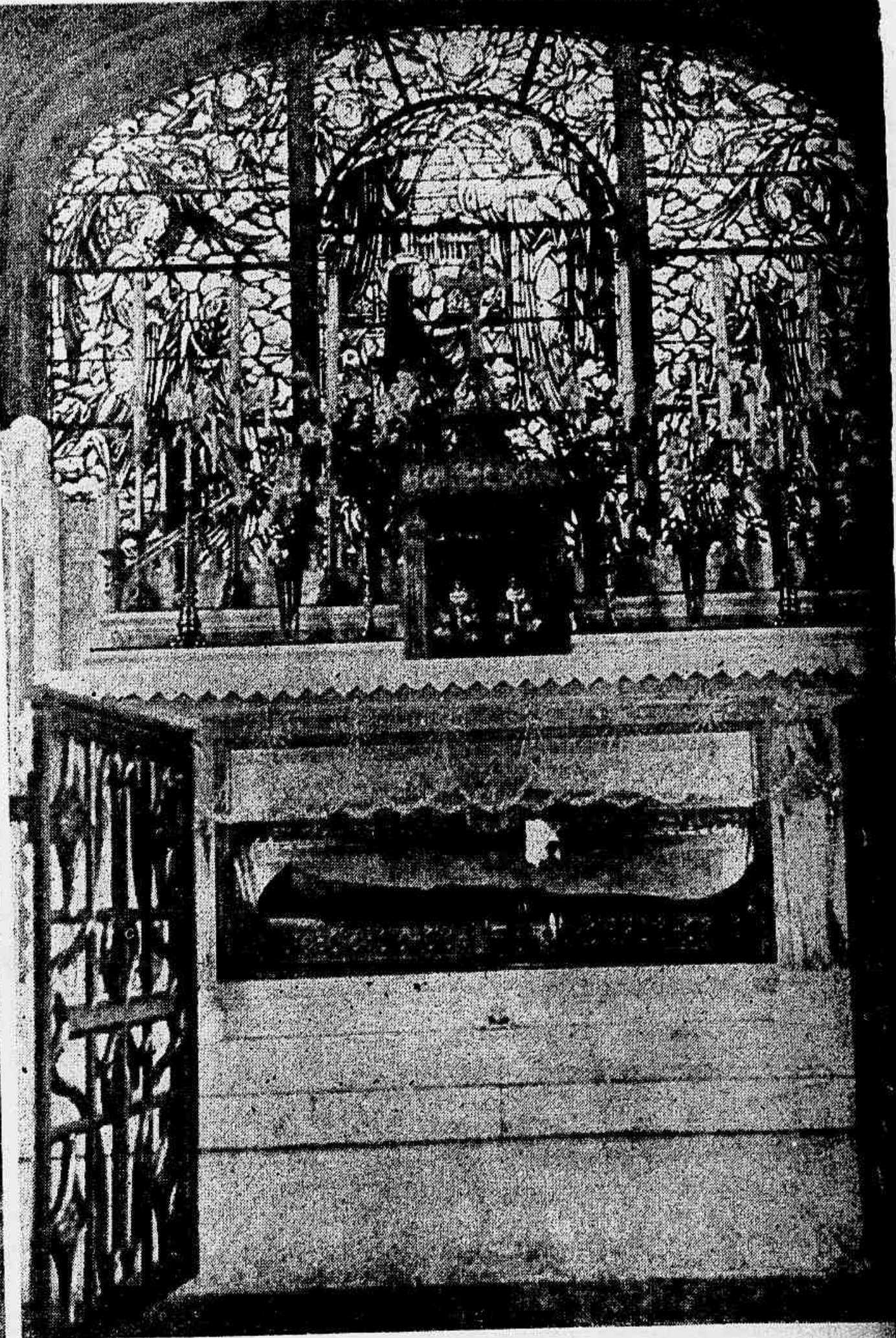


A cerimônia da canonização, na Basilica de São Pedro, em Roma, foi realizada no dia do aniversário da morte de Madre Cabrini, ao som dos quatrocentos sinos do famoso templo e das igrejas adjacentes.

UMA SANTA NORTE-AMERICANA

A CANONIZAÇÃO EM ROMA DE MADRE CABRINI

Os católicos norte-americanos estão muito contentes, pelo fato de já terem no céu, como representante dos Estados Unidos, uma santa que, embora não tendo ali nascido, adotou a cidadania da pátria de Washington, Lincoln e Roosevelt. Madre Francesca Xavier Cabrini, freira italiana, desembarcara como missionária nos Estados Unidos em 1889, adotando depois ao naturalizar-se por ato espontâneo a nacionalidade norte-americana. Foi ela, em verdade, a primeira cidadã norte-americana.



A esquerda : — Um dos milagres atribuídos à nova santa é descrito nesse grande painel, conduzido, como um estandarte, por funcionários do Vaticano, por ocasião da canonização.
A direita : — Os restos mortais de Madre Cabrini, na Mother Cabrini School, em Nova York.

conquistar o reino dos céus, — a ser oficialmente reconhecida pela Igreja Católica, Apostólica e Romana como um dos seus santos. Desde agora sua imagem poderá ser venerada em todos os altares, dentro e fora dos Estados Unidos. Mas nesse país, particularmente, o acontecimento deverá ter grande repercussão, redundando em real incremento do catolicismo, sobretudo em razão da rapidez com que transitou, no Vaticano, o processo de canonização da nova santa. Enquanto que a canonização de Joana D'Arc foi debatida durante nada menos de meio milênio, — num processo sempre controvertido de quinhentos anos, — a santidade de Madre Francesca Xavier Cabrini foi logo reconhecida, sem as longas esperas e as complicações exigências usualmente feitas em casos tais. Para o fato de ser alguém canonizado, é necessário pro-

var-se que o candidato ou candidata possua excepcionais virtudes e fazia milagres de real significação. Madre Cabrini, — ou, melhor, Santa Francesca Xavier Cabrini, — foi canonizada em tempo "record", isto é, menos de vinte e nove anos depois da sua morte, em Chicago. Um dos milagres que lhe são atribuídos, — entre os quatro considerados indispensáveis, como mínimo, a um processo de canonização, — consistiu na restauração da vista de uma criança, depois que uma enfermeira negligente lhe havia queimado a menina dos olhos com uma dose excessiva de nitrato de prata. Conta-se dela também que, necessitando uma vez 195.000 dólares, — cerca de quatro milhões de cruzeiros, — para um hospital, escreveu essa quantia num livro aberto às mãos de um anjo, junto à estátua da Virgem, em Seattle, e duas horas de-

pois levantou essa quantia, por empréstimo, com um banqueiro da cidade, que lhe telefonou espontaneamente, duas horas depois. A imprensa americana, a propósito da canonização, conseguiu entrevistar a menina que recuperou a vista, — e que é hoje uma senhora, — bem como Joseph Montucci, que foi o chofer da virtuosa freira e que se comoveu muito, ao recordá-la, indo até às lágrimas e repetindo amiudadamente: "Era uma santa, sim. Era uma verdadeira santa".

Os restos mortais de Madre Cabrini se encontram em Nova York, embalsamados, na escola religiosa que tem o seu nome. Ela desapareceu aos 67 anos de idade, mas a máscara de cera representa Madre Cabrini aos 35 anos. Alguns dos seus ossos se acham distribuídos como relíquia por várias igrejas que ela construiu.

Da esquerda para a direita : Cadeira em que a santa morreu, no Columbus Hospital, de Chicago. Os papéis na cadeira são pedidos de crentes à espera de novos milagres e de novas graças. Relíquias da nova santa, incluindo o seu hábito e quatro medalhas que lhe foram dadas por Pio X, ora em poder de uma freira em Nova Orleans. Detalhe do grupo estatutuário, onde Madre Cabrini escreveu "195 - Columbus Sanitarium", para significar que precisa de cento e noventa e cinco mil dólares para esse sanatório.



A SEMANA EM REVISTA

OS GAFANHOTOS VÃO PARA WATERLOO



Decididamente, os bichos estão na ordem do dia. Não queremos dizer que seja por causa do dr. Bezouro Cintra à frente da Delegacia de Economia Popular nem graças ao dr. Heltor Grilo como secretário da Agricultura do Distrito Federal. Referimo-nos aos bichos, propriamente ditos. À praga de gafanhotos, por exemplo.

Eles vêm por aí, arrazando tudo o que o desmazelo administrativo deixou de acabar, devorando os gêneros alimentícios que não foram exportados, talando os campos, fazendo uma guerra total contra o estômago das populações já cansadas de tanto jejum.

Antigamente, no nordeste, quando o problema do cangaço ainda era uma ameaça constante à tranquilidade das pequenas cidades desgarradas, a aproximação de um bando de cangaceiros dava uma nota de sensação à vida pacata do agrupamento humano. As notícias se contradiziam, a aflição crescia, fechavam-se as portas e janelas, desenferjavam-se rifles e garruchas velhas, faziam-se trincheiras das torres das igrejas e se esperavam os bandidos. Ou eles viessem e saqueassem ou fossem rechassados, o certo é que a crônica da cidade ganhava um traço de sensação, havia assunto para as conversas na porta da farmácia ou no pátio da igreja du-

rante muito tempo. Mas o que predominava, mesmo, eram as impressões da expectativa, era o momento que precedia o acontecimento. Era uma lembrança marcante como o "suspense" de um filme.

E' esse o momento que vivemos no Rio, na perspectiva de uma visita da nuvem de gafanhotos que se movimenta de sul a norte. Os terríveis saltatórios que vem de gafanhotos que se movimenta de sul a norte. Os terríveis saltatórios que vem de gafanhotos que se movimenta de sul a norte. Os terríveis saltatórios que vem de gafanhotos que se movimenta de sul a norte.

segundo dizem constituem uma massa enorme capaz de tapar a luz do sol, estão dando matéria sensacional ao noticiário dos jornais.

E não há motivo para temê-los no Rio, senão pelas consequências do que eles fizeram lá fora.

Deixai-os vir e eles verão que grande mentira é a cidade maravilhosa. Vai ser o logro mais gozado deste mundo. Deixai-os vir. Apaguem os lança-chamas e recolham os aviões do Exército.

Uma vantagem pelo menos eles trarão aos cariocas. Vão impedir que este sol implacável esgote ainda mais as reservas d'água do abastecimento, cujas falhas as autoridades atribuem em parte ao calor. E além disso, estenderão uma cortina sobre a cidade e nos pouparão o sofrimento desse calor infernal.

Porém o mais gozado será vê-los nas filas, fúlos de raiva, protestando como nós contra a falta de gêneros, e maldizendo a hora em que deixaram as campinas frescas lá do sul, embaidos pela propaganda da cidade maravilhosa.

Deixai, senhores, que venham os gafanhotos. Eles se acabarão aqui, como se dissolvem nas cidades sem recursos as companhias de circo e de teatro. O Rio de Janeiro será o Waterloo dos gafanhotos.

OS NAZISTAS PEDEM CLEMÊNCIA



Depois de quatrocentas e tantas sessões, após o interrogatório de milhares de pessoas e a consulta de centenas de milhares de documentos que constituíram um dos mais sensacionais processos da história, os juizes das quatro grandes potências em Nuremberg condenaram os maiores criminosos de guerra. Oficializaram uma condenação que o povo já votara e que executaria sumariamente se a polícia os deixasse um minuto ao desabrigo da lei em qualquer cidade da Alemanha.

Doze dos maiores do nazismo ganharam aquilo que eles determinaram para milhares de pessoas, quando havia tempo disponível, ou para variar das câmaras de gás e dos fusilamentos: a força, a morte ignominiosa dos piores bandidos. Quatro foram condenados a penas que variam de 10 a 20

anos, 2 à prisão perpétua e 3 foram absolvidos. Não estamos na altura de criticar juridicamente os veredictos dos doutos

juizes de Nuremberg. Mas se todos os chefões do nazismo não cometeram crimes suficientes para levá-los à pena de morte, é o caso de abolir essa sentença.

O resultado aí está. Protestos em toda a Alemanha, greves dos operários, ameaças aos absolvidos que morrerão na primeira oportunidade em que a polícia militar de Nuremberg os deixar nas mãos do povo que eles sacrificaram até à exaustão.

Enfim, como já dissemos, não nos propuzemos a analisar aresos da justiça internacional. Apenas quisemos refletir a repercussão do ocorrido.

Mas o que é extraordinário, sensacional, como índice de cinismo é a coragem dos condenados em pedir clemência. Ees que eram capazes — e o demonstraram sobejamente — das maiores barbaridades, de trucidamentos em massa, de saque, de torturas, de tudo o que pode caracterizar o gênio do mal, aparecem agora com os olhos humildes e de mãos postas, protestando inocência e dizendo que se cometeram "algum" erro o fizeram por ordem de Hitler.

Os canalhas não sabem morrer. Os tiranos são tão covardes como perversos. Força com eles que já é muito conceder-lhes as honras de um processo. Força com eles e com os seus discípulos daquém e d'além mar...

DEIXEM CARLOS GOMES EM PAZ



A temporada lírica, ou o lírico, simplesmente, como é conhecida desde muitos anos, ainda constitui um traço característico da nossa vida artística. Ainda não se extinguiram os aplausos para as velhas e queridas árias italianas, chelas de preciosismos e fogo de artifício, os dó-de-peito ainda são aguardados como um instante de suprema perfeição, saiam seja como for. O essencial é que seja um dó-de-peito (que muitas vezes é um si bemol, quando a orquestra transportou a partitura para um tom baixo).

Embora a música sinfônica ganhe terreno em nossas salas de concerto, que no caso ópera e música sinfônica se resumem em duas: o Teatro Municipal e o Rex, Verdi e Puccini ainda têm um público maior do que Beethoven e Cesar Franck. Por isso mesmo, a glória de Carlos Gomes, o nosso único compositor operístico, resiste ao tempo... e aos maus tratos.

Sim, isto mesmo. Na atual temporada, depois das obras estrangeiras, foi levada à cena a ópera "Salvator Rosa" do genial discípulo de Verdi.

Mas, ou porque os ensaios foram feitos às pressas, apenas pro forma, ou porque os cantores já devessem estar escrevendo as suas memórias, em vez de ocuparem um lugar no palco reservado a outros de maiores possibilidades (o que parece mais provável), o certo é que a representação de "Salvator Rosa" foi um autêntico fracasso. Nada de eufemismos, de dizer que não conseguiu o sucesso desejado ou que os cantores foram pouco felizes no desempenho dos seus papéis. O que houve foi fracasso mesmo, degringolada, incapacidade, confusão.

O público se comportou como verdadeiro amante do bel-canto. Diante daquela farsa, prorrompeu numa vaia estrepitosa, dando a entender que não aceitava o abacaxi.

Não somos apreciadores da música lírica por julgamo-la, com algumas exceções, prolixa e insubstancial. Muita fala e poucas idéias. Nem morremos de amores por Carlos Gomes. Mas o que não é aceitável é que se exponha ao ridículo, vergonhosamente, a única obra nacional da temporada. Ou façam interpretar as obras de Carlos Gomes por bons artistas ou deixem-nas em paz.

D. Itala Gomes Vaz de Carvalho que o diga.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 41 :-: 12-10-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4417;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Distribuição: em S. Paulo: Rua Capitão Salomão, 67 — Tel. 4-1569
Corrs. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário: R. MACALHÃES JUNIOR

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

COLABORAÇÃO:

Brasil Holandês (Escragnolle Doria) .	20
A Inglaterra não mudou (Mallory Brown)	52/53

CONTOS:

"Um dia eu largo tudo isso" (Oswaldo P. Moura)	28/29
"O navio fantasma" (Érico Veríssimo)	17
"A tragédia íntima de um homem mau" (Eduardo Grotto Carretero)	47

BIOGRAFIA:

"A Vida de Adolf Hitler" (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	26/27
---	-------

REPORTAGENS:

Tyrone Power e Cesar Romero no Rio	3
Uma santa norte-americana	4/5
Morte aos líderes nazistas!	22/25
No Reino da Latolândia (Adhemar Nóbrega)	8/14
A nova maravilha colorida de Walt Disney (Sally Middleton)	30/33

SECÇÕES:

A Semana em Revista	6
Música-Ópera sob medida (Roberto Lyra Filho)	15
Gente de rádio (Armando Migueis) ..	16
Figuras e fatos	18/19
Bom humor	34
Mininos (Kitty)	35
NOVOS (João Luso)	34/41
	43

DIVERSOS:

Jockey Club Elegante	42
A missão João Neves da Fontoura em Londres	46
Femininas	47
Homenagem à Constituinte	21

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Nossa capa homenageia hoje a famosa atriz Claudette Colbert, uma artista de grandes êxitos. Lembra, ainda hoje, pela sua atuação em "Aconteceu naquela noite", ao lado de Clark Gable, e em "Imitação da vida", Claudette Colbert conquistou, ainda há pouco, um grande êxito, em "O Amanhã é Eterno", ao lado de Orson Welles e George Brent. Seus filmes mais recentes foram "Romance e Fantasia", com John Wayne, na RKO Rádio, e "The Secret Heart", com um grande elenco, na Metro-Goldwyn-Mayer.

Comer Muito! Beber Demais!



Tôdas as vezes que praticar alguma imprudência ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licor ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convém muito tomar à noite, quando fôr dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar êsses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrêtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem!

Use Ventre-Livre

Não esqueça nunca!

Ventre-Livre não é purgante



O NOSSO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS AMPLIANDO O ALCANCE DA NOSSA INICIATIVA

O êxito do Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA tem sido tão grande que resolvemos, desde agora, ampliar ainda mais o alcance dessa iniciativa, que está despertando tão vivo interesse entre os nossos leitores. Através desse concurso, pode REVISTA DA SEMANA não só focalizar costumes, aspectos, cenas e tipos das diversas regiões brasileiras, como ainda caminhar para a formação de um corpo de brilhantes colaboradores, capazes de suprir de bons contos as necessidades desta publicação. Assim, quando tivermos contos suficientemente bons, com abundância, passaremos a publicar, não um único conto brasileiro premiado em nosso concurso, mas dois ou mais, de sorte a favorecer não apenas cinquenta e dois, mas mais de cem concorrentes por ano. Desde agora, o nosso concurso está permanentemente aberto aos nossos leitores, sem os prazos trimestrais que antes vinham sendo observados. Os bons contos, enviados em qualquer data, poderão ser publicados nas nossas colunas, recebendo os seus autores o prêmio de Cr\$ 100,00, instituído pela REVISTA DA SEMANA a título de estímulo aos novos valores literários que vão surgindo através do Brasil.

A postos, concorrentes! Novas e ainda melhores oportunidades aguardam aqueles que resolverem confiar ao papel os frutos da sua experiência pessoal ou as criações de sua fantasia, sob a forma de contos. Toda a correspondência para este concurso deve ser dirigida, de agora por diante, ao nosso diretor-secretário, R. Magalhães Júnior.

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECENTAS MÉR-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 - RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES

A SEMANA EM REVISTA

OS GAFANHOTOS VÃO PARA WATERLOO



Decididamente, os bichos estão na ordem do dia. Não queremos dizer que seja por causa do dr. Bezouro Cintra à frente da Delegacia de Economia Popular nem graças ao dr. Heltor Grilo como secretário da Agricultura do Distrito Federal. Referimo-nos aos bichos, propriamente ditos. À praga de gafanhotos, por exemplo.

Eles vêm por aí, arrazando tudo o que o desmazelo administrativo deixou de acabar, devorando os gêneros alimentícios que não foram exportados, talando os campos, fazendo uma guerra total contra o estômago das populações já cansadas de tanto jejum.

Antigamente, no nordeste, quando o problema do cangaço ainda era uma ameaça constante à tranquilidade das pequenas cidades desguarnecidas, a aproximação de um bando de cangaceiros dava uma nota de sensação à vida pacata do agrupamento humano. As notícias se contradiziam, a aflição crescia, fechavam-se as portas e janelas, desenferjavam-se rifles e garruchas velhas, faziam-se trincheiras das torres das igrejas e se esperavam os bandidos. Ou eles viessem e saqueassem ou fossem rechassados, o certo é que a crônica da cidade ganhava um traço de sensação, havia assunto para as conversas na porta da farmácia ou no pátio da igreja da-

rente muito tempo. Mas o que predominava, mesmo, eram as impressões da expectativa, era o momento que precedia o acontecimento. Era uma lembrança marcante como o "suspense" de um filme.

E' esse o momento que vivemos no Rio, na perspectiva de uma visita da nuvem de gafanhotos que se movimenta de sul a norte. Os terríveis saltatórios que segundo dizem constituem uma massa enorme capaz de tapar a luz do sol, estão dando matéria sensacional ao noticiário dos jornais.

E não há motivo para temê-los no Rio, senão pelas consequências do que eles fizeram lá fora.

Deixai-os vir e eles verão que grande mentira é a cidade maravilhosa. Vai ser o logro mais gozado deste mundo. Deixai-os vir. Apaguem os lança-chamas e recolham os aviões do Exército.

Uma vantagem pelo menos eles trarão aos cariocas. Vão impedir que este sol implacável esgote ainda mais as reservas d'água do abastecimento, cujas falhas as autoridades atribuem em parte ao calor. E além disso, estenderão uma cortina sobre a cidade e nos pouparão o sofrimento desse calor infernal.

Porém o mais gozado será vê-los nas filhas, fúlos de raiva, protestando como nós, contra a falta de gêneros, e maldizendo a hora em que deixaram as campinas frescas lá do sul, embaixados pela propaganda da cidade maravilhosa.

Deixai, senhores, que venham os gafanhotos. Eles se acabarão aqui, como se dissolvem nas cidades sem recursos as companhias de circo e de teatro. O Rio de Janeiro será o Waterloo dos gafanhotos.

OS NAZISTAS PEDEM CLEMÊNCIA



Depois de quatrocentas e tantas sessões, após o interrogatório de milhares de pessoas e a consulta de centenas de milhares de documentos que constituíram um dos mais sensacionais processos da história, os juizes das quatro grandes potências em Nuremberg condenaram os maiores criminosos de guerra. Oficializaram uma condenação que o povo já votara e que executaria sumariamente se a polícia os deixasse um minuto ao desabrigo da lei em qualquer cidade da Alemanha.

Doze dos principais do nazismo ganharam aquilo que eles determinaram para milhares de pessoas, quando havia tempo disponível, ou para variar das câmaras de gás e dos fusilamentos: a força, a morte ignominiosa dos piores bandidos. Quatro foram condenados a penas que variam de 10 a 20 anos, 2 à prisão perpétua e 3 foram absolvidos.

Não estamos na altura de criticar juridicamente os veredictos dos doutos

juizes de Nuremberg. Mas se todos os chefes do nazismo não cometeram crimes suficientes para levá-los à pena de morte, é o caso de abolir essa sentença.

O resultado aí está. Protestos em toda a Alemanha, greves dos operários, ameaças aos absolvidos que morrerão na primeira oportunidade em que a polícia militar de Nuremberg os deixar nas mãos do povo que eles sacrificaram até à exaustão.

Entim, como já dissemos, não nos propuzemos a analisar arestos da justiça internacional. Apenas quisemos reler a repercussão do ocorrido.

Mas o que é extraordinário, sensacional, como índice de cinismo é a coragem dos condenados em pedir clemência. E es que eram capazes — e o demonstraram sobejamente — das maiores barbaridades, de trucidamentos em massa, de saque, de torturas, de tudo o que pode caracterizar o gênio do mal, aparecem agora com os olhos humildes e de mãos postas, protestando inocência e dizendo que se cometeram "algum" erro o fizeram por ordem de Hitler.

Os canalhas não sabem morrer. Os tiranos são tão covardes como perversos. Força com eles que já é muito conceder-lhes as honras de um processo. Força com eles e com os seus discípulos daquém e d'além mar...

DEIXEM CARLOS GOMES EM PAZ



A temporada lírica, ou o lírico, simplesmente, como é conhecida desde muitos anos, ainda constitui um traço característico da nossa vida artística. Ainda não se extinguiram os aplausos para as velhas e queridas árias italianas, chelas de preciosismos e fogo de artifício, os dó-de-peito ainda são aguardados como um instante de suprema perfeição, saiam seja como for. O essencial é que seja um dó-de-peito (que muitas vezes é um si bemol, quando a orquestra transportou a partitura para um tom baixo).

Embora a música sinfônica ganhe terreno em nossas salas de concerto, que no caso ópera e música sinfônica se resumem em duas: o Teatro Municipal e o Rex, Verdi e Puccini ainda têm um público maior do que Beethoven e Cesar Franck. Por isso mesmo, a glória de Carlos Gomes, o nosso único

compositor operístico, resiste ao tempo... e aos maus tratos.

Sim, isto mesmo. Na atual temporada, depois das obras estrangeiras, foi levada à cena a ópera "Salvator Rosa" do genial discípulo de Verdi.

Mas, ou porque os ensaios foram feitos às pressas, apenas pro forma, ou porque os cantores já devessem estar escrevendo as suas memórias, em vez de ocuparem um lugar no palco reservado a outros de maiores possibilidades (o que parece mais provável), o certo é que a representação de "Salvator Rosa" foi um autêntico fracasso. Nada de eufemismos, de dizer que não conseguiu o sucesso desejado ou que os cantores foram pouco felizes no desempenho dos seus papéis. O que houve foi fracasso mesmo, degingolada, incapacidade, confusão.

O público se comportou como verdadeiro amante do bel-canto. Diante daquela farsa, prorrompeu numa vaia estrepitosa, dando a entender que não aceitava o abacaxi.

Não somos apreciadores da música lírica por julgamo-la, com algumas exceções, prolixa e insubstancial. Muita fala e poucas idéias. Nem morremos de amores por Carlos Gomes. Mas o que não é aceitável é que se exponha ao ridículo, vergonhosamente, a única obra nacional da temporada. Ou façam interpretar as obras de Carlos Gomes por bons artistas ou deixem-nas em paz.

D. Itala Gomes Vaz de Carvalho que o diga.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 41 :-: 12-10-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilla e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Distribuição: em S. Paulo: Rua Capitão Salomão, 87 — Tel. 4-1569
Corrs. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746 — Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JUNIOR

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

COLABORAÇÃO:

Brasil Holandês (Escragnolle Doria) .	20
A Inglaterra não mudou (Mallory Brown)	52/53

CONTOS:

"Um dia eu largo tudo isso" (Osvaldo P. Moura)	28/29
"O navio fantasma" (Érico Veríssimo)	17
"A tragédia íntima de um homem mau" (Eduardo Grotto Carretero)	47

BIOGRAFIA:

"A Vida de Adolf Hitler" (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	26/27
---	-------

REPORTAGENS:

Tyrone Power e Cesar Romero no Rio	3
Uma santa norte-americana	4/5
Morte aos líderes nazistas!	22/25
No Reino da Latolândia (Adhemar Nobrega)	8/14
A nova maravilha colorida de Walt Disney (Sally Middleton)	30/33

SECÇÕES:

A Semana em Revista	6
Música-Ópera sob medida (Roberto Lyra Filho)	15
Gente de rádio (Armando Migueis) ..	16
Figuras e fatos	18/19
Bom humor	34
Humorísticos (Kitty)	35
Humorísticos (João Luso)	34/41
Humorísticos (João Luso)	43

DIVERSOS:

Jockey Club Elegante	42
A missão João Neves da Fontoura em Londres	46
Femininas	47
Homenagem à Constituinte	21

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Nossa capa homenageia hoje a famosa atriz Claudette Colbert, uma artista de grandes êxitos. Lembra, ainda hoje, pela sua atuação em "Aconteceu naquela noite", ao lado de Clark Gable, e em "Imitação da vida", Claudette Colbert conquistou, ainda há pouco, um grande êxito, em "O Amanhã é Eterno", ao lado de Orson Welles e George Brent. Seus filmes mais recentes foram "Romance e Fantasia", com John Wayne, na RKO Rádio, e "The Secret Heart", com um grande elenco, na Metro-Goldwyn-Mayer.

Comer Muito! Beber Demais!



Todas as vezes que praticar alguma imprudência ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licor ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convém muito tomar à noite, quando for dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar esses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrêtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem!

Use Ventre-Livre

Não esqueça nunca!

Ventre-Livre não é purgante



O NOSSO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS AMPLIANDO O ALCANCE DA NOSSA INICIATIVA

O êxito do Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA tem sido tão grande que resolvemos, desde agora, ampliar ainda mais o alcance dessa iniciativa, que está despertando tão vivo interesse entre os nossos leitores. Através desse concurso, pode REVISTA DA SEMANA não só focalizar costumes, aspectos, cenas e tipos das diversas regiões brasileiras, como ainda caminhar para a formação de um corpo de brilhantes colaboradores, capazes de suprir de bons contos as necessidades desta publicação. Assim, quando tivermos contos suficientemente bons, com abundância, passaremos a publicar, não um único conto brasileiro premiado em nosso concurso, mas dois ou mais, de sorte a favorecer não apenas cinquenta e dois, mas mais de cem concorrentes por ano. Desde agora, o nosso concurso está permanentemente aberto aos nossos leitores, sem os prazos trimestrais que antes vinham sendo observados. Os bons contos, enviados em qualquer data, poderão ser publicados nas nossas colunas, recebendo os seus autores o prêmio de Cr\$ 100,00, instituído pela REVISTA DA SEMANA a título de estímulo aos novos valores literários que vão surgindo através do Brasil.

A postos, concorrentes! Novas e ainda melhores oportunidades aguardam aqueles que resolverem confiar ao papel os frutos da sua experiência pessoal ou as criações de sua fantasia, sob a forma de contos. Toda a correspondência para este concurso deve ser dirigida, de agora por diante, ao nosso diretor-secretário, R. Magalhães Júnior.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1ª ORDEM
AVIAMSE RECHAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Luztheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 - RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES



A APRENDIZ DE LAVADEIRA —
Não perguntamos se a criança frequenta alguma escola. Mas não precisamos indagar se ela trabalha. Aí está em plena atividade, seguindo o exemplo dos mais velhos, uma menina da praia do Pinto.



O PARAISO PERDIDO — A pequena ilha da Lagôa Rodrigo de Freitas, não fosse o poste de iluminação e os fios, poder-se-ia confundir com uma ilhasinha humilde do Pacífico. dessas que os europeus "blasés" procuram para refúgio da sua vida de civilização requintada. Mas em vez de turistas "blasés" e bailarinas nativas de "sarong", o que ela abriga é uma pequena indústria de moagem de ostras. Comparadas com as dos demais moradores na praia do Pinto, as condições de vida na ilha lhe conferem uma posição privilegiada. Um paraíso perdido nas águas da lagôa.

NO REINO DA LATOLÂNDIA!

Ainda o problema de habitação — A favela da praia do Pinto e as favelas dos morros — "Una voce poco fa" — Miséria, lama e mosquitos, clima ideal para tifo e disenteria — O contraste do Parque Proletário da Gávea — Só para quem tem pistolão... — Crianças viciadas no fumo e no álcool — Um apelo ao futuro prefeito e à Câmara Municipal.

Reportagem de ADHEMAR NÓBREGA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O problema de habitação é o assunto da ordem do dia. Nem mesmo o tifo que anda campeando por estas plagas, disseminado aqui e ali, contando já com um número bem apreciável de vítimas, desafiando a capacidade dos nossos técnicos em assuntos sanitários; nem mesmo a falta d'água que faz as donas de casa botarem as mãos na cabeça sem saber como cozinhar um pedaço de carne conseguido à custa Deus sabe de quanto sofrimento, na fila do açougue; nem mesmo o problema de transportes agravado dia a dia com as inovações do Serviço de Trânsito; nem a carência quase absoluta de gêneros alimentícios retiram à tragédia da falta de teto a posição privilegiada de problema número um da população carioca.

E se a gente se esquece, por alguns momentos de que vive numa cidade sem habitações, basta dar uma volta pelas ruas de qualquer bairro que seja para dar com os olhos nos sinais evidentes da gravidade do assunto.

Ainda a semana passada, tivemos oportunidade de mostrar aos leitores através de uma reportagem sobre as favelas dos morros da zona sul, as condições precaríssimas em que vive uma boa parte da nossa população, precisamente constituída daqueles que constroem arranha-céus, pois os habitantes dos morros de Copacabana e Lagôa são quase todos operários da construção civil.

Mas além daqueles casebres miseráveis trepados e equilibrados milagrosamente nas encostas e nos cristas do morro, há ainda uma população que vive à beira d'água, sobre a lama, pisando o monturo e espalhando a sujeira que há por toda parte.

Ninguém sabe ao certo quantos milhares de pessoas vive ali naquela miséria negra à beira da Lagôa Rodrigo de Freitas, familiarizadas com a imundície, a poeira, com o clima de tifo e de disenteria, com a atmosfera de negação dos princípios mais elementares da higiene.

Há quem ao ler estas linhas fique pensando que o reporter quer fazer um ensaio de literatura para comover os incautos. Pois quem tiver dúvidas sobre a vida na praia do Pinto dê uma volta por lá.

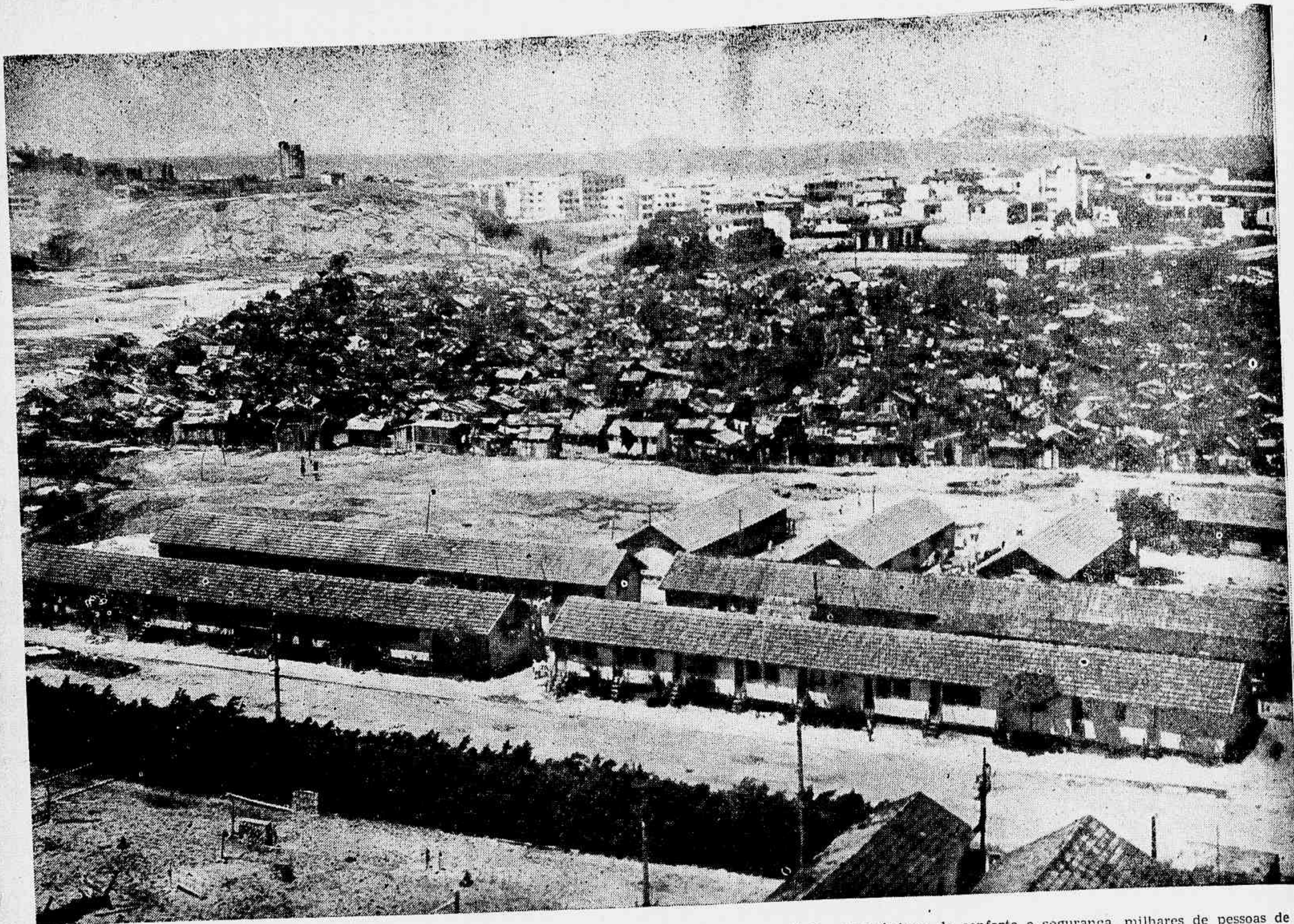
A LATOLÂNDIA

A favela está localizada entre o Leblon e a Gávea, à beira da Lagôa Rodrigo de Freitas.

Ali numa área de um quilômetro quadrado, aproximadamente, alinham-se, amontoam-se é o termo mais apropriado, centenas de casebres, barracões de zinco, pedaços de táboas, folhas de Flandres, estopas, trapos, tudo enfim o que pode ser utilizado como tapume. Nenhum critério prevaleceu para a constituição daquele quisto



HORIZONTES ESTREITOS — Para as crianças da praia do Pinto, os horizontes são estreitos, limitados pelas paredes do barracão, pelo tapume de táboas velhas e pedaços de folhas de Flandres e de zinco. O seu mundo é pequeno e só a imaginação o pode transformar... já que as autoridades não resolvem o problema.



O KASBASH — O leitor já conhece o Kasbash, aquele famoso bairro de Argel, onde moram em condições precaríssimas de conforto e segurança, milhares de pessoas de modestas possibilidades, e onde as fronteiras da lei são plásticas e cedem segundo a audácia e a ambição dos homens. Esta foto da favela da praia do Pinto dá uma idéia do Kasbash. Alí vive uma população para quem o "mundo melhor" ainda não chegou, para quem a água é uma incógnita de todas as manhãs e o tifo e a disenteria a ameaça de todos os instantes.

residencial, senão a desordem absoluta. As normas mais elementares de urbanismo foram abandonadas em nome da necessidade de se construir o maior número possível de barracos.

O espaço é pequeno, circunscrito pela margem da lagôa, pelas ruas adjacentes da Gávea e do Leblon, pelo Jockey Clube e pelo estádio do Flamengo. Entre estes, dois há uma porção de barracões mas a maior parte, o grosso da favela, o Kasbash mesmo, fica entre o campo do Flamengo, a Gávea, o Leblon e a beira da Lagôa.

Aí vive uma população estimável em alguns milha-

res de pessoas, arrastando sobre a lama do chão mole das vielas e dentro dos casebres sujos e sem luz uma existência de párias.

DIFERENTE DAS FAVELAS DOS MORROS

Quando falamos das favelas dos morros da zona sul, insistimos em mostrar que os seus moradores enfrentam condições de vida bem hostis, principalmente devido à falta d'água agravada pela obrigação quotidiana das escaladas. Não há nos morros (da zona sul, bem entendido) a vida boêmia, as complicações policiais arranjadas pelos arruaceiros, a constância de crimes, a fisionomia peculiar das favelas da zona norte pela qual ficaram conhecidos o Salgueiro, a Mangueira, a Favela, Estação Primeira e outros redutos da boemia popular.

Os morros dos Cabritos, da Catatumba e da Babilônia primam pelo ambiente familiar que os seus moradores procuram conservar e fazem questão de defender.

O que neles predominam é mesmo a pobreza extrema, as condições penosas de existência, a luta ingrata e exaustiva pelo pão de cada dia.

UMA FAVELA DIFERENTE

Mas na praia do Pinto a fisionomia é diferente, o clima é outro. Há a miséria econômica como ponto de contacto com a vida das outras favelas, porque a miséria é uma constante em todos os agrupamentos proletários do Rio de Janeiro atual. Há o problema da falta d'água, marca inconfundível da capital da República. Há o lixo e a lama espalhados pelas vielas tortuosas que o capricho do acaso foi engendrando aos poucos; a carência de gêneros, a ambição e o câmbio negro praticado pelos donos das "bircas". Tudo isto, — a miséria da falta d'água, de gêneros, de conforto, o monturo, a lama, os

mosquitos e a ameaça constante de uma epidemia, as "bircas" e o câmbio negro — existe nos morros e na praia do Pinto.

Mas agora esses pontos de contacto, eles têm suas características, suas peculiaridades que o definem, que não se deixam confundir.

Os morros, por exemplo, têm as ladeiras, verdadeiros "testes" de resistência para as pernas dos seus habitantes, enquanto a praia do Pinto se espalha numa planura de mangue.

Esta, por sua vez, tem ruas. Ruas inspiradas em caminhos de cobra, é verdade, mas ruas, verdadeiros corredores de labirinto por onde a gente se aventura sem saber se vai chegar ao objetivo visado ou se vai tornar ao ponto de partida. Já o morro, em vista das condições topográficas, não têm esse elemento urbanístico. Os barracões são plantados segundo as possibilidades do terreno de modo que a idéia de uma série de casas, uma após outra, fica inteiramente abolida.

CARACTERÍSTICAS SOCIAIS

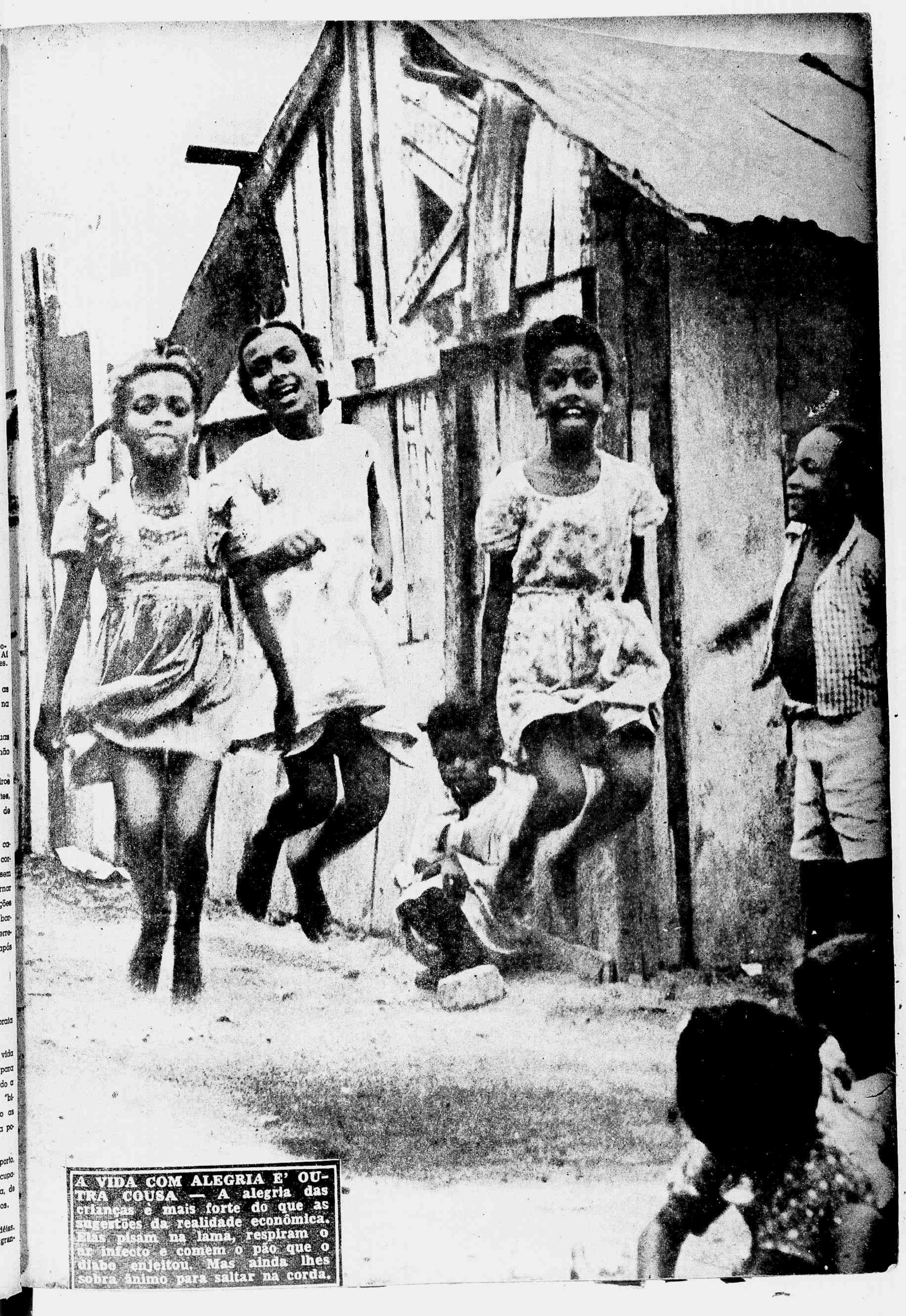
Entretanto, o que mais diferencia a favela da praia do Pinto das outras é a sua fisionomia social.

Enquanto as populações dos morros levam uma vida pacata e amorfa, de trabalho para casa e de casa para as filas da água, do açúcar e outras mais, conservando a aparência de cidadãos morigerados, comprando nas "bircas" apenas gêneros alimentícios, desconhecendo as arruaças, as provocações, os conflitos e as visitas da polícia, na praia do Pinto já não se dá o mesmo.

Há uma imitação da vida de bairro de cais do porto, de subúrbio animado em noites de sábado, há a preocupação do divertimento, da alegria, o que lhe empresta, de mistura com a miséria econômica contrastes curiosos.



A TESOURA — Enquanto ferve o feijão na panela, as mulheres se juntam num canto de muro para trocar idéias. Trocar idéias entre mulheres é nada mais nada menos do que cortar na pele alheia. Isso, desde os salões mais grandiosos até os barracos de zinco. A espécie humana é uma só. As casas é que são diferentes.



A VIDA COM ALEGRIA E' OUTRA COUSA — A alegria das crianças é mais forte do que as sugestões da realidade econômica. Elas pisam na lama, respiram o ar infecto e comem o pão que o diabo enfeitou. Mas ainda lhes sobra ânimo para saltar na corda.



"UNA VOCE POCO FA" ESCANDALIZA UM REPORTER

A frequência dos aparelhos de rádio é bem considerável, se levamos em conta as míseras possibilidades econômicas dos moradores.

A proporção que vamos andando pelas vielas sujas, vamos ouvindo anúncios, prefixos de estações, sambas, jornais falados, noticiário da Prefeitura e outros condimentos do repertório radiofônico.

E num dado momento, para surpresa nossa, entra-nos pelos ouvidos os gorgiejos de um soprano reproduzindo os caprichos do "bel canto" na ária "Una voce poco fa". Que escândalo! Rossini na praia do Pinto. Milagre do rádio, sinal dos tempos.

Mas uma voz pouco faz e enquanto continuamos a caminhada, um samba enfezado surge de outro barracão e abafa inteiramente a delicadeza e o preciosismo da ária italiana...

VIVA A ALEGRIA

Em breve esquecemos Rossini e a sua ária, quando deparamos com um grupo de crianças sujas e descalças, num coto de rua, saltando a corda animadamente. A alegria infantil supera a realidade econômica. Possivelmente algumas daquelas crianças ainda não comeram um pedaço de pão com manteiga (pudera!) e no entanto ali estão cabriolando como se vivessem num mundo de fadas.

Há uma disputa sobre quem deve aparecer na fotografia, disputa que Vieira resolve batendo a chapa sem aviso prévio e continuamos.

A paisagem é sempre a mesma, latas, táboas velhas, lama, miséria e crianças maltrapilhas perambulando inutilmente.

UM "TEST" PARA A MEMÓRIA

Uma senhora vinha saindo de uma "birosca" onde discutia com o dono a respeito do preço de bananas.

— Minha senhora, queríamos uma informação.

— Às suas ordens, moço.

— Nós entramos aqui e andamos há meia hora sem atinar com a saída deste labirinto. Por onde se vai até a beira da lagôa?

— Preste atenção: o senhor vai em frente, dobre à esquerda, depois na segunda entrada à direita, siga em frente, em frente, até a "birosca" de seu José, vire à direita novamente e na "toca" do Antonio, dobre à esquerda que vai dar na lagôa. Entendeu?

— Entendemos, sim, perfeitamente... (Pois sim...)

E saímos procurando reconstituir a complicada informação que nos dera a mulher das bananas.

Certamente não fomos pelo mesmo caminho mas em pouco tempo estávamos à vista da lagôa.

Respiramos profundamente para desabafar os pulmões daquela atmosfera da favela. Em frente, de um lado e outro era roupa estendida, até onde havia terreno desocupado. O descampado ali nas proximidades daquele ajuntamento confuso de barracões fez-nos pensar que havia alguma restrição quanto ao levantamento de novos casebres. Indagamos uma lavadeira.

— Não. Aqui quem quiser levanta o seu barracão onde bem entende.

— E por que não ocupam o terreno vago, preferindo atulhar este trecho já tão chelo de casas?

— Não sei. A verdade é que aqui não se paga para fazer barraco. Quem quer faz onde bem entende.

Um grupo de mulheres se acerca do reporter. Querem saber se há alguma novidade, se vão acabar com a favela, se há alguma ordem de despejo, se vão perder o seu barracão, enfim, as perguntas denotam a preocupação de perder o teto, embora miserável.

Tranquilizamos. Nada disso. Trata-se apenas de uma reportagem sobre as condições de vida dos moradores.

— Miséria aqui é mato, — diz uma crioula, sintetizando na sua apreciação sumária toda a tragédia dos que moram na praia do Pinto.

O PAPELEIRO — Sua profissão é a de apanhador de papéis e trapos pelas ruas. Mas ele faz este "biscate", vez por outra: arranja sapatos, vestidos, cintas, chales e outras peças abandonadas do vestuário feminino e vai vendê-las na praia do Pinto. Preço de liquidação. De três a cinco cruzeiros por um autêntico Luiz XV. Quem se habilita?

NÃO SE ALUGAM BARRACOS

— E qual é o preço de aluguel de um barracão aqui?

— Os barracos daqui, — responde agora um preto com uma rodilha na cabeça (provavelmente andou carregando água) — não se alugam. Todos são de propriedade dos moradores.

E sem esperar por outra pergunta, foi dando uma informação sobre o processo de construção...

A gente escolhe um lugar plano e vai trazendo táboas da cidade. Todo dia traz-se um bocado de troço velho, latas, estacas, pregos e outros apetrechos. E lá um domingo, quando a gente está mais disposto, "toca-se o pau" e levanta-se o barraco.

— E vende-se, depois de pronto? Qual é o preço?

— Não me lembro, não conheço ninguém que tenha comprado um. Também é muito melhor fazer do que comprar. Qualquer pessoa pode fazer. Se a gente fosse comprar, o dono pedia uns duzentos cruzeiros no mínimo. Não é vantagem. E saiu ajeitando a rodilha na cabeça.

AS CRIANÇAS NÃO VÃO À ESCOLA

Uma coisa que nos chamou a atenção foi a circunstância de não ter visto nenhuma criança com farda escolar, o que é muito comum nos morros, mesmo para as que moram nos lugares mais altos.

E no entanto, há uma escola nas proximidades da favela, precisamente ocupando uma das casas de madeira do Parque Proletário da Gávea.

— Qual? Não há tempo para escola. Eu tenho que sair pra trabalhar. E quem vai ficar com a criança mais nova?

Abordamos outras pessoas sobre o mesmo assunto. As respostas foram todas negativas. Em alguns casos, as crianças em idade escolar ficam em casa tomando conta dos irmãos, noutros, vão para as filas, quando não é isso, é que estão batendo aquela zona atrás duma lata d'água. Ou a falta de roupa, ou o preço dos livros...

E a criangada vai crescendo naquela vagabundagem malfazeja, na ignorância, no aprendizado dos vícios. Que se pode esperar dos homens de amanhã que foram na infância crianças desprezadas?

O PAPELEIRO FAZ UM BISCATE

De volta, agora mais identificados com os segredos do labirinto da favela, vamos atravessando o Kasbash.

À beira de uma poça de lama, vamos encontrar um velho recostado preguiçosamente a um muro. A fisionomia bondosa e serena e a longa barba que lhe cai sobre o palitô sovado e sujo, emprestam-lhe um ar de filósofo, uma auréola de santo. Junto dele um carrinho de mão transbordando de sapatos velhos, vestidos, chinelos, cintas, pedaços de colchas, chapéus femininos e outras peças de vestuário, numa confusão absoluta de cores e formas, tudo velho e sujo.

— Que é que o senhor está fazendo, velho?

— Um biscatezinho por aqui?

— Trabalha em quê?

— Eu sou papeleiro. Trapeiro, — entende? Mas vez por outra eu arranjo estas cousas para vender aos moradores daqui.

— E isso dá alguma coisa?

— As vezes. Hoje estou sem sorte. Mas sempre consigo vender alguns sapatos. O preço varia. Depende do estado dos objetos. Os mais baratos são três cruzeiros, mais ou menos. E abaixando a voz: mas aqui pra nós, se hoje me derem um cruzeiro por qualquer coisa eu não rejeito. Ainda não fiz nada e isto me pesa como o diabo.

Deixamos o velhinho com a sua mercadoria e fomos andando. As impressões se repetiam mas não se renovavam, não havia novidades na paisagem, só os sinais de indigência econômica, de miséria sanitária, de ruína física dos homens, de envelhecimento precoce à custa da fome, do álcool, do trabalho duro, das condições hostis de existência.

RUAS SINUOSAS — As ruas da praia do Pinto primam pela irregularidade. Parecem inspiradas nas idéias de algum urbanista de Canudos. De um lado e do outro, barracos de táboas e de latas velhas, no chão a lama, no ar os mosquitos. Só o céu azul e límpido se salva da sujeira.





CORDÕES DE ROUPA E "BIROSCAS" — Em toda a favela, predominam os cordões de roupa lavada e as "biroscas". Esta é a paisagem do dia na praia do Pinto. A noite, os homens recorrem às "biroscas" para esquecer as máguas da vida e acontece que às vezes esquecem a linha e há barulho, nomes feios, correrias, bofetões e unhas desfeitas. Mas depois tudo se restabelece e a vida continua como dantes: o trabalho, a lama, o ar carregado de miasmas e o chão poeirento ou enlameado.



TEM ESPERANÇA NO FLAMENGO...

Mas são muito ricas as reservas de resistência em certas pessoas. Insensibilidade ao sofrimento ou estoicismo de espartano, o certo é que alguns moradores nas favelas conseguem um sorriso por sobre a miséria em que vivem. Ou melhor, não tomam conhecimento dela. Aceitam-na. Como uma fatalidade ou como uma provação, aceitam-na sem protestos, resignadamente.

Assim é que encontramos um jovem mulato de calças carregadas e camisa listrada, trazendo um constante desafio ao olhar crucificado, tipo acabado de bomba de zorra.

— O senhor não tem esperanças de que isto melhore? Por que não procura fazer um memorial à Prefeitura pedindo para melhorar as condições de higiene, pelo menos? Não têm confiança de ser atendidos?

— Eu tenho confiança mas é na vitória do Flamengo. É claro que isto foi dito antes de domingo último... Mas é provável que a estas horas, o mulato ainda mantenha o mesmo entusiasmo com relação às possibilidades do seu clube.

O PARQUE PROLETÁRIO

Afinal conseguimos sair do labirinto da favela, graças à experiência adquirida ao atravessá-la pela primeira vez.

Em contraste com o entulho de latas e caixões velhos e como exemplo do que poderia ser realizado em favor daquela população desprezada, ali está, bem junto, o Parque Proletário da Gavea, com algumas centenas de casas de madeira bem acabadas, guardando entre si o espaço necessário à ventilação, as ruas limpas, os interiores confortáveis, oferecendo aos moradores condições de habitação modestas mas decentes, condizentes com a dignidade humana.

O Parque Proletário, construído sob os auspícios da Legião Brasileira de Assistência, é um exemplo do que se poderia fazer em relação aos demais moradores das favelas, não como obra de caridade mas como um esforço da administração pública para salvar da degradação física os que são obrigados, pelas condições de pobreza,

(Continua na pág. 50)

O MARIDO DA ANELIA — A água, a falta d'água, que sempre diz, é a constante que mais se acentua dentro dos problemas que afligem os moradores nas favelas. Através de Araújo resolveu o seu caso engendrando este carro. Não fosse isso e a sua mulher não poderia lavar roupa. E que sorte da família, se ele está desempregado?

ÓPERAS SOB MEDIDA...

ARTE LÍRICA, MODELO 1946 — OS MORTOS SÃO ASSASSINADOS — LAURITZ MELCHIOR, DE WAGNER A "THRILL OF A ROMANCE" — QUEM DÁ MAIS PELA MINHA CONSCIÊNCIA ARTÍSTICA?

Por ROBERTO LYRA FILHO

Especial para REVISTA DA SEMANA

CYRANO DE BERGERAC, de acordo com a fantasia de Edmond Rostand, emprestava sua voz e sua eloquência aos atores físicos de Cristiano de Neuville, para que este pudesse conquistar Roxana. Das sombras, subia uma suplica irresistível. "Um beijo!" A moça cedia tímida e maravilhada. E enquanto Cyrano se alçava, de coração pesado, Cristiano ia cobrar o prêmio, fraudulentamente conseguido.

Falando em filmes e em ópera, lembramos a história do herói gasão. Muitas vezes, o que vemos na tela é a repetição do enredo de "Cyrano de Bergerac". Quem não se recorda daquelas cenas de Anthony Adverse em que Olivia de Havilland parecia cantar? Na realidade tinha sido anteriormente gravado o som e ela só fazia mover os lábios afin de que a ilusão fosse completa e que sua graça extraordinária ficasse fixada no celuloide enquanto uma voz suave encantava, no "background"...

Sim, porque aqueles Olivia nunca emitia em sua vida a não ser nos momentos de cólera e, então, não se tratava de canto, especialmente...

Aquela fisionomia sorridente, mantendo a placidez nos momentos mais difíceis, em que os cantores, habitualmente, não conseguem evitar as caretas, para que o som brote cristalino, tudo aquilo é conseguido por intermédio de um artifício. Mesmo os que cantam, realmente, muitas vezes gravam, antes, a parte musical, de modo que, na hora, estão simplesmente imitando o canto, com a mímica correspondente, exatamente da mesma forma que os falsos cantores... Hollywood é fértil nesses recursos. Assim mesmo a proeza sensacional de Bruna Castagna, em temporada lírica, aqui, no Rio, cantando e dançando ao mesmo tempo, no segundo ato da Carmen, seria facilmente realizada, e ainda mais: sem cansaço...

COMO SE FABRICA UMA ÓPERA

Grace Moore falou, em curiosa entrevista, a respeito do sentimento artístico de alguns produtores que sacrificam ao número, a qualidade dos trechos escolhidos. Quartetos do "Rigoletto" com quarenta figurantes... Coisas inconcebíveis. É verdade que esse delírio, esse gigantismo nem sempre aflige os diretores. Entretanto,

sempre há um dia em que se abandona o bom senso... Temos, então, em vez de seleções de determinadas óperas, em versões deturpadas, coisa muito pior: parte a ordem e os compositores regamente contratados pelos públicos a receberem, conformados:

— Vamos deixar essas velharias. Quero uma ópera novinha em folha para o novo filme...

Oscar Levant, uma mistura de cínico e sentimental, pianista famoso e escritor não menos ilustre, conta, num estilo que lembra o nosso Agripino Grieco, como confeccionou com auxílio de tesoura e cola, uma ópera diferente de qualquer coisa que jamais foi levada à cena, aqui, na Europa ou na Conchichina...

— Tinha que arranjar alguma coisa, "violentamente russa", segundo as instruções. A concepção da Rússia de meu produtor era um lugar mais escuro e mais sujo, muito "exciting", como assassinos e heróis, estes infinitamente desprezados e aqueles infinitamente degradados — todos gritando muito; e longas cenas de lágrimas seguindo longas cenas de fúrias. Em suma, alguma coisa "too, too Russian".

Diante daquelas exigências Levant procurou cenas do Boris Godunov de Mussorgski e misturou-as, para torná-las mais leves, com bom tempero italianizado, numa orquestra cujo acompanhamento ele descreve pitorescamente como sendo do tipo "pa-pa-pum... pa-pa-pum". Estava pronta a ópera. — Foi um sucesso. De que espécie é que é difícil determinar...

ASSASSINANDO OS MORTOS

A receita, em suma é esta: tome alguns trechos de bons compositores, agite bem, e sirva, para gozoso do público. Amen. Os trechos escolhidos não são, necessariamente, de óperas. E assim como de sinfonias se fazem baillados, inventando uma coreografia, Hollywood, de sinfonias e peças de câmara, faz óperas, juntando-lhe versos e separando melodias fáceis para serem cantadas...

Recentemente, quando a Metro Goldwyn Mayer precisou de condimento operático para dar maior sabor a um enredo insípido, no qual figuravam o tenor Lauritz Melchior, mandou preparar um prato à altura da estatura



Lauritz Melchior, que fez "Thrill of a romance" e, posteriormente, "Two Sisters From Boston", com Jimmy Durante e outros.

gargantuesca do cantor, que, em papéis wagnerianos, impressionou os granfinos do Metropolitan e conquistou Paris como o melhor intérprete do "Otello", de Verdi. Agora Melchior está ganhando, rapidamente os corações dos "fans" em papéis de velho casamenteiro e cantor... Triunfou em "Thrill of a romance" — título próprio para uma novela de rádio — ao lado de Van Johnson o galã que o clube dos Amigos da Onça premiou como o "pior artista do ano" segundo informa a revista "Time".

Em "Two Sisters From Boston", portanto, consuma-se mais um atentado contra compositores mortos que não podem defender sua obra desses assaltos para confecção de óperas "sui generis".

Estão lembrados do "Fantasma da Ópera", onde Susana Foster cantava umas coisas incríveis, inspiradas em Chopin, que nunca pensou em fazer óperas e em Liszt que ficou assim castigado do número tremendo de adaptações para piano que fez de obra alheia?

Agora, da *ouverture* "Ruy Blas", de Mendelssohn, elegante judeu alemão, cuja vida foi um mar de rosas

(Continua na pág. 48)

Flagrante colhido no estúdio da Metro, no qual aparecem Lauritz Melchior e sua esposa, com o pianista José Iturbi e o diretor Henry Koster.





SILVIA AUTUORI, a "Tia Chiquinha" da "Hora do Guri", que a Rádio Tupi apresentou com absoluto sucesso, e através da qual descobriu valores para o "broadcasting", como o "Côro dos Apiacás", estreou no rádio no mês de agosto de 1934, na antiga Ipanema, escrevendo programas femininos. Antes porém, escreveu para diversos jornais, inclusive o "Diário de São Paulo", onde fazia movimentada seção feminina. Seu grande sucesso como radialista, apesar de ser autora de inúmeros programas e várias novelas, foi, na sua opinião, "O Casal do Barulho", série de cenas interpretadas por Paulo Gracindo e Norka Smith. Esse mesmo programa humorístico, quando de seu ingresso no quadro redatorial da PRE-3, foi vivido por Zezé Fonseca e Sadi Cabral. Na Rádio Globo, para onde foi levada por Manuel Barcelos, Silvio Autuori começou a se dedicar às novelas, tendo escrito, entre outras, "Quartos para alugar". Também lançou o "Teatrinho de Eva", programa que teve a participação de vários elementos do "cast" de rádio-atores da Globo. No momento, escreve "Palavras de Amor", programa irradiado pela PRG-3, diariamente, às 20 horas, além de se dedicar às novelas, uma vez que pretende trabalhar por conta própria. Deve deixar a PRE-3 no próximo mês de novembro, quando estará terminado seu compromisso com essa emissora. Casada com o maestro Leonidas Autuori, gosta bastante do rádio, no qual prefere os programas cômicos, como os de Jararaca e Ratinho, Alvarenga e Ranchinho, Anedotário das Profissões, Colégio Musical de Ari Barroso, Silvino Netto.



ALCIDES GHERARDI, cantor que Ari Barroso pretendeu chamar para intérprete de suas composições, nasceu na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 15 de maio de 1918. Seu contacto com o microfone deve-o à vontade de vencer no rádio, embora conhecesse outras profissões, pois militou no comércio e chegou também a ser agente de publicidade. Integrando o conjunto os "Três Marrecos", Alcides Gherardi viu-se-lhe abrirem as portas do sucesso, quando a Rádio Transmissora se interessou pelo seu concurso e o contratou com exclusividade para animar as audições da orquestra de Simão Boutman. Contratado pela Rádio Tupi de São Paulo para uma longa temporada, conquistou logo em seguida novo contrato na PRE-3. E quando da aquisição dessa emissora pelo Globo, o primeiro cuidado dos novos dirigentes da estação foi o de melhorar o contrato desse cantor que, em sua bagagem musical, inclui várias gravações, como "Suely", valsa de Antenógenes Silva e Miguel Lima; "Meu defeito", samba dos mesmos autores; "Polonaise", arranjada em ritmo de samba por Alberto Ribeiro e Antonio Almeida; "Lili Marlene" e várias outras. No rádio, prefere entre os cantores Silvio Caldas e Isaurinha Garcia, enquanto no cinema prefere Spencer Tracy e Ingrid Bergman. No teatro Rodolfo Mayer e Zezé Fonseca são os seus favoritos. Gosta muito de ler Stefan Zweig e Humberto de Campos. Torcedor do América, nem por isso pratica o futebol, sendo seu esporte preferido mastigar um bom churrasco à gaúcha. Pesa setenta quilos e tem um metro e sessenta e sete de altura.



SILVINO NETO, que já usou o pseudônimo de Pablo Gonzalez como cantor, nasceu a 21 de julho de um ano não muito distante, em plena capital de São Paulo. Garoto ainda, sentiu-se preso às musas, devorando todos os livros de poesia que lhe caíssem às mãos, a ponto de se tornar declamador. E, com seis anos de idade, cantava nas festinhas familiares, de preferências valsas e canções, gênero de que mais tarde se tornaria compositor. Seu ingresso no rádio o fez através da Rádio Educadora de São Paulo, indo a seguir para a PRE-6, onde estreou com aquele pseudônimo, cantando com a orquestra Columbia, dirigida por Gaó. Seu "cachet" inicial foi de trinta cruzeiros por programa, o que maravilhou o criador de Pimpinela. Cantou a seguir na Rádio Clube de Santos e na Rádio São Paulo. Veio a seguir para o Rio, estreando na Rádio Nacional, após uma série de peripécias, não mais como cantor e sim na qualidade de humorista, imitando Lamartine Babo, Nicolau Tuma e George Fernandes. Tempos depois criou Pimpinela. Anestésio. Seu Acácio e doutor Januário, com os quais conquistou grande popularidade, a ponto de oferecer-lhe a Rádio Club vantajoso contrato. Dessa emissora passou-se para a Tupi, de onde saiu para voltar à Rádio Nacional. Na PRE-3, Silvino Neto vem apresentando o "Cartório do Dr. Januário", programa irradiado às sextas-feiras às 21.30, além de tomar parte no "Taboleiro da Baiana". O festejado humorista é "fan" incondicional de Francisco Alves, admira no cinema Bette Davis e Paul Muni e gosta de laranja gelada. É autor de várias composições de sucesso, entre elas "Valsa dos namorados", "Senhorita Pimpinela" e "Eu não te dou a chupeta".



MARIA DO ROSARIO SALES que vocês conhecem como Yara Sales, é descendente de índios botocudos, tendo nascido às margens do rio Tietê, a 27 de julho de 1912. Antes de ingressar no rádio, foi arquivista do Ministério das Relações Exteriores, onde travou conhecimento com Paschoal Carlos Magno, que a lançou no Teatro do Estudante. Sua estréia ocorreu a 27 de novembro de 1933, na apresentação do drama de Gonçalves Dias, "Leonor de Mendonça", levado à cena no Teatro Municipal. No ano seguinte, passou a integrar o "cast" da Rádio Nacional, na qualidade de rádio-atriz, ao lado de Celso Guimarães e Saint-Clair Lopes, nas irradiações do programa "As mais lindas cartas de amor". Depois fez sua estréia no "Teatro em Casa", trabalhando na peça de José Wanderley, "A última loucura". E quando da novela "Em busca da felicidade", foi escolhida para o papel de Carlota de Moraes, o qual marcou verdadeiro êxito em sua carreira artística. Já então dirigia o programa "Embaixatriz" e atuava como animadora de vários "broadcasts". A 12 de abril de 1942, passa a tomar parte no "Trem da Alegria" e a 12 março de 1944, com a passagem desse programa para a PRA-9, deixou a Rádio Nacional. Hoje, além de atuar no "Trem da Alegria" e na "Hora do Pato", ambos pertencentes à Mayrink Veiga, faz o papel de Josefina em "O Iluminado" e o de "Sara" em "A mulher dos meus sonhos", novelas irradiadas pela Tupi, assim como é a Juraci do "Chalet do Negrinho". Torce pelo Fluminense, acha que Heber de Boscoli é um grande animador de programas de auditório, aprecia Silvio Caldas e Dircinha Batista como cantores populares; gosta de Zezé Fonseca, Ismenia dos Santos, Paulo Gracindo e Luiz Tito como rádio-atores. E adora um vatapá.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

O NAVIO FANTASMA

Conto de DENNIS KENT.
(Érico Veríssimo)

Ilustração de ARMANDO MOURA

É noite escura e o cais está deserto. Ivo ergue a gola do sobretudo. Sente muito frio, e o silêncio enorme e hostil enche-o de um vago medo. Vai viajar. Mas é estranho... Tudo parece diferente do que ele sempre imaginara. O grande transatlântico se desenha sem contornos certos contra o céu de fuligem. Não se vê um só vulto humano no cais. Advinha-se, entretanto, na treva a presença rígida e gelada dos guindastes.

Os minutos passam. Ivo olha. Sim, agora vê com mais clareza a silhueta do grande barco. Ele vai viajar! O seu sonho se realiza. Ficarão para trás todas as suas angústias. É uma libertação. Devia estar alegre, sacudir os braços, correr, gritar. Mas uma opressão estranha o paralisa. Que é isto? Onde estão os outros passageiros? Onde se meteu a tripulação? É inquietante este silêncio noturno. É pavorosa esta sombra glacial que envolve tudo. Ivo quer lançar ao ar uma palavra. Pronuncia bem alto o seu nome. O som morre sem eco. O silêncio persiste. Então ele começa a sentir um mal-estar que nem a si mesmo consegue explicar.

Vislumbra vultos imóveis na amurada do paquete. Dir-se-iam guardas petrificados dum palácio de pesadelo. Por que não se movem? Por que não falam? A esta hora a orquestra de bordo devia estar tocando uma marcha festiva. Carregadores gritando. Passageiros, empregados de hotel, agentes da companhia de navegação, guardas — muita gente devia andar pelo cais num formigamento sonoro. No entanto reina o mais espesso silêncio... Ivo dá dois passos. Surpresa de sentir-se tão leve. Caminha sem o menor esforço. É como se não encontrasse nenhuma resistência no ar, como se suas pernas fossem de algodão.

Bota a mão no bolso. Sim, ali está a sua passagem. Fica mais tranquilo e encorajado. Pode embarcar. Deve embarcar. Será decepcionante perder o navio...

Caminha para a prancha. Hesita um instante antes de partir, porque a seus ouvidos sôa, muito fraca, muito abafada, uma voz amiga.

— Ivo, Ivo querido, fica comigo!

Inexplicável. De onde veio a voz? Volta a cabeça para os lados, procurando.

Pouca gente sabe que Érico Veríssimo, o romancista de "Um lugar ao sol", "Caminhos Cruzados", "O resto é silêncio" e "Olhai os lírios do campo" é também um excelente contista. Foi, aliás, como contista, que Érico Veríssimo estreou nas letras, com o livro quase esquecido, "Fantoches", que ele próprio parece ter repudiado. Mas, depois disso, Érico Veríssimo fez ainda muitos contos, publicando-os na revista "Novela", de que foi diretor, sob diversos pseudônimos americanizados. Um desses contos, assinado com o pseudônimo de Dennis Kent, figura agora no volume "As mãos de meu filho", editado



Ivo sente-se desfalecer de medo.

— Meu Ivo, por que foi? Por que foi?

Outra vez a voz. Ivo estremece. Na amurada, os vultos humanos continuam imóveis. Nenhum deles podia ter falado assim com aquela ternura longínqua. Porque eles devem ter uma voz de pedra, voz de caverna...

Parado ao pé da prancha Ivo olha para o alto. Vê um homem lá no fim da escada. Está de pernas abertas, braços cruzados, olhando para baixo. Ivo não lhe pode distinguir as feições. Mas é curioso, ele sente a força de dois olhos magnéticos que o fitam. Aquele olhar é um chamado, uma ordem.

Ivo começa a subir. Lembra-se de um trecho de antologia da sua infância. André Chenier subindo as escadas do cadafalso. Sim, ele sente que vai ser gui-

na coleção Tucano. — o "livro de bolso" da Livraria do Globo. É "O navio fantasma", uma produção de 1937, com quase dez anos de idade, portanto.

Os contos que Érico Veríssimo escreveu nessa oportunidade para "Novela" estão ligados a uma anedota interessante. Uma publicação argentina transcreveu um deles, que fez traduzir para o espanhol, — e, para se mostrar erudita, juntou-lhe uma notícia biográfica do autor, citando a universidade que ele cursara o batallhão a que pertencera durante a Grande Guerra...

lhotinado. Lá em cima está o carrasco. Ou será apenas o capitão? Ivo sobe. Um, dois, três, quatro degraus... O frio aumenta, Ivo começa a tiritar. Cinco, seis, sete. Sente uma tontura. Subiu apenas sete degraus, mas agora o cais está tão longe de seus pés, que ele tem a sensação de se encontrar no alto duma torre imensa. O vento sopra, gelado como a mão dum morto. Mas por que lhe vêm com tanta insistência esses pensamentos macabros? Esta não é uma viagem, a sua desejada viagem transoceânica? Deve então alegrar-se, cantar... Procura assobiar uma ária alegre. Mas o vento lhe impõe silêncio. Ivo sobe... Quando senta o pé no navio

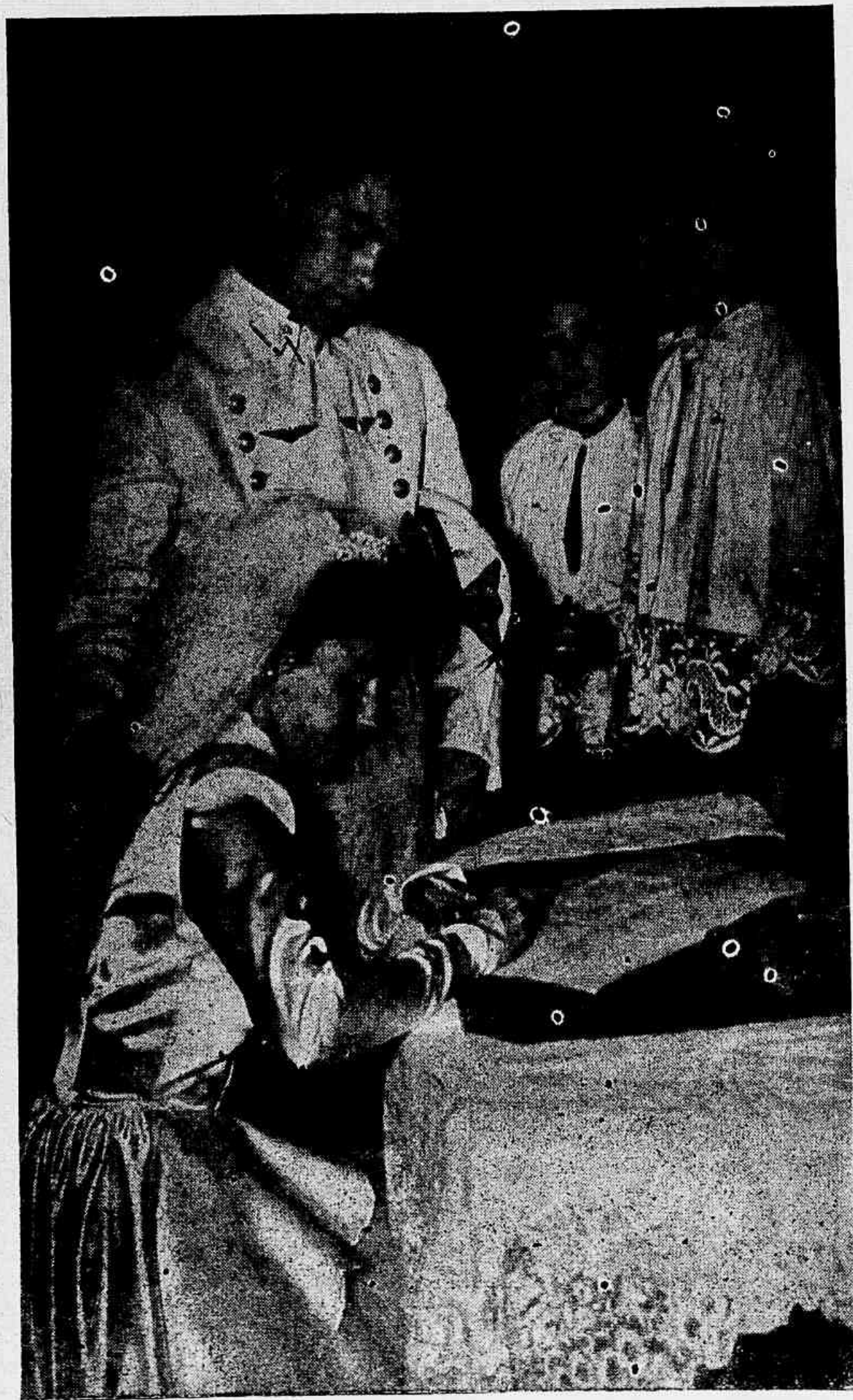
(Continua na pág. 48)





FIGURAS E FATOS

Flagrante apanhado no aeroporto desta capital por ocasião do recente regresso do cirurgião-dentista Hermínio Ferrel-ra da Costa, elemento destacado da nossa sociedade, que foi aos Estados Unidos tratar de interesses de sua profissão. O ilustre cirurgião manteve contato com o alto mundo científico norte-americano o que tornou muito proveitosa sua permanência naquele país.



Flagrante colhido a 21 de setembro último, às 17 horas, na igreja da Candelária, por ocasião do enlace matrimonial da srta. Terezinha Gosling Sande, filha do casal Georgino Sande Péres - D. Maria Stela Gosling Sande, com o 1º tenente Ary Sayão Caldeira Bastos, filho do Cel. Ary Caldeira Bastos e de d. Maria de Lourdes Caldeira Bastos.



Flagrante colhido numa das elegantes reuniões do Clube Caixeiral de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, na qual aparecem os Drs. Oliveira Mesquita, prestigioso advogado, e o Dr. Olivé Leite, conhecido médico local, acompanhados de suas exmas. famílias.

Grupo de cadetes do navio escola "Saldanha da Gama", por ocasião desse vazo da nossa Marinha no Canadá, falando, em Montreal, na estação de ondas curtas de Mount Royal, em que foram apresentados pelo locutor José Barreiros. O capitão de mar e guerra Fernando Almeida da Silva, comandante do "Almirante Saldanha", foi na ocasião homenageado pela Rádio Canadá.





RAJA GABAGLIA - BULHÕES PEDREIRA

A CRÔNICA SOCIAL CARIOCA registrou no dia 26 do mês p. passado, o enlace matrimonial da gentilíssima senhorinha Gilda Pessoa Raja Gabaglia, filha do engenheiro Edgard Raja Gabaglia e D. Laurita Pessoa Raja Gabaglia, com o sr. José Luiz Bulhões Pedreira, filho do Dr. Mario Bulhões Pedreira e D. Carmen Costa Rodrigues Bulhões Pedreira.

O casamento civil foi realizado na residência dos pais da noiva, na maior intimidade, tendo servido como testemunhas por parte da noiva: Dr. Adolpho Dourado Lopes, Dr. Martinho Rodrigues Mourão e D. Maria Luiza Pedreira Toselli; e por parte do noivo: Dr. Fernando Antonio Raja Gabaglia e Senhora, e o Ministro Edmundo da Luz Pinto.

Na cerimônia religiosa, realizada às 17 horas na Matriz da Candelaria, foi celebrante o Padre Leme Lopes, S. J., tendo servido de padrinhos por parte da noiva, D. Maria Mello Rocha Costa Rodrigues, avó do noivo, e o Ministro Luiz Sparano; e por parte do noivo, Viuva Eptácio Pessoa, avó da noiva, e o Dr. Graccho Costa Rodrigues.

Os nubentes desceram de tradicionais famílias da nossa sociedade, sendo o noivo neto do Desembargador Bulhões Pedreira, membro da Córte de Apelação do Distrito Federal e do Engenheiro Costa Rodrigues, ambos falecidos; e a noiva é neta do Sr. Eptácio Pessoa, antigo Presidente da República e do Professor Eugenio de Barros Raja Gabaglia, também falecidos.

As fotografias que ilustram esta página foram colhidas pela nossa objetiva, durante a cerimônia religiosa.



A narrativa histórica de duas invasões holandesas no Brasil Norte ocupou a pena de escritores da nossa época colonial. As invasões batavas de 1624 e 1630 deram também ensejo a obras de escritores holandeses, sem esquecer as telas de pintores trazidos ao Brasil por efeito daquelas invasões movidas pela Companhia das Índias Ocidentais com endosso das Províncias Unidas.

Os sucessos das aventuras bélicas neerlandesas de 1624 e 1630, com fins comerciais, legaram à História copia de documentos recolhidos a de não poucos arquivos, europeus e nossos.

A estudo de tais documentos, na própria Holanda, estiveram Joaquim Caetano, Varnhagen e José Higino.

Depois delas seja permitido a brasileiro, sempre lembrado da terra natal ao percorrer terras alheias, dizer qualquer coisa em assunto de interesse para illustres antecessores na pesquisa.

Em Haia a fonte para o estudo das invasões batavas acha-se nos Arquivos do Reino da Holanda. Em 1911, estavam à guarda do Sr. Van Meurs, obsequioso e adjuvador dos que buscavam a instituição por ele servida, nela mantida impecável ordem, a alma dos arquivos. Achar nestes tudo à mão só um pesquisador sabe o que isto representa.

Nos Arquivos do Reino da Holanda reino tão bem acostumado a corôas sobre cabeças femininas, os papéis relativos às invasões holandesas no Brasil constam 1.º De coleção muito volumosa de cartas e papéis enviados aos Diretores da Companhia das Índias Ocidentais pelos funcionários holandeses no Brasil, encerrados tais documentos em 19 pacotes cada um contendo algumas centenas de páginas.

2.º De ordens do almirante Thyssen referentes aos anos de 1631 e 1632, tudo formando um volume.

3.º De decisões do Conselho Holandês no Brasil em 1632 e 1634, documentos em 8 pastas.

4.º De decisões do referido Conselho em 1642 e 1651.

Para quem ache isto pouco, os Arquivos do Reino da Holanda ainda oferecem volumes e pastas contendo muita e muita correspondência trocada entre a diretoria das Índias Ocidentais e seus prepostos no Brasil, muitas e muitas notícias de esclarecimento dos negócios da Companhia no Brasil, cartas geográficas das costas brasileiras, cartas manuscritas ou gravadas.

Na vasta documentação existe matéria criminal, a de varios crimes, notadamente o instaurado contra Gaspar Dias Ferreira, qualificado no processo como "súdito holandês naturalizado e acusado por crime de traição".

A História não faz boas ausências a Gaspar Ferreira. E' dado como judeu português casado com cristã nova de raça moirica. Quando em certo tempo o favor de Nassau aproveitou o tempo rapinando, trampilando, com outros etc., etc., na sua triste fé de oficial. Não escassearam, na própria Holanda, censuras a Nassau por dar ouvidos e mão forte ao mal inado judeu, a lançar salpico de suspeita à notável vida do governador do Brasil Neerlandez, Gaspar Ferreira sempre dedicado a Nassau, segundo Tomás Alves Nogueira.

Da passagem de José Higino pelos Arquivos do Reino da Holanda deu-nos notícia o Sr. Meurs apresentando-nos a seguinte nota:

"Cerca de 1886 o Sr. José Higino Duarte Pereira estudou ou para melhor dizer percorreu todos os nossos arquivos. O Sr. Pereira apresentou um relatório muito extenso acerca de suas pesquisas na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco em 1886. (Recife Typographia Industrial, 1886).

Os brasileiros precisam lembrar-se que são muito mais observados no exterior do que eles mesmo pensam.

Na massa dos documentos conservados nos Arquivos do Reino da Holanda encontram-se papéis atestando espírito de honestidade e ordem em meio às atribuições de guerra continua entre vitórias e reveses para invasores.

O holandês fleugmatico, metódico, e pertinaz por natureza. Basta pensar como a Hoan a tanto sabe preservar-se de águas ruínas empregando como armas de defesa.

BRASIL HOLANDÊS

ESCRAGNOLE DORIA

No Brasil invadido o neerlandez, acossado de guerra, ainda assim procurou organizar e até embelesar — conquista, esta ora vitoriosa, ora a escapar-lhe, mesmo nas mãos de Nassau de superioridade militar e administrativa.

Demonstre a meticulosidade batava em caso curioso venha ele à balha atestado por documentos dos Arquivos do Reino da Holanda, documentos em holandês, tradução anexa em português nos permitindo conhecê-lo e tirarlhe c'pia.

Diz-nos documento que em Haia, o príncipe de Orania, atendendo a decisão dos Estados Gerais, em socorro do Brasil Neerlandez, creava um regimento de infantaria com 12 companhias cada uma de 100 homens, ao comando do coronel Martinho van Els, um capitão à testa de cada companhia.

Um dos capitães chamava-se João Antonio Heydenrick. Era casado, talvez com descendência. A despedida do casil foi suprema.

A despeito das demoras de viagem e de outros contratempos, a Holanda mantinha correspondência oficial e particular com o Brasil Neerlandez, a responder-se também com a sua improvisada metropole.

Tanto assim que a Senhora Capitão Heydenrick recebeu comunicação epistolar que a enviuvava, comunicação recolhida aos Arquivos do Reino da Holanda.

Os documentos referentes ao caso valem por certidão de óbito e por inventário escapo às garras do fisco, insaciável em todo mundo.

Um compatriota do capitão Heydenrick, porventura seu companheiro de armas, passou a certidão de óbito e inventariou os bens do finado. Encontra o capitão a morte a 18 de Abril de 1646 quando do morro "chamado Gererrapes" (Guararapes?) o regimento a que pertencia Heydenrick foi "empurrado para os brejos" e com sensíveis perdas registradas por Adão Becker, inventariante *ad-hoc*, ao diri- gir-se à viúva do capitão dando-lhe conta do enterro do marido sepultado no "morro Gererrapes".

O inventário do oficial holandês, sem o parecer, revelando com as curiosas e mostra aspectos da vida da invasão batava em segunda edição.

De duas partes consta o inventário de 1646, a primeira arrolando objetos vendidos em satisfação de dividas, até a de gorjetas a co'eros, a segunda parte formada pela lista dos objetos remetidos à viúva Heydenrick.

Os objetos constantes das duas listas deixam entrever um tanto da vida do capitão no Brasil Neerlandez, a Pequena História tão de subsidio à compreensão da Grande.

Digam agora documentos.

Deus acima de tudo.

Senhora Capitão Heydenrick nascida Coeurel.

João Fernandes Vieira, um dos vultos do ultimo periodo do Brasil Holandês (1613-1681).



Comunicavos que Deus o tendo determinado, partimos para a guerra a 17 de Abril, começando o combate no dia seguinte em a necessidade de uma ordem defeituosa, o regimento, colocado num morro chamado Gererrapes foi empurrado para os brejos, o que nos custou varias baixas.

Eis os nomes dos oficiais: João Antonio Heydenrick, morto; capitão van der Poll, morto; capitão Mtenhoven, morto; Major do regimento, morto; o Coronel Nan El t, prisioneiro e mandado para o Cabo.

Só regressaram ao regimento 4 capitães e 4 homens. Quanto à nossa companhia teve 16 mortos, 14 feridos, o tenente Westorp ferido, Vendrick ferido, só voltaram 5 homens sobre 11.

No que diz respeito ao Capitão João Antonio Heydenrick foi enterrado a 18 Abril pelos sargentos no morro chamado Gererrapes. Foi dado 1 florim e 40 centimos a esses soldados. As despesas do enterro foram pagas com o produto da venda de certos objetos.

Comunico-lhe que o nosso saudoso capitão venceu aqui um mez de soldo encarregado o nosso batelero João Cornelio van Siervan de entregar-vos com florins.

A respeito dos objetos vendidos a Senhora deles encontrará a lista annexa, fomos obrigados a vende-los para pagar algumas dividas que vou mencionar.

Objetos vendidos.

A Adão Becker um chapéu preto 6 florins.

Ao mesmo 3 libras de presunto a 47½ centimos por libra ou 1 florim 42½ centimos.

A Henrique Schumaker um chapéu preto 5 florins.

A Dick Rub uma caixa com ferramentas, um par de chinellos e 2 libras 16 florins e 50 centimos e mais 15 libras de presunto e carne de fumeiro a 47½ centimos por libra ou 6 florins e 20 centimos, total 22 florins e 50 centimos.

A Van Rockes 55 libras e ¾ de presunto e carne de fumeiro a 47½ centimos por libra ou 15 florins 95 centimos.

Ao mesmo Van Rockes, por 2 florins e 10 centimos, 2 libras de presunto.

A Bermandt um cesto 4 florins.

Vendidos a judeus:

Um par de tamancos, um par de botas, e uma mantegreira 1 florim 86 centimos.

A Geraldo del Beck vendidos um travesseiro e um colchão por 11 florins e ainda uma cama por 1 florim e 50 centimos.

Ei, pois, a conta dos objectos vendidos em moeda corrente.

Abaixo vai discriminada a lista dos objectos contidos em uma mala entregue ao nosso batelero João Cornelio Siervan:

10 camisas — 1 trouxa de roupa branca — 2 peças novas de fazenda — 9 toalhas, guardanapos e toalhas de mão — 13 carapucas de dormir — 15 cache-nez — 15 lenços e gravatas — 1 travesseiro de pennas — 5 pares de meias — 5 bones enfeitados — 1 par de meias de tricot — 1 colher de prata e 1 faca — 1 colher de pau — 1 espelho.

Todos os objectos acima mencionados a senhora os encimará na mala que acaba de ser despachada.

Pago ao Tenente 56 florins.

Pago ao Sargento Paulo Haussen e a Adão Becker 24 florins.

Pago aos cozeiros 1 florim e 40 centimos.

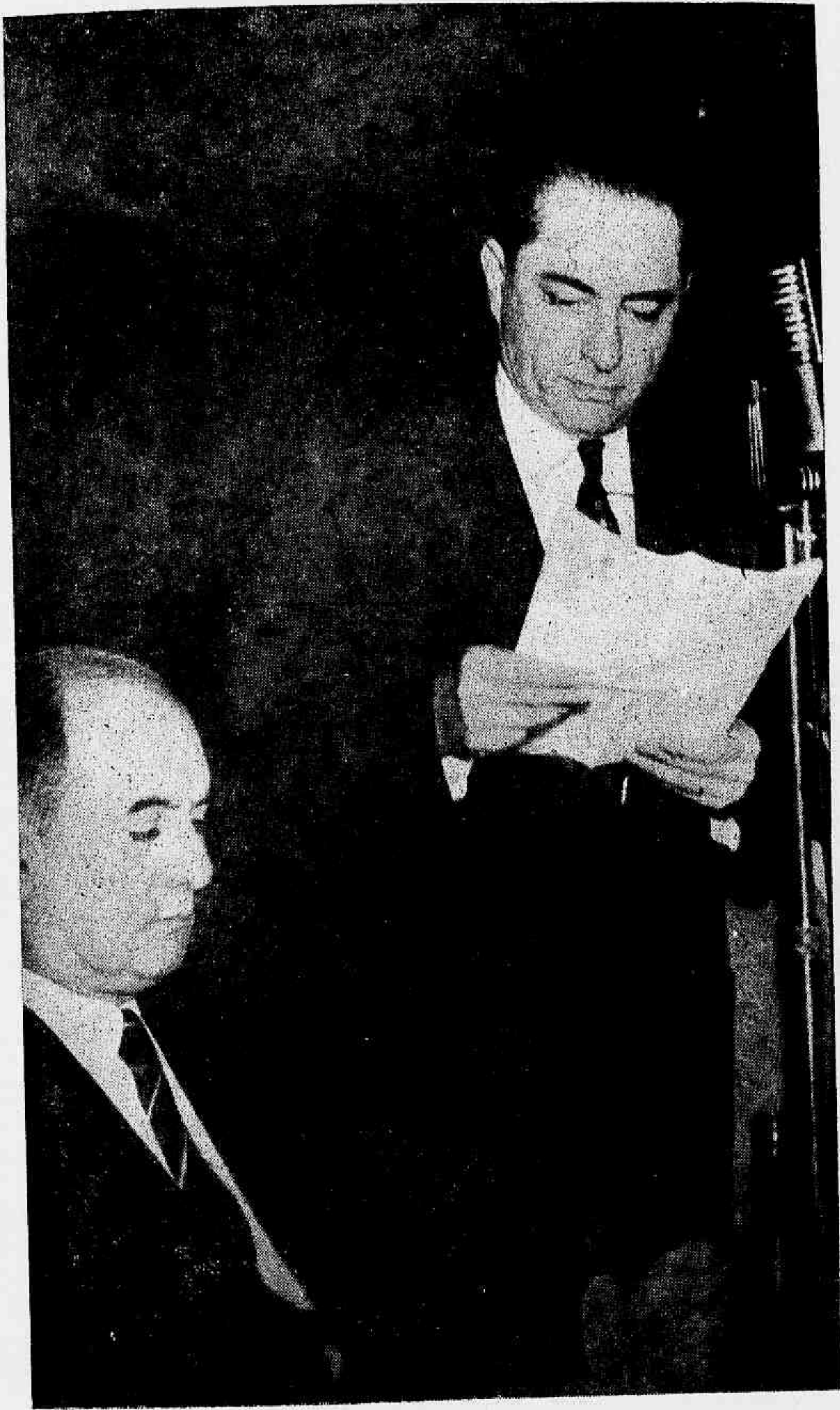
Resto 11 florins, total 78 florins e 75 centimos.

Feito em Recife a 27 de Abril de 1646

(assinado) Adão Becker.

Eu, Adão, desejo-vos a todos muita felicidade, saúde a todos os amigos, recomendando-os todos a Deus.

Em fóro algum deve constar espólio original, e ate sugestivamente apertado, como o espólio do capitão Heydenrick sepultado em Guararapes e de o mesmo regimento aos Arquivos do Reino da Holanda.

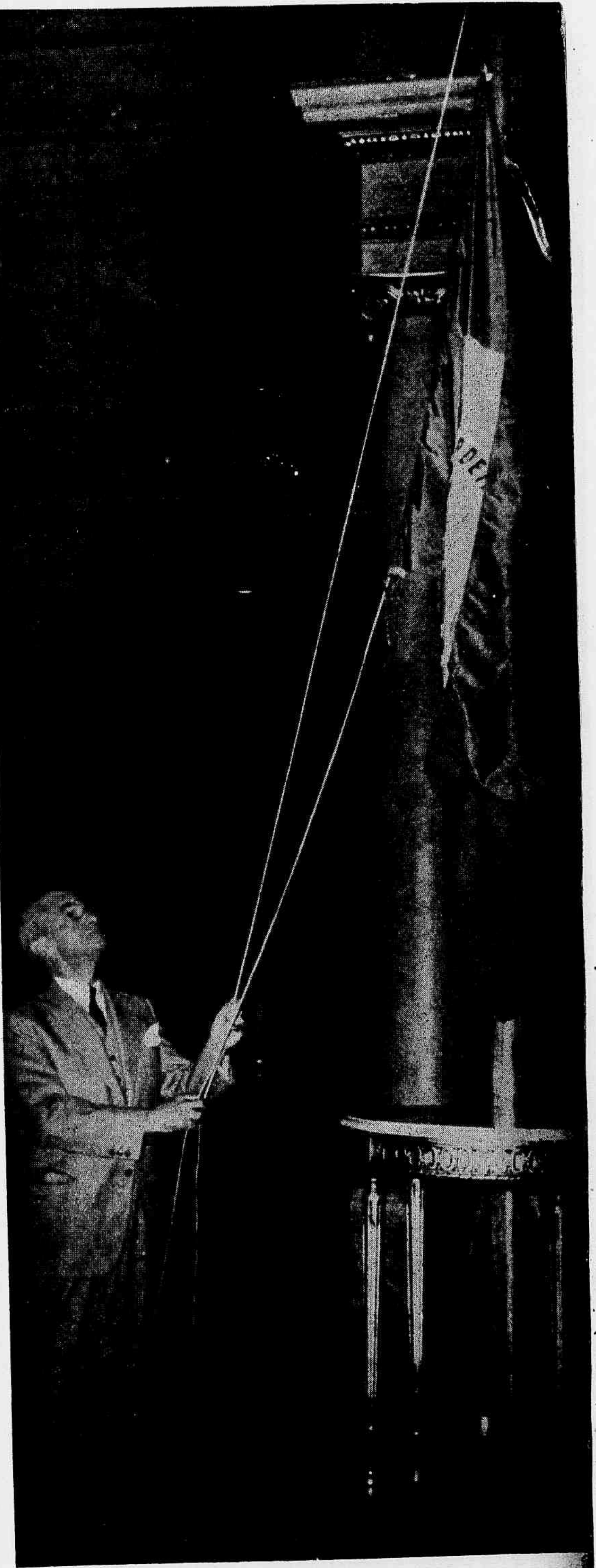


O ROTARY CLUBE DO RIO DE JANEIRO levou a efeito na sua reunião de sexta-feira, 27 do mês próximo findo, uma homenagem à Assembléa Nacional Constituinte de 1946, extensiva aos rotarianos que participaram daquela Assembléa como delegados do povo brasileiro.

Esta página fixa aspectos da solenidade presidida pelo Sr. Paulo Martins, Presidente do Rotary, que falou abrindo a sessão.

Vê-se ao lado o Sr. Fernando de Melo Viana hasteando o pavilhão nacional; na foto acima o Sr. Gratuliano Brito, entre os Srs. Paulo Martins e Lauro Lopes, saudando os homenageados; em baixo o Sr. Aloísio de Carvalho Filho agradecendo em nome dos constituintes rotarianos.

Afinal, o Sr. Melo Viana, ex-Presidente da Assembléa, falou em nome da mesa e dos representantes da soberania nacional.



HOMENAGEM À CONSTITUINTE



Uma cena do julgamento no Tribunal Interaliado de Nuremberg, vendo-se o feld-marechal Hermann Goering (condenado a morrer na forca) falando com Raeder (prisão perpétua) no banco detrás. Ao lado do volumoso Goering estão Rudolph Hess (prisão perpétua) e Joachim Von Ribbentrop (que morrerá na forca). Ao lado de Raeder está Schirach (20 anos de prisão).

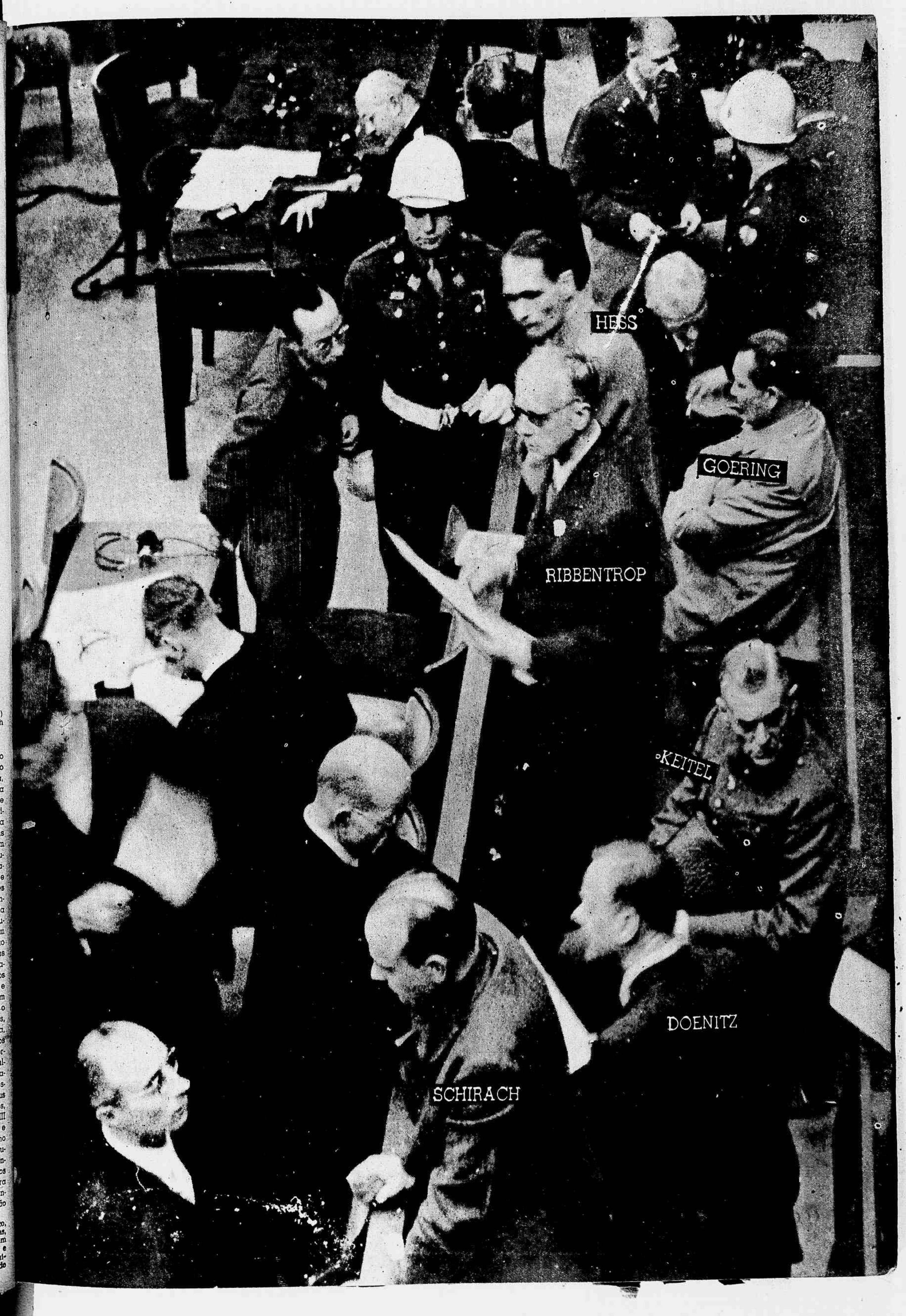
MORTE AOS LIDERES NAZISTAS!

Perecerão na forca os responsáveis pelos mais terríveis crimes contra a humanidade.



O DESFECHO do sensacional e dramático julgamento de Nuremberg, em que representantes de quatro grandes nações, — os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e a Rússia, — reuniram seus delegados para acusar, defender e, finalmente, julgar os criminosos de guerra nazistas responsáveis pelas mais terríveis carnificinas e pelas mais brutais atrocidades da história da humanidade, ecoou no mundo inteiro, causando a mais intensa emoção. Não porque a alguém as penas hajam parecido excessivamente severas, mas porque a todos trouxe a certeza de que não ficariam impunes aquelas brutalidades que, por toda parte, despertaram indignação e revolta. Pela primeira vez, nos tempos modernos, aqueles que desencadearam uma guerra, que a prepararam conscientemente, que defaldaram no mundo a bandeira da violência, do saque, da conquista, sem respeito a nenhuma espécie de convenção ou de tratado internacional, sem a menor ética e sem a menor nobreza na luta, indo ao extremo de enforcar civis e de passar pelas armas reféns indefesos, de eliminar pela fome e pelas câmaras de gases milhares e milhares de prisioneiros encerrados nos campos de concentração, — recebem o castigo severo e inflexível a que fizeram jus. Réus de crimes que não foram praticados apenas contra algumas nações, mas contra o gênero humano em geral, fomentadores de ódios raciais, carrascos da liberdade, instituidores do regime de força, em que a lei e a razão eram desprezadas em nome dos interesses partidários e da ambição de predomínio internacional, os nazistas deram ao mundo exemplos jamais ultrapassados de violência, de aberração moral, de selvageria sanguinária. Nações neutras foram invadidas, desrespeitadas, brutalizadas, despojadas de seu ouro, de seus tesouros de arte, dos seus viveres, dos seus trabalhadores, reduzidos a meros escravos do orgulhoso e arrogante III Reich, que teria, entretanto, de sucumbir ante a serena e estoica determinação das nações democráticas. Nós, no Brasil, fomos também atingidos pelo vandalismo dos hunos, que torpedearam os nossos pacíficos navios mercantes, que metralharam os sobreviventes dos naufrágios nos barcos-salvavidas em que se haviam abrigado, — e contra eles tivemos de tomar armas, em defesa da nossa bandeira e da nossa soberania ultrajada. O nosso país não

A esquerda: O Tribunal de Nuremberg em funcionamento, vendo-se no banco dos réus os principais líderes nazistas, dos quais doze foram condenados à morte e só três foram absolvidos. Na página ao lado, Goering (sentado), Hess e Ribbentrop (de pé), Keitel e Doenitz (sentados), Hess e Schirach (de pé), num dos intervalos dos trabalhos, quando alguns deles falavam com advogados da defesa.



HESS

GOERING

RIBBENTROP

KEITEL

DOENITZ

SCHIRACH



GOERING



VON RIBBENTROP



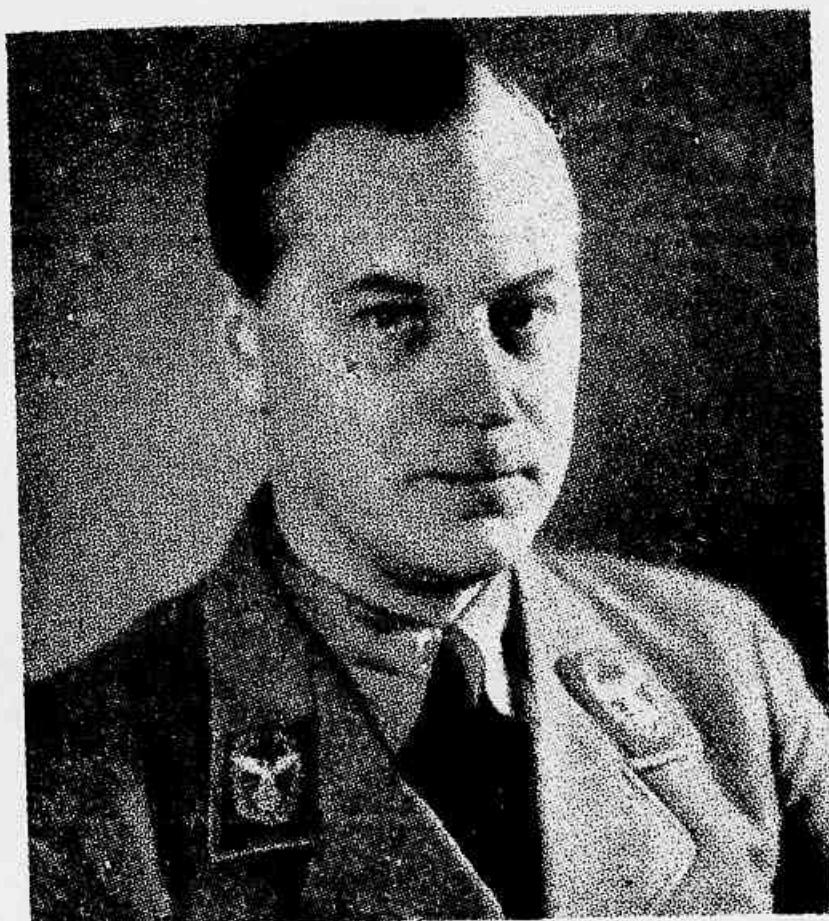
STREICH



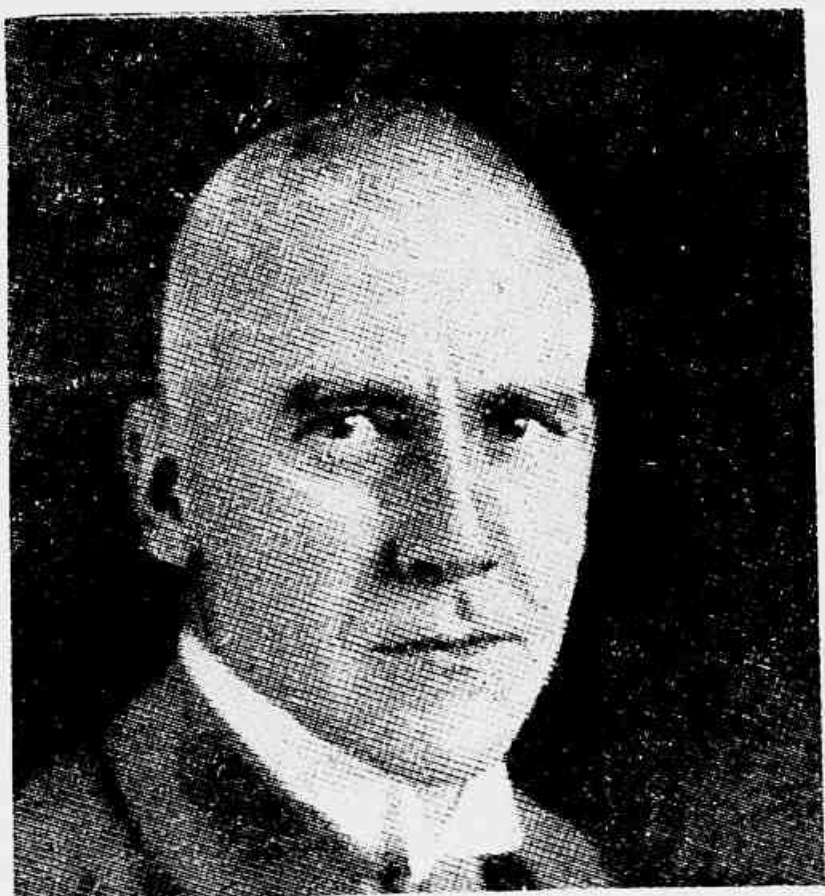
KEITEL



HANS FRANK II



ROSENBERG



FRICK



SEYS INQUART

teve participação no julgamento de Nuremberg mas estava associado a esse acontecimento pela sua histórica e decidida intervenção na luta que se travou entre as forças do mal e o mundo livre. E o resultado que chegaram os juizes das nações aliadas que participaram do augusto tribunal de Nuremberg foi recebido com satisfação pelo povo brasileiro, pela certeza da punição inescrutável dos responsáveis pelos horrendos crimes desta guerra.

★

O resultado a que chegou o Tribunal de Nuremberg foi o de que devem morrer na forca os principais chefes nazistas, os que sobreviveram à "debacle", — pois um desses, Heydrich, o carrasco de Praga, foi executado pelos patriotas de Lidice, a cidade-mártir da Checoslováquia, Adolf Hitler e o Dr. Joseph Goebbels, o chefe e o diretor da propaganda nacional-socialista, puseram termo à vida quando as legiões russas apertavam o cerco e rompiam as defesas externas da cidade de Berlim. Os que vão agora fazer companhia são:

— Feld-marechal do Ar Herman Goering, ex-comandante da Luftwaffe, diretor das operações da "blitzkrieg" aérea contra Londres, possuidor de vasta fortuna, adquirida através de negócios ilícitos e, em particular, do confisco de bens de pessoas "liquidadas", "expurgadas" ou de judeus expulsos da Alemanha, fugidos ou mortos em campos de concentração;

— Joachim Von Ribbentrop, um dos braços direitos de Adolf Hitler, que se revelou um covarde durante o julgamento e teve um colapso ao ouvir a acusação do promotor chefe norte-americano, Robert Jackson;

— Marechal Wilhelm Keitel, antigo chefe do Estado-Maior do Exército Alemão, responsabilizado pelas execuções de prisioneiros de guerra e de aviadores aliados, além de outros crimes;

— Hans Frank, ministro da Justiça do nazismo;

— Ernest Kaltenbrunner, sucessor de Heydrich como executor das maiores atrocidades nazistas;

— Alfred Rosenberg, o filósofo do racismo, responsável pela cruel perseguição aos judeus;

— Martin Bormann, lugar-tenente de Hitler, considerado um dos homens mais cruéis e perigosos do nazismo;

— Fritz Saukel, outra das almas danadas do hitlerismo;

— General Alfred Jodl, outro dos preparadores da guerra e responsável pela violação de nações neutras e por crueldades contra prisioneiros;

— Arthur Seyss-Inquart, um dos conspiradores de que se serviu o nazismo para se apoderar da Áustria;

— Wilhelm Frick, outra das altas personalidades nazistas comprometidas em atos reprováveis.

★

Foram esses os condenados à morte. Outros receberam penalidades menos drásticas, como por exemplo:

— Rudolph Hess, outrora sucessor imediato de Hitler, autor do sensacional voo à Inglaterra, para convencer os ingleses a lutar ao lado da Alemanha contra a Rússia, condenado à pena de prisão perpétua, depois de ser dado como tendo as faculdades mentais perturbadas;

— Walter Funk, antigo ministro das Comunicações do nazismo, condenado à prisão perpétua;

— Almirante Reader, o que desencadeou a guerra naval indiscriminada, condenado à prisão perpétua;

— Baldur Von Schirach, condenado a vinte anos de prisão;

— Albert Speer, condenado a vinte anos de prisão;

— Konstantin Von Neurath, condenado a dez anos de prisão; e Almirante Karl Doenitz, que sucedeu a Hitler como chefe de Estado, nos últimos dias da guerra, e ordenou a rendição incondicional aos aliados, condenado a dez anos de prisão.

Dos acusados, somente três foram absolvidos: Hjalmar Schacht, Franz Von Papen e Hans Fritsch. Só um, porém, escapou ao braço da justiça: Martin Bormann, o mais hábil de todos, que permanece foragido e foi julgado "in absentia".

A repercussão causada mundialmente pelas decisões do Tribunal de Nuremberg foi de molde mais a reprová-las do que a sentença mitigada que receberam alguns líderes e a protestar contra a absolvição de outros, do que mesmo contra a severidade da maioria das penas. O general Eisenhower, contudo, estranhou que o marechal Keitel, ex-chefe do Estado-Maior Alemão, tivesse sido condenado a morrer na forca e declarou que se espantava de ver que um militar era tão facilmente atingido pela pena capital.

O Senado da Colômbia dirigiu também, uma moção às nações aliadas, pedindo a comutação das condenações à morte. — moção que, muito provavelmente, será desprezada. Nos próprios meios alemães, entre os democratas socialistas e comunistas, as absolvições causaram grande descontentamento. Houve muitos protestos. E na Áustria também. A imprensa russa protestou. E protestou, também com veemência, a imprensa francesa. A Rádio de Varsóvia lançou, igualmente, veemente protesto. Dos jornais franceses, um, "Le Populaire", escreveu verdadeiramente diatribe contra o Tribunal Aliado. "Le Figaro", órgão conservador assim aprovou a decisão do Tribunal de Nuremberg e acrescenta: "É porque Hitler matou seus inimigos enforcing-os que é essencial que os amigos de Hitler morram da mesma maneira."

O professor René Cassin, vice-Presidente do Conselho de Estado, mostrou-se admirado com a absolvição de Schacht e Von Papen, quando interrogado pela imprensa. "É de recear — declarou — que a brandura desse ver-



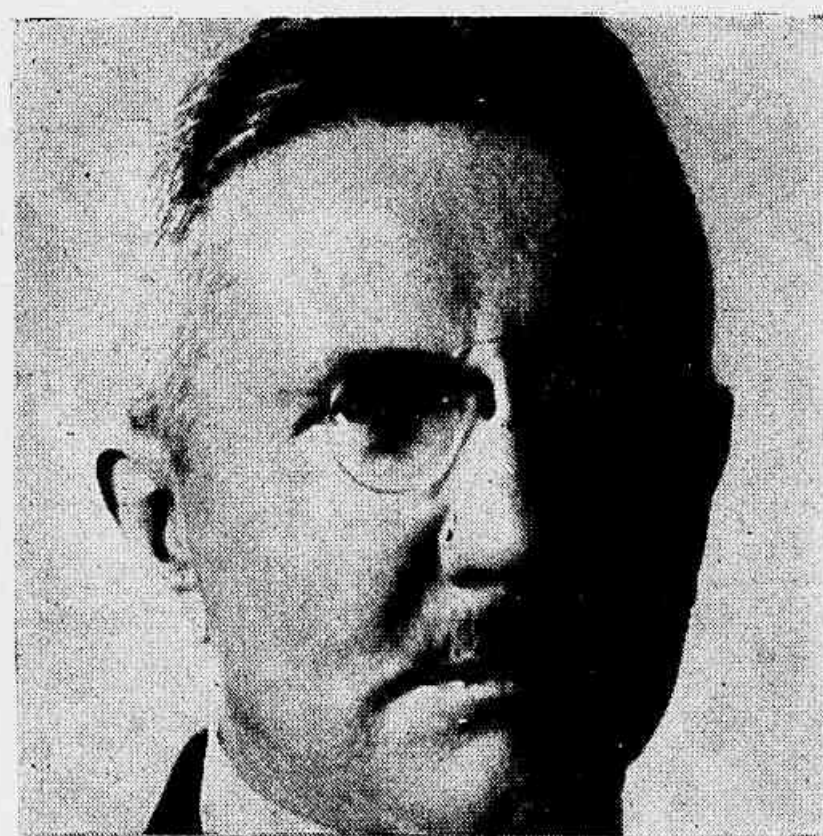
Os mortos das mais terríveis chacinas da história, os que foram assassinados pela fome e pelo frio nos campos de concentração, os que pereceram nas câmaras de gás e que foram metralhados, enforcados ou queimados vivos pelos lança-chamas, as vítimas anônimas da guerra vão ser finalmente vingadas nos homens de Estado, nos arrogantes marechais e almirantes do III Reich...



RAEDER



DOENITZ



SCHACHT



HESS



VON NEURATH



VON PAPEN

A VIDA DE ADOLF HITLER

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS



Adolf Hitler, o "que veio ao mundo para destruir".

Esta página, escrita quando ainda não estava decidida a sorte da guerra e quando Hitler ainda não havia pensado em suicidar-se, no edifício da chancelaria do Reich, em Berlim, nos últimos dias da guerra, em 1945, é de profunda atualidade, neste momento em que acaba de ser divulgada a sentença do Tribunal de Punição dos Criminosos de Guerra, condenando à morte Goering, Ribbentrop, Rosenberg, Jodl, Keitel, Rudolph Hess e Seyess Inquart.

ENQUANTO se escreve esta biografia, a sorte da Europa e do mundo está na balança. Uma civilização de mil anos chegou a seu ponto crítico. Na verdade, muitos observadores crêm que a civilização está condenada. E esta catástrofe é em grande parte devida à carreira de um homem. Em tais circunstâncias, torna-se quase impossível fazer uma apreciação da sua vida com calma científica e o distanciamento filosófico indispensáveis a quem procura ser um biógrafo objetivo. Não obstante, vamos fazer a tentativa. Vamos considerar Hitler, não como um homem a quem devemos odiar mas como uma força que é preciso compreender — como um ciclone, uma avalanche, um furacão ou uma epidemia que passa com cega fúria sobre um mundo aterrorizado.

Pois Hitler é uma força cega nas mãos da Natureza. A história está passando por graves transformações — transformações cujas últimas consequências talvez não venham a perceber-se antes de cinquenta ou cem anos. Hitler é apenas o condutor que abriu a corrente desses

transformações dinâmicas. Seu caráter, quer o tenhamos quer o odiemos ou admiramos, é a resultante de inúmeras tendências físicas e mentais que estiveram em ação durante um tempo incalculável, e por fim se combinaram numa só vontade humana, a qual conseguiu escravizar milhões de homens e levar o mundo inteiro à beira da catástrofe.

Ao analisarmos Hitler, esqueçamos os nossos sentimentos pessoais — por mais justificadas que sejam no momento presente. Porque, se deixarmos que as nossas paixões pintem o homem, obteremos uma caricatura, e não um retrato. Lembremos de que Hitler não é responsável pelo mundo atual, mas que é o mundo atual o responsável por Hitler. A guerra mundial de 1940 é apenas a continuação da guerra mundial de 1914, e a guerra de 1914 não foi mais que uma continuação da guerra franco-prussiana de 1870. Estamos simplesmente na terceira fase duma guerra dos Setenta Anos — e só Deus sabe quando chegará a última fase dessa guerra. O caráter e a vida de Adolf Hitler são o fruto dos ódios e brutalidades engendrados por várias gerações de combatentes. E Hitler, por sua vez, será o antepassado de futuros ódios e futuras brutalidades. O ditador alemão é um elo de inevitável cadeia de causas e efeitos. Senhor de milhões de homens, Hitler é, não obstante, o escravo de sua insensata sede de poder eliminado. Dados os fatores da história europeia no passado, o século vinte não podia deixar de produzir um homem como ele — ou antes um grupo inteiro de homens. Pois Goebbels, Goering, Ley, Rosenberg e Hess, como o próprio Hitler e centenas de outros nazistas não passam de chamadas particulares na universal conflagração de ódio que ameaça destruir o mundo.

Se, portanto, procurarmos considerar Hitler a esta luz objetiva, talvez consigamos obter uma imagem mais ou menos exata do homem.

O tipo psicológico de Hitler foi esboçado vagamente na filosofia de Nietzsche, que conhecia a natureza da semente humana e podia prever a espécie de planta que tinha a probabilidade de produzir. Esse tipo psicológico do trespassável foi antecipado com mais precisão num livro que apareceu em 1911 na Alemanha. Esta obra, *O Homem Concupiscente*, de Willem van Wulfen, era um descrição nietzscheana do tirano que, um quarto de século mais tarde, iria governar a Alemanha. O Homem Concupiscente — cujo nome da Besta Louca de Nietzsche — devia permitir que sua natureza se desenvolvesse livremente como o fazem o lobo ou a águia.

(Direitos exclusivos da REVISITA DE SEMANA, adquiridos com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).



"Quem", pergunta van Wulfen, "tem o direito de tachar o lobo ou a águia de imorais? São rapaces porque tal é a sua natureza. Além disso, prossegue o autor, como podemos saber se a rapacidade não é melhor do que a brandura, e se o ódio não vale mais que o amor? Talvez o amor seja um mal, pois ele encoraja a debilidade. E quiçá o ódio seja um bem, porque engendra a força".

Com esta idéia sempre presente ao espírito, escreve van Wulfen. O Homem Concupiscente deve desenvolver apenas o lado rude do seu caráter, e não ter escrúpulos na procura do prazer egoísta. "O quê? Os outros não são tão felizes quanto tu? Pior para eles! Como? Tens piedade dos teus semelhantes menos afortunados? Que absurdo! Fora com todo esse sentimentalismo, meu amiguinho! Não tenhas vergonha da tua força. Os outros que se envergonhem da sua fraqueza. Se queres comer uma omelete deves estar disposto a quebrar os ovos. Se queres crescer ao sol deves estar pronto a empurrar o teu semelhante para a sombra. Em realidade, a tua fortuna depende da desgraça dos outros... Vive, mas não deixes os outros viverem".

Ao tempo em que este diabólico evangelho da brutalidade era publicado em Munich, Hitler palmilhava as ruas de Viena — fraco, ignorante, taciturno e incapaz de fazer amigos por causa da sua índole violenta. Nascido (20 de abril de 1889) na cidade austríaca de Braunau, era um dos seis filhos de Herr Shicklgruber, pequeno funcionário de província. (A família trocara o seu nome pelo de Hitler em 1877). Quando criança, Adolf gostava de assistir às lutas dos rapazes vadios dos bairros pobres de Braunau. "Desde a infância", diz Hitler, "fui louco por combates e guerras". Mal sucedido nas escolas públicas, tentou a escola de arte, mas foi rejeitado por falta de aptidões. Então, tendo-lhe morrido a mãe, foi dar com os costados em Viena, onde encontrou abrigo temporário numa instituição de caridade. Este asilo, é interessante notar, era mantido pela generosidade dum judeu, o barão Koenigswarter.

Hitler ficou alguns anos em Viena passando a maior parte do tempo a vagabundar. De vez em quando fazia trabalhos de ocasião tais como carregar a bagagem dos passageiros na estação

da estrada de ferro, remover neve da calçada, pintar casas e decorar cartões postais.

A noite, mantinha os camaradas de asilo fascinados com suas fantásticas idéias de novos partidos, novas revoluções, e um mundo novo. O pequeno ditório escutava-o com a avidez de crianças famintas. Havia nas suas palavras um fervor místico. O milênio estava por chegar. Os esbultados tornar-se-iam senhores, os pobres ficariam ricos, humildes seriam exaltados. Hitler tratava em contacto com os membros do partido socialista cristão — um movimento que desmentia o seu nome, pois não se baseava nem na caridade cristã nem na democracia social. Pelo contrário, era uma organização agressiva, e tissemita, que procurava alcançar a vitória pelo ódio. Hitler considerava o chefe desse partido — Karl Lueger, prefeito de Viena — como "o maior prefeito de mão de todos os tempos". Tornou-se um ardente discípulo deste homem e da sua doutrina subversiva.

"A vitória pelo ódio". Até então, sua vida não fora mais que uma série de derrotas. A pobreza, a má saúde, a perda dos pais, a frustração de suas esperanças de chegar a ser um artista, a obscuridade, a fome, o desamparo — todos os seus infortúnios ulceravam-lhe a personalidade doentia, ao ponto que Hitler começou a considerar-se como símbolo de uma humanidade valorosa, oprimida e indômita. Esse patético vagabundo austríaco fora escolhido pela força da natureza — só Deus sabe com que fim — para terreno duma planta pestilenciante cujas flores haviam de envenenar a atmosfera do mundo inteiro.

Mas Hitler ainda nem suspeitava o papel que iria desempenhar na tragédia da sua geração. Por enquanto, não passava dum homenzinho insignificante cheio de rancor contra o mundo. E o mundo, para o seu espírito inculto, compunha-se de três espécies de homens — marxistas, capitalistas e judeus. Odiava os marxistas porque, tendo trabalhado algumas vezes sob as ordens de capatazes socialistas, estes o haviam tratado com rudeza. Hitler, o artista, revoltava-se à idéia de ser mandado por um simples proletário. Odiava os capitalistas por sentir vagamente que todos os ricos conspiravam para frustrar as aspirações de artistas ambiciosos como ele. E odiava os judeus porque, como quase todas as pessoas que não refletem, associava a idéia de singularidade à de perversidade. Conta ele no *Mein Kampf* que o seu antissemitismo data da época em que viu um judeu polaco vestindo o longo e exótico cafetão. A hostilidade nasceu da desconfiança que lhe inspirava o insólito. Ademais, os judeus se tinham na conta

A esquerda: Adolf Hitler, fazendo a saudação nazista, entre líderes do seu partido. A direita: O líder nazista pregando "a vitória pelo ódio", numa das suas arengas públicas.



de um povo eleito. Isto, para Hitler era afrontoso. Só havia um povo eleito — o povo alemão. No seu ódio aos judeus havia também um pouco de inveja. Acreditava que o seu próprio malogro era consequência direta de cada êxito judaico.

Hitler deixava as emoções governar seu raciocínio. Como todos os que odeiam, possuía pouca ou nenhuma agudeza crítica. Nem mesmo em moço fora capaz de diferenciar o indivíduo bom do mau. Para ele, bondade e maldade não eram qualidades individuais, e sim raciais. Tinha, além disso, uma falsa noção do bem e do mal. Um dos principais motivos da sua aversão aos judeus, declara no *Mein Kampf*, foi a "rejeição do divino princípio da força e da violência". Era, em suma, um fanático — um instrumento posto no mundo para fins de destruição.

Contudo, não devemos supor que Hitler fosse um homem de mentalidade inferior. Ao contrário, era de uma estranha sagacidade, ou antes astúcia — característica mental muito comum entre os fanáticos. Essa astúcia permitia-lhe, já na mocidade, tirar partido do entusiasmo dos amigos e do temor dos inimigos. Carecia de intelecto bem equilibrado, mas possuía um instinto infalível — o instinto do tigre que rastreia a vítima, desorienta-a pelo terror e desfere o golpe no momento psicológico.

Possuía também as características mentais do gangster — ódio à sociedade, insatisfação, sede de lucro pessoais por meios legais, insensibilidade ante o sofrimento alheio, jactância, paixão do mando, crueldade bestial, astúcia instintiva. Mas possuía todas essas qualidades em grau superlativo. Os fados, prestes a levar à cena a tragédia do século vinte, estavam adestrando para o papel principal um dos super-gangsters da história.

E, no treinamento de Hitler para a sua obra de destruição, o primeiro curso intensivo começou com a grande guerra de 1914. Por fim se encontrava ele no seu elemento. Quando rebentou a guerra, Hitler mergulhou num êxtase de histórica alegria. "Caí de joelhos", declara no *Mein Kampf*, "e, com o coração a transbordar, agradei ao céu que me concedera a ventura de viver em tal época".

Quando terminou a conflagração sentiu-se predestinado a preparar uma nova guerra. O destino o criara para ser o instrumento da vingança. Era preciso fazer esquecer a derrota de 1918. A humilhação devia suceder o regozijo. A Alemanha tinha de triunfar.

E assim o pequeno cabo austríaco — antes de 1932 nem sequer era cidadão alemão — se tornou a voz da Alemanha. Considerava-se a personificação da vontade de vencer do povo germânico. Lera uma obra sobre a suposta superioridade da raça alemã. Que achado! Os alemães tinham que provar essa superioridade, e ele Adolf Hitler, lhes ensinaria o caminho. De que modo? Pelo "teste supremo do combate". Ele, Adolf Hitler, ia consagrar-se doravante ao seu papel de valeroso paladino de rutilante armadura — o salvador da raça alemã. Abaixo essas estirpes inferiores da espécie humana — tchecoslovacos, poloneses, húngaros, rutenos, croatas, sérvios, rumenos, russos, judeus! Abaixo as democracias, que defendiam a igualdade de direitos de todas as raças, ao invés dos direitos superiores da raça alemã! Abaixo os comunistas, que pregavam a fraternidade internacional dos trabalhadores de todo o mundo, em vez da solidariedade nacional dos trabalhadores da Alemanha! Abaixo os marxistas, e os plutocratas, e os franceses e ingleses, e o Tratado de Versalhes! Heil Deutschland! E Heil Hitler, o apóstolo do Renascimento Nacional Alemão!

Lançou-se febrilmente, esforçando-se para elevar essa reafirmação das aspirações alemãs até o domínio do mundo. Fixou-se em Munich, que era o centro da inquietação social, econômica e política. Travou relações ítimas com diversos indivíduos de espírito afim, nialistas como ele — o ex-captão do exército Ernst Röhm, o farmacêutico Gregor Strasser, o jovem aventureiro Baldur von Schirach, o refugiado da Rússia soviética Alfred Rosenberg, e outros descontentes e inadaptados da mesma bitola, todos dispostos a revolucionar o mundo afim de transformá-lo num lugar mais habitável para gente da sua casta. Foi em Munich que



"Tipo psicológico do irresponsável", é como os autores destabreve biografia qualificam o homem que incendiou a Europa e que levou quase o mundo inteiro à guerra.

Hitler ingressou no partido nazi (nacional-socialista); foi lá que adotou a sua simbólica invertida — que simboliza o espírito de destruição violenta — como emblema do novo partido; e foi lá que o general Ludendorff o conheceu e percebeu as possibilidades daquele homenzinho esquisito, com seu capote seboso, seu bigode à Chaplin, sua eloquência fascinante, suas curiosas idéias a respeito de raças superiores e inferiores e seu ódio ardente. Ótimo instrumento para a reconstrução duma Alemanha forte, marcial e triunfadora, pensou Ludendorff. O que o ex-soldado mais admirava em Hitler era a insistência com que este acentuava "a importância vital do terrorismo físico".

Juntos, o general e o cabo planejaram o primeiro passo do novo movimento de terrorismo físico — o putsch nazista de 1923. Era chegado, acredita-

vam ambos, o momento de dar início à "vingança implacável" pela derrota de 1918.

★

Na véspera do putsch, Hitler descarregou sua pistola para o teto da cervejaria de Munich e declarou que o dia seguinte havia de encontrá-lo "vitorioso ou morto". Mas quando chegou a hora da luta, preferiu ser derrotado a morrer. Aprendera na guerra a atirar-se de bruços quando as balas comessem a zunir perto dele. Foi graças a essa precaução que salvou a vida quando o putsch abortou. Ao tentar fugir para os montes da Baviera, foi capturado e condenado à prisão, onde escreveu sua autobiografia, o *Mein Kampf*, evangelho de ódio e discórdias do século vinte. Posto em liberdade prematuramente — em virtude da excessiva tolerância do governo democrá-

co da Alemanha — encontrou-se com o opulento magnata do aço, Fritz Thyssen, e vários outros representantes, alemães e estrangeiros, da alta indústria, interessados em dar novo impulso à fabricação de armamentos. Esses homens atizaram o fogo do seu ódio e financiaram o movimento, de tal forma que, em princípios de 1931 o partido já contava oito milhões de membros. O método empregado por ele para apanhar tantos peixes na sua rede de vingança era extremamente simples. Servia-se dos judeus como isca. Os judeus, declarava Hitler, eram os responsáveis por todos os males políticos, sociais e econômicos que a Alemanha sofria. Imprimiu milhões de folhetos e cartazes com a afirmação, em letras rubras, de que os judeus eram "financistas internacionais... pacifistas... derrotis-

(Continua na pág. 49)

GRANDY
MATOS

Um dia largo tudo isso...

Conto de OSWALDO P. MOURA

UM rouco resmungar incoerente, responde ao alarme do despertador; abandonando com relutância a quentura da coberta, a mão tateia à procura do relógio, tráfalo desajeitadamente para junto dos olhos. — dois riscos escuros, cercados de rugas, consequência da sonolência e de serem fixados nos ponteiros, que teimosamente indicam sete horas. Empurrada à força pelo sono e preguiça uma esperança se insinua no cérebro: "Não será domingo? Que dia foi ontem?... Que é que eu fiz ontem?... Ah, sim; o bate-papo com o pessoal, no bar da esquina; não, não fora sábado. Hoje não é domingo..."

Cláudio arrisca um pé fora da cama. Que frio! Retrocede. O relógio parou de tocar. Diabo! Sete e cinco. Salla assustado, lembrando-se do sr. Teixeira. Pensar no chefe e no serviço, aliado à sensação de cansaço e frio, azeda-lhe o humor. E para desabafar põe-se a lançar olhares furibundos à mulher, que, de costas para ele, ressoa calmamente. A inveja que Cláudio sente dela transforma-se em raiva. "Dormindo sossegadamente, a princesa! Pouco se lhe dá que eu tenha de me levantar tão cedo e começar um duro de dez horas seguidas. Nem se abala. Ah, mas isso vai acabar! Quem pensa ela que é? Nem se preocupa em fazer o café. Para quê? O burro do marido que aguenta com tudo: responsabilidade de casa, comida, roupa e, ainda mais essa, cozinha! Ah, mas isso vai acabar. Se vai! E é para já!"

A mão de Cláudio, sacudindo o ombro semi-nu da mulher, arrepiada. Abre os olhos assustada, encara o marido sem compreender.

— Você não vai levantar para fazer café? Olhe que estou bem atrazadinho e é mais do que...

Não acaba a sentença. Ela ainda não atinou com a causa do súbito despertar. Bocejando, explica mansamente:

— O café? Está lá no fogão; é só esquentar.

— Só esquentar? — explode ele — Estou cansado de café requentado. Que vida! Como é que as outras mulheres levantam junto ou mesmo antes dos maridos, lembram-se de que têm sua pequena obrigação, animam o homem para o dia trabalhoso que começa. Por que é que você se julga melhor do que elas? Largada na cama como princesa...

Ela agora está bem acordada. Não necessita despertador. A avalanche de berros se presta para o fim. Afasta a coberta e começa a se vestir, enquanto diz:

— Afinal, foi você quem...

— Já sei que fui eu quem disse para você não levantar cedo — interrompe ele. Fui eu sim, disse para você descansar enquanto eu fazia o café. Mas isto foi no tempo em que eu era idiota, ouviu? Idiota em lua de mel. Agora acabou entendeu? Acabou, morreu, está enterrado...

Ela tenta dar um aparte, mas Cláudio, furioso, corta:

— Não me responda! Pelo amor de Deus, não me responda. Já estou assim mesmo nervoso, e não há de ser deste jeito que poderei trabalhar, arcar com toda a responsabilidade. Me mato para dar tudo a você e o que é que recebo em troca? Desafetos! Um dia largo tudo isso...

Tem o pé agitado ela amarra o laço do "peignoir", atirando olhares rancorosos ao homem que a trata com tanta rudeza.

De camiseta e cuecas, as meias a lhe caírem em anéis frouxos pelos magros pés peludos, Cláudio dá passadas pelo quarto e o espaço acanhado faz com que esbarre ora num, ora noutra móvel, praguejando. Ela bem poderia rir dessa figura grotesca, se súbito não sentisse nojo do quarto abafado, da cama revolta, de si mesma e, sobretudo, do homem que de maneira tão ridícula se agita de um lado para outro.

— Há pouco você estava atrazado mas agora já tem tempo até para "footing" — resmunga ela, ao sair apressada, temendo uma resposta dele.

Apresentando o café, Luiza pensa na vida que idealizara e cuja realização ali está. A cozinha de paredes enegrecidas pela fumaça, o quarto mal cheiroso são efetivamente a casinha, símbolo de carinho, que em solteira sonhara. O Cláudio raivoso substituiu o noivo apaixonado, cheio de promessas de uma vida melhor, todo ternura e delicadeza. "Como ele mudou" — lamenta-se Luiza. "Ele está cansado de mim; mas, por que? Que foi que eu fiz para o desgostar? Por que não me quer mais? E se ele de fato cumprir a ameaça e for embora? Onde..." O líquido fervente começa a transbordar e Luiza toda atrapalhada recorre à ponta do "peignoir" para afastar o bule do fogo. O tecido é por demais fino e ela sente dôr violenta de queimadura. Irritada e magoada, como está, só encontra alívio aturdindo-se com choro. "Tanta gente morre. Por que é que eu continuo vivendo? Para que quero viver? Quem me dera morrer..."

Cláudio senta-se para a refeição. Afim de evitar nova explosão, porque ele fica irritado quando Luiza chora, ela acha prudente sair dali. Ele azeda mais ainda. "Diabo! Perco minha mocidade, lutando para lhe dar tudo que posso e a vejo rondando com esse ar de vítima. Parasita! Em me disseram que hoje em dia é espeto homem se casar. Para que? Elas não passam de um bando de preguiçosas, que querem tudo no mole; só sonham com luxo e quando o coltado do marido não é capaz de esbanjar fortunas com elas, é isso: choro, cara feia. Que diabo me levou a casar? Inferno!... Um dia largo tudo isso..."

A rua o acalma. Que dia lindo! Os raios do sol ainda tímidos abraçam Cláudio e um calor delicioso se insinua por seu corpo. Brejeiramente chuta uma pedrinha que se lhe depara; alisa faceiramente o cabelo e apalpa o nó da gravata. A seguir se apruma com confortável sensação de bem estar. E' alguém na vida, um homem que saiu da casa, onde fica a despreocupada que conta com um marido responsável por tudo.

A "despreocupada esposa", fungando enervantemente e monologando qual disco quebrado. "Quem me dera morrer...", prepara-se para a rotina. Não consegue desviar o pensamento da comparação entre as duas fases de sua vida: a atual e a de solteira. Ia à loja, lidava com coisas bonitas esperando tê-las um dia para si, quando aparecesse o homem sonhado, ansioso para depô-las todas a seus pés; enquanto o esperava havia a

única preocupação de com os pobres recursos de que dispunha embelezar-se, manter um constante sorriso, reinar no trato com todos os homens, porque provavelmente um desses seria o "tal". E agora, em vez da loja luxuosa, fica tratando do quarto apertado, dos objetos grosseiros que se recusam a criar ali o ambiente parecido com os de cinema. A falta de prática na vida doméstica faz com que se sinta estafada, uma vez tudo terminado. Acha inútil reservar uma vaguinha para cuidar dos pobres cabelos e unhas, tão abandonados; há muito que deixou de controlar o peso e as manchas da pele; o pior é, porém, que esse relaxamento, seu aspecto visto através do espelho, a deixa deprimida, sem que se dê claramente conta do fato. "Eu vou envelhecer nesta miséria, presa a essa sujeira, sem uma regalia (a lamúria está alterada). — Nunca sairemos daqui, com a bagatela que Cláudio ganha. Mas eu não sei viver assim, não aguento... quem me dera morrer... quem me dera morrer" (volta a letra do disco quebrado).

Cláudio toma o bonde. E' o divertimento mais barato do momento. A posição incômoda de pingente tem sua compensação no espetáculo das saias que se arregaçam quando as moças sobem no veículo, o roçar macio que elas embora cotrariadas proporcionam. E' verdade que, às vezes, a exibição causa até nojo, uma velha mal cheirosa, pernas com varizes, um pisão dolorido. Mas, geralmente, o que se aprecia é bastante bom...

A loura que, em pé, entre os dois bancos, vai se equilibrando, torcendo graciosamente o corpo, é bem um exemplo. E, o que é melhor, ela olha insistentemente para Cláudio, a quem, ocorre estar bancando o trouxa. Que fosse fiel e constante durante o namoro, o noivado e os primeiros tempos de casamento, vá lá. Mas agora? Que diabo, é homem ou não? Por que se privar de pequenos prazeres sem consequência? A vida lá em casa está se tornando um belo abacaxi. Luiza já não é a mesma. Por que não aproveitar, então, o que se lhe apresenta? Divertimento para Cláudio se resume nas noites de sábado, quando o pessoal se reúne para uma rodada de chope e um joguinho de cartas; além disso, há o domingo com o jogo de futebol que fornece assunto para os comentários de todas as noites no bar da esquina. Distração muitíssimo melhor seria a loura. Os olhos de Cláudio a percorrem: cabelo sedoso, cílios escuros, boca cheia, curvas felinas. Há dias que a vem observando e ela começa a retribuir o interesse. Um dia desses há de puxar conversa com ela; não há necessidade de contar que é casado. Imagina a voz cariciosa da moça, mãos muito suaves afagando-o, o corpo colando-se ao dele. Que burrada fôra seu casamento. Por que não depará-la antes com essa? Ela sim! Que corpo, santo Deus. Luiza está relaxada. Por que é que, uma vez casadas, as mulheres se descuidam tanto de si? A loura, sim! "Um dia largo tudo, vou para outra cidade, começar vida nova. A loura de curvas gostosas... Ah, largo tudo, se largo! Dia mais, dia menos..."

Quase imperceptível, abafado pelo barulho do bonde, Cláudio ouve o relógio do largo batendo 8 horas. Esquece a

loura, esquece Luiza, só pensa no sr. Teixeira. Atrazo de dez minutos. Cláudio esquece-se sala a dentro na esperança de não ser pressentido pelo chefe. A voz irônica o sobressalta, porém. "Boa tarde, sr. Cláudio"...

— Boa tarde... bom dia, seu Teixeira — tartamudeia Cláudio, encabulado. — Vim atrasado porque...

O aparte do outro corta a frase:

— Sei, sei. O bonde saiu dos trilhos.

A humildade, o ar de capacho que lhe é característico, na qualidade de empregado, é algo que irrita o chefe; tem vontade de maltratá-lo só para ver se ele reage, se o força a uma atitude. "Esse diabo nunca será mais do que honesto contador de terceira", convence-se o Sr. Teixeira. "Nada tem, nada precisa; será que não o assustam os longos anos ainda por vir?..."

Cláudio começa a trabalhar, ressentido com o chefe, que não reconhece o único empregado submisso. Experimenta um vago receio de que numa época de aperto para a firma, se forem forçados a dispensar funcionários, a escolha venha a recair precisamente nele; não se valerá o Sr. Teixeira desses atrasos para o despedir? Não, bobagem! Não é coisa que se faça com um dos mais antigos empregados da casa. Que diabo! A gente perde a mocidade trabalhando com toda energia justamente para conseguir estabilidade. Não, não o poderão por fora, sem mais nem menos... Embora tranquilizando-se, Cláudio vê qual espectro, novo chefe, nova ambientação, novo sistema de trabalhar e vamos que seu jeito não agrade... Mas nada disso acontecerá, se Deus quiser.

O trabalho, automático, lhe permite desviar o pensamento para coisas agradáveis enquanto alinha históricos e números. A loura! Um dia desses conversará com ela, só por pirraça. Pirraça? Por que? Por que não fugir com ela para outra cidade, onde terá novo emprego, no qual será respeitado, além de uma mulher terna e linda, esperando o arrumadinho para o café cheiroso, a dois...

Cláudio é arrancado aos devaneios pela voz irritada do chefe:

— O senhor é capaz de me explicar onde arranhou esse lançamento?

Cláudio, muito aflito, tenta relembrar num segundo todos os lançamentos do mês, buscando base para se justificar. Enquanto isso, o outro prossegue:

— O senhor lançou o valor e esqueceu o desconto. Agora há falta.

— Ah, sim, seu Teixeira. Fartou o desconto — concorda Cláudio, para quem é mais fácil repetir o que o chefe diz do que argumentar. — Mas o sardo de mir e duzentos cruzeiros está certo.

O senhor Teixeira se enerva com o contador formado pela Academia de Comércio que troca o "L" pelo "R", tornando tão grotescas as palavras. Sente ímpetos de lhe gritar: "Sardo fartou. Que linguagem é essa? De onde vem o senhor? Do mato? Partou... farto estou eu de você, seu sangue de barata".

— Sr. Cláudio, como empregado mais antigo da casa, era mais do que tempo de conhecer todos os lançamentos de cór, fazê-los instintivamente e, no entanto, o senhor se engana a três por quatro. Ponha seu cérebro na terra e não nas nuvens.

(Continua na pág. 55)



Walt Disney — é o nome que toda a gente conhece, como marca registrada. Walt Disney não é hoje apenas um homem, mas uma marca registrada, a sem "brain trust".

Um nome que não representa mais uma organização poderosa e registrada universalmente conhecida, mas com as greves e as exigências — O que é o seu novo filme, intitulado "Música, maestro!".

Por SALLY MIDDLETON

Do "Cine-Press Service" especial para a REVISTA DA SEMANA

HOLLYWOOD, setembro — Walt Disney, pouco amolado com as greves e perturbações do capital do cinema tem passado. Apesar disso, ampliou o seu estúdio e de iniciar um trabalho que qualificou de "plano quinquenal". com esse plano, fará ele pelo menos três filmes por ano. Houve um contratempo entre os desenhistas de Disney, considerando-se mereciam aumento de salário. Ele resolveu, então, os que lhe pareciam indispensáveis e deu mais de 150 empregados. O sindicato dos artistas não vai além da pequena metragem, acordou, para que fosse feito aumento apenas se houvesse trabalho extra. E, com isso, tudo como dantes, depois de cinco ou seis dias de trabalho. O nome de Walt Disney, hoje, representa apenas um homem, mas uma vasta organização, uma marca registrada conhecida mundialmente. Tudo é apresentado sob o nome de Disney, mas às vezes ele é apenas um colaborador entre outros. Entretanto, é um homem que já trabalhou e que tem não só capacidade inventiva, como também no sentido de se orientar em sentido a explorar novos meios, de sondar novas possibilidades. Walt Disney possui os melhores desenhistas dos Estados Unidos no seu grupo, — e alguns dos melhores de histórias infantis. Tem um "brain trust" de colaboradores dedicados, que têm idéias e que criticam, com plena liberdade, as de Walt. Uma idéia do "chefe" parece boba ou ridícula dizem na cara. E ele faz o mesmo em relação à franqueza absoluta é a nota predominante desse "bureau" central de idéias. Por isso, o plano quinquenal de Walt Disney, — sob condições de pleno agrado.

"Música, maestro!" acaba de ser mostrado em Nova York, onde suas exhibições despertam intenso interesse.

Num mundo em que já está saturado de música atômica, Disney conseguiu realizar mais uma obra sical cheia de ternura e ironia. Não é mais o animado pela música: é a música animada.



Walt Disney, o mágico das "Sinfonias Coloridas", acaba de fazer, em "Música, maestro", um novo e sante ensaio, utilizando artistas famosos na parte visual.



que toda a, como responsável pelos mais belos desenhos animados. Mas
mas um h, marca registrada, uma corporação. Ele tem muitos desenhistas
a sem "brain trust" que lança as "idéias".

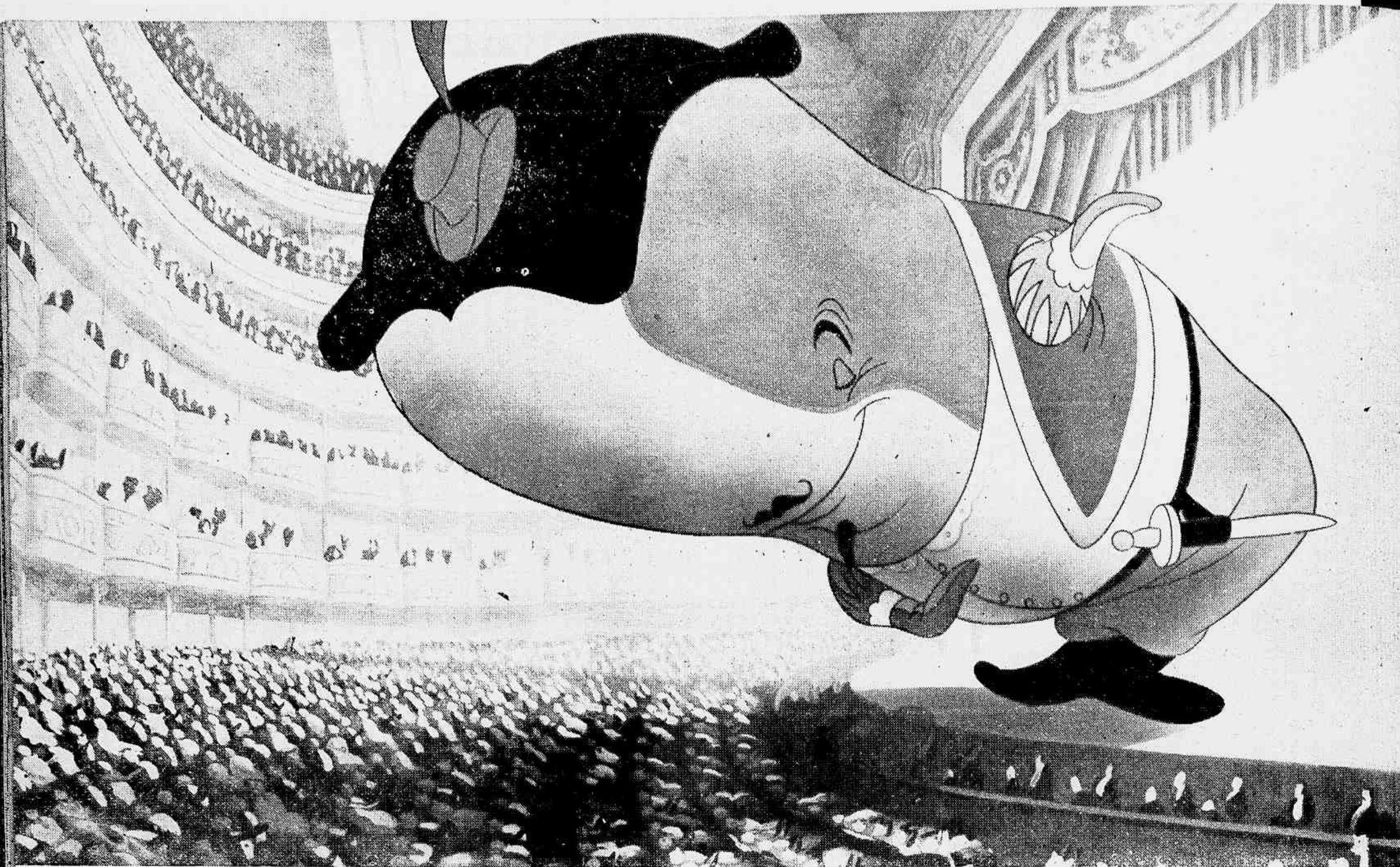
Dois bailarinos famosos, Tania Riabouchinska e David Lichine, primeiras figuras do célebre Ballet Russe.
aparecem na sequência intitulada "Duas Silhuetas", de "Música, maestro". Eles executam um bailado original
sendo o "background" musical enriquecido pela voz encantadora de Dinah Shore.

A NOVA MARAVILHA COLORIDA DE WALT DISNEY

Walt Disney discutindo com o famoso Nelson Eddy, baritono e ator de cinema, detalhes da filmagem de "Música, maestro", no qual o antigo galã de Jeanette MacDonald faz
a voz de uma baleia que resolve cantar no Metropolitan. Com quem será a sátira? Com Lauritz Melchior?

MIDDLE
vice" esp
A SEMAN
alt Disney
perturbação
pesar dis
um prop
inquinad
os três fil
tratemto
ndo-se m
olveu, ent
s e deu h
licato dos
contrar esp
aja produ
agem, acat
umento ap
isso, h
eis dias de
ney, hoje
uma vasta
a conheci
nome de
laborador
ue já trab
entiva, com
em senti
r novas
desenhistas
dos melho
rain trust
têm idênt
as de Walt
ou rítmo
em relaçã
dominante
Por isso
primeira
r, — soc
rado.
ser mostr
es desp
á saturado
mais um
Não é m
animada p
fonias Col
ro", um m
mosos na
visual.





A baleia que queria cantar, — e cantou mesmo, — no Metropolitan Opera House. Sua voz é a do barítono Nelson Eddy. A baleia se chama Willie e o professor Tetti Tatti suspeita que ela engoliu uma cantora lírica, — ao ouvi-la. O forte da baleia é a ópera "Pagliacci", que, graças a um milagre de gravação, Nelson Eddy canta em quatro vozes: soprano, tenor, barítono e baixo.

expressada pelas cores, simbolizada pelas personagens e interpretada pela ação.

Willie, a baleia, quer cantar na Ópera de Nova York. É uma baleia do sexo masculino, pois sabe que Willie, seu nome, é o diminutivo de William. Willie sabe cantar o "Figaro" e "Tristão e Isolda" com uma voz de soprano, de tenor, de barítono e de baixo. E todas as suas vozes são como a do cantor Nelson Eddy. Disney, enfim, descobriu o processo pelo qual a gravação vocal pode ser modificada em vários tons, conservando a sua tonalidade própria. No coro da "Ave Maria", composto de quatrocentas pessoas, ficou dividido em quatro partes diferentes, e quatro tonalidades são feitas exclusivamente pela voz de Nelson Eddy.

Willie, personagem imaginada por Walt Disney, surge assim no filme que se vai desenrolar diante dos espectadores. Encontra-se em alto mar. Os navegantes que passam ouvem a sua voz extasiados, e depois espalham a notícia pelos portos onde vão ancorando. O professor

Tetti Tatti, diretor do Metropolitan Opera de Nova York, quer ouvir a voz de Willie e falar com ele.

Willie se imagina logo na Ópera, dominando a cena. Canta uma ária do "Fausto". A Ópera, no sonho da baleia, está repleta. Willie domina e maravilha os espectadores.

Quando ele está pensando nessas coisas o barco do professor Tetti Tatti se aproxima. O diretor ouve a voz da baleia. Pensa logo que a sua voz suprirá todos os cantores que formam um coro e se decide logo a dispensar seus coristas. Um harpão certeiro e perverso, faz, contudo, com que a baleia se cale.

Grandeza e solidão do gênio incompreendido. A simplicidade e a esquisitice do gênio diante da habilidade malfetora do homem. O mistério da criação oferece um campo aberto à vulgaridade. Esta é a história, velha como o velho mundo. Walt Disney soube, contudo, atualizá-la.

★

Johnny Fedora e Alice Bonnett-Bleu são dois chapéus.

Um de homem e o outro de mulher, levam a efeito uma aventura amorosa. Mas Alice é arrebatada por uma freguesa. Separando-se de Johnny, ela canta, com a voz que é a das irmãs Andrews, uma canção do fim do outro século "Johnny Fedora e Alice Bonnett-Bleu":

"Alice Bonnet-Bleu esperará por ti

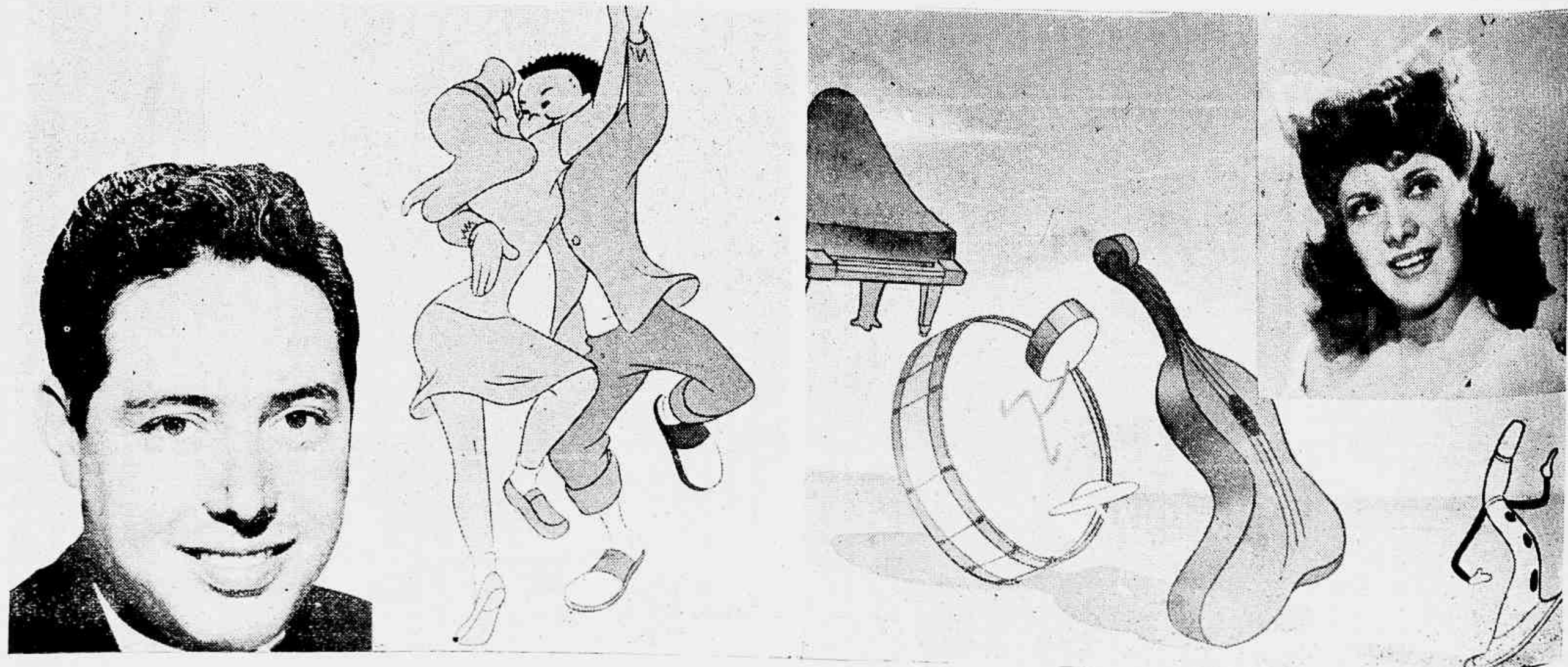
Porque o verdadeiro amor triunfará um dia".

Depois chega a vez de Johnny ser vendido. Metido na cabeça de seu novo proprietário, ele sai pelas ruas, procurando Alice com muita ansiedade. Mas com pouco tempo ele se torna um chapéu usado, velho. Seu dono o joga fora, na sarjeta. Um velho tropeiro de um carro puxado por dois cavalos apanha Johnny. Fura na copa do chapéu alguns buracos e o põe na cabeça de um dos seus cavalos. Só então é que Johnny percebe que Alice está na cabeça do outro cavalo. A carruagem se afasta enquanto o par amoroso canta:

"Porque o verdadeiro amor triunfará um dia".

O episódio dos chapéus é humano e desprende uma atmosfera de fantasia e autenticidade.

A esquerda — "All the cats join in" (cu, em nosso idioma, "Todos entram") é uma sequência de "Música, maestro!", na qual tomam parte a orquestra de Benny Goodman e o cantor Andy Russell, que aparece no clichê, cantando a canção "Without you". A direita: Movimento é o que não falta em "Música, maestro!". Nem boas vozes, como a de Dinah Shore, que aparece no medalhão.





Os instrumentos se tornam atores, na nova sinfonia colorida de Walt Disney. E o clarinete puxa o cordão, tocado por Benny Godman.

"Depois que partiste" é uma das canções mais conhecidas do "jazz" contemporâneo. Um quarteto dirigido pelo autor da composição, Benny Goodman, a executa no filme. Mas os componentes da orquestra são invisíveis. "Depois que partiste" quer dizer "depois da partida dos espectadores e da orquestra". Os instrumentos tocam sôzinhos. Viram artistas. As mãos humanas não os conservam presos, pois eles voam no ar. E dão livre curso aos seus movimentos. O clarinete dança um "Swing" infernal. O contra-baixo segue o seu exemplo e os tambores também. O piano se transforma em avião e atravessa os ares. Os instrumentos musicais não esperam mais pelo manejo dos homens. Deslocam-se, movimentam-se para onde querem e exprimem a música pelos seus movimentos. E dizer-se que o corpo humano é muito gracioso, muito harmonioso para dançar um ritmo sincopado do "jazz". O verdadeiro "jazz" começa "depois da partida".

★

Dez episódios ao todo compõem o filme. "Pedro e o lobo" é um conto russo ilustrando a bela sinfonia de Prokofieff. Com o auxílio de Ivan, o gato, de Sônia, a pata, de Sacha, o pássaro, Pedro consegue dominar o lobo. Este é levado para uma vila onde cossacos e jovens rusas saudam a chegada dos vencedores.

★

Somos transportados da Rússia para os Estados Unidos. "Casey at the bat" (Casey empunha o bastão), é a história de uma partida de "baseball" em que o campeão legendário, Casey, conquista a vitória da sua equipe. O episódio deve o seu título a um poema de Thayer, que foi musicado. O sentido que anima essas imagens escapará sem dúvida, aos espectadores não americanos, quando o filme for exibido no exterior. É uma pequena lenda esportiva imortalizada pela música, mas sem o mesmo encanto quando exibida a um povo que não sabe jogar "baseball".

★

"All the cats join in" é o nome de outra canção de Benny Goodman, aplicada à dança da juventude moderna. É um dos episódios menos fortes do filme. Walt Disney se propõe a demonstrar aí que o "jazz" não é uma música impura, seguindo, assim, nas águas do que está em voga... Mas mesmo depois que se vê o episódio ainda a gente fica cético.

O filme tem uma hora e 15 minutos de projeção. A intensidade das cenas não conservam a atenção do público na mesma altura, mas não se chega a perdê-la. Passa-se facilmente do "Fausto" ao "jazz" e do romance à sinfonia de Prokofieff. Para dar um sentido novo à música, Disney possui a habilidade de saber combinar as cores, animando-as pela ação. O seu filme representa incontestavelmente um grande sucesso para a arte cinematográfica norte-americana.



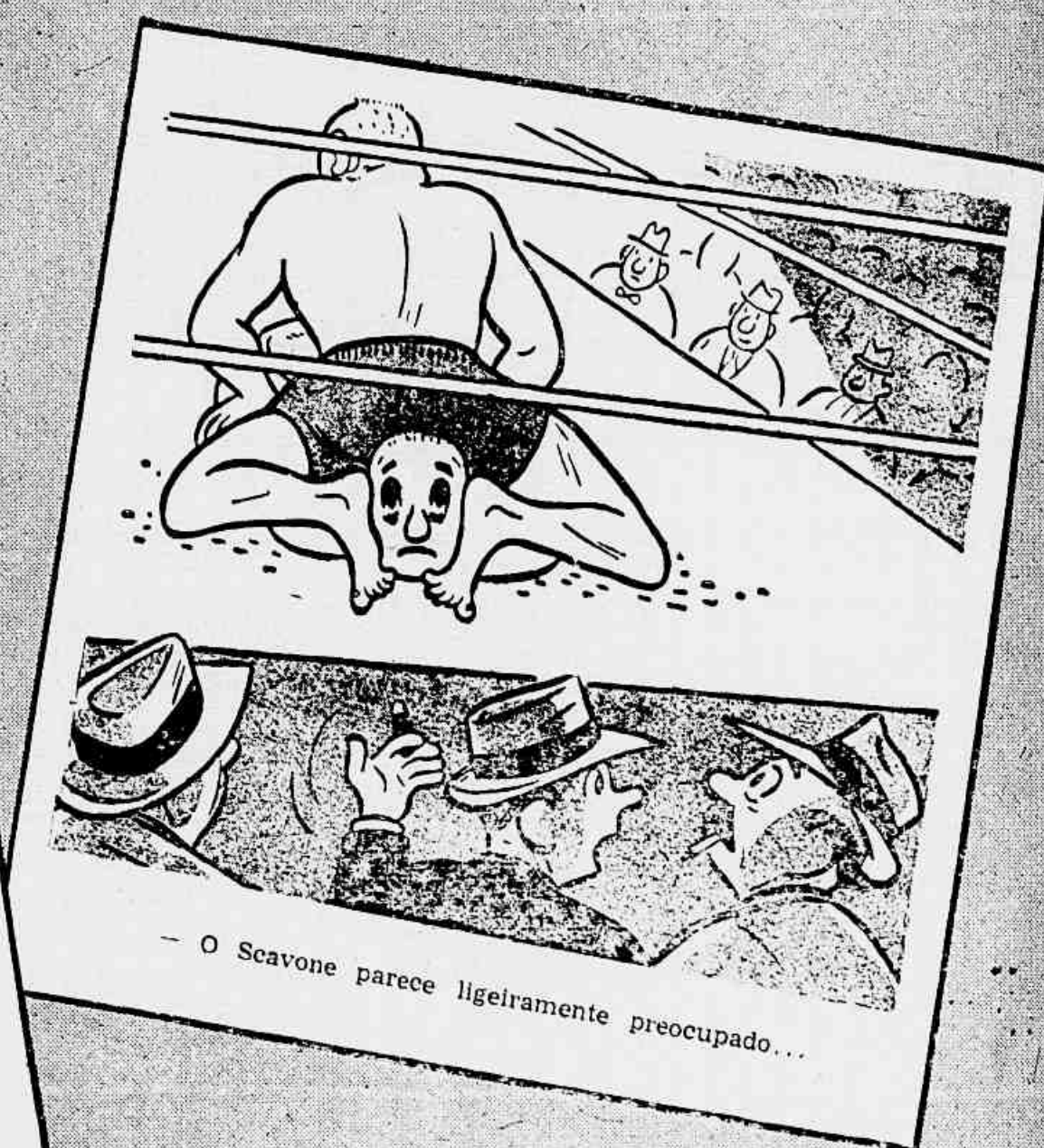
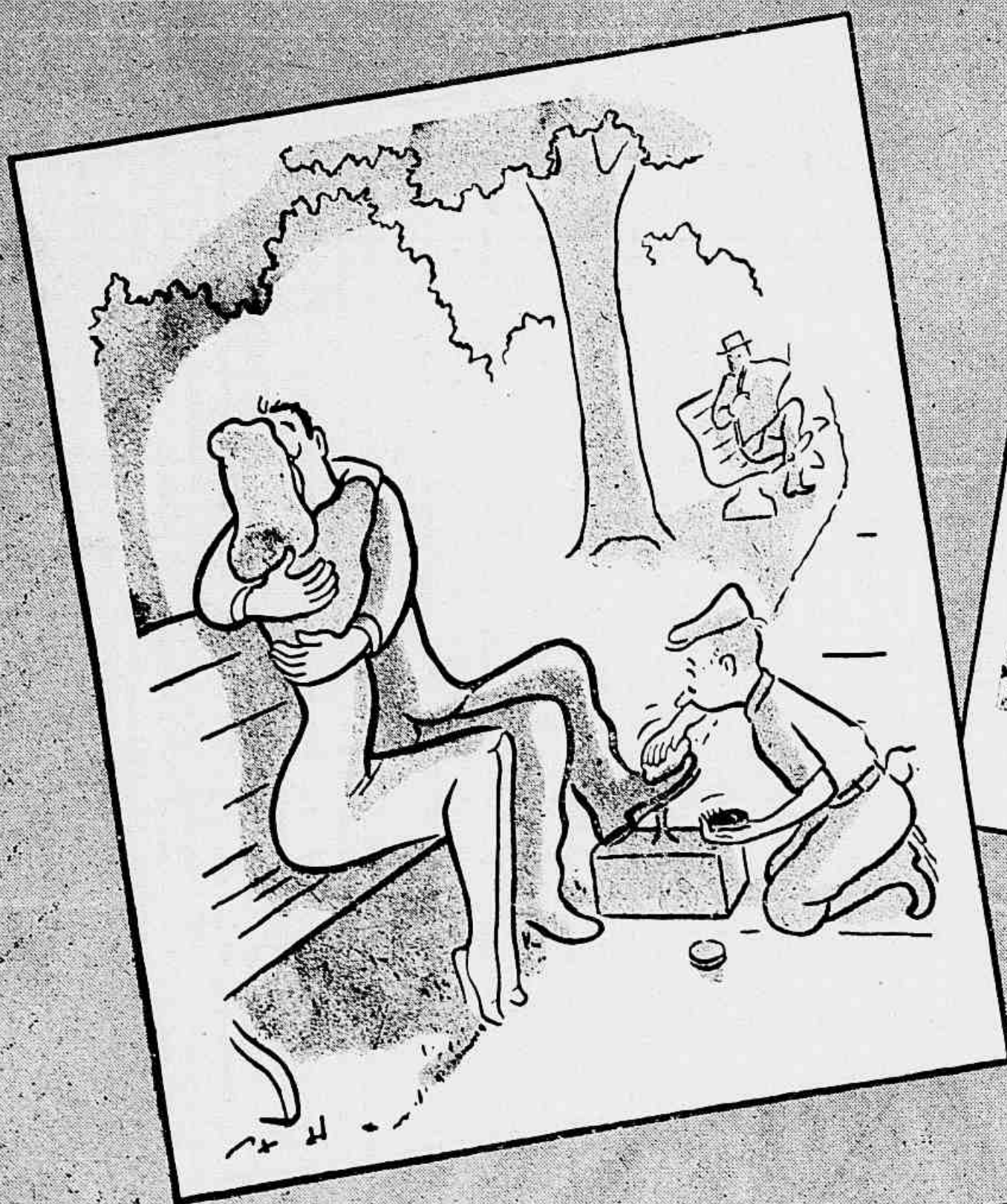
Baseado numa página musical de Serge Prokofieff, o grande compositor russo moderno, — e com Sterling Holloway aparecendo na versão inglesa, "Peter and the wolf" (Pedro e o lobo) é uma das passagens episódicas de "Música, maestro!", o novo filme de Disney. Nele atuam Sônia, a pata; Ivan, o gato; Shasha, o passarinho, além de Pedro e o lobo.



— Meu Deus! Eu nunca o vi tão carinhoso assim com outra pessoa...

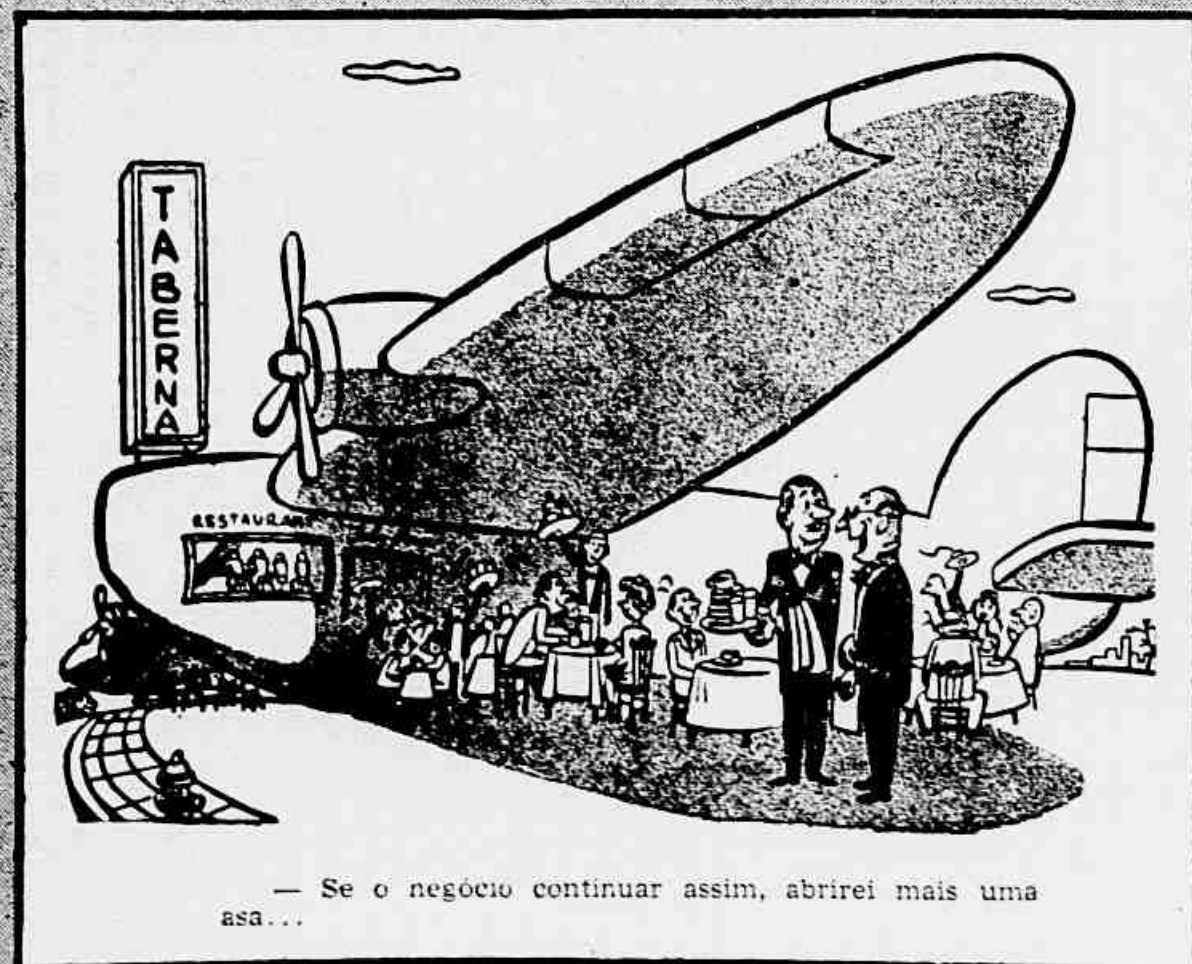


— Não havia um único "abat-jour" na cidade... Mas eu comprei este lindo chapéu!



— O Scavone parece ligeiramente preocupado...

DE BOM HUMOR



— Se o negócio continuar assim, abrirei mais uma asa...





Conjunto para a praia apresentado por Bárbara Hale, da RKO Radio. Inegavelmente está um amor... O "short"... naturalmente... Façam-no em tecido quadriculado vermelho e branco, com barras enviezadas. O blusão é de linhas retas com mangas compridas e punhos.

SER atraente não é apenas possuir um bonito rosto de cara ou um guarda-roupa farto e variado. A mulher verdadeiramente atraente pode, muitas vezes não ser bonita, mas, há sempre nela uma qualquer coisa indefinível que prende irremediavelmente todos os que dela se acercam.

A atração pode nascer no berço, mas pode também ser adquirida, sendo necessário, é claro, paciência e boa vontade.

A primeira coisa que você deve fazer, é um estudo honesto da sua pessoa, verificar quais os pontos que considera fracos e imediatamente trabalhar para repará-los.

Estude a sua aparência, o seu tipo. Procure ter a certeza de que o seu "make-up" é perfeito, seus cabelos estão sempre limpos, brilhantes e bem penteados, suas mãos bem tratadas, o seu corpo esbelto; verifique se os vestidos que usa estão de acordo com a sua idade e tipo.

Procure adquirir uma elegância discreta, o que facilmente obterá desde que renuncie ao mau hábito de vestir-se com exagero para "chamar a atenção". Suas roupas devem também estar de acordo com a hora e local em que se encontra.

Examinada e aprovada a sua aparência passemos a outro ponto: as suas maneiras. E' você agradável? Ouve com atenção tudo o que lhe dizem? Procura ser útil aos outros? Fala mal da vida alheia? Critica irônicamente todas as suas amigas? Responda a tudo sinceramente e verá que ainda resta muita coisa a fazer.

Porque, nunca poderá ser atraente uma pessoa impaciente, intolerante, sarcástica e imprestável.

Além disso, é preciso também cultivar o seu espírito. Não basta ir ao cinema ou citar dois ou três autores célebres. O que é preciso, e também isto você obterá si quiser, é procurar entender de tudo um pouco, afim de que possa manter uma palestra agradável. Sendo possível, firme-se numa ou duas cousas; dedique-se aquilo que realmente represente a sua vocação; a pintura, a música, a literatura, qualquer uma forma de arte contribuirá imensamente para aumentar a sua ação.

Finalmente, seja simples e natural. Trabalhe bastante até conseguir chegar a um bom resultado, porque, realmente, não há nada que uma mulher possa desejar mais do que se tornar atraente.

NOS BASTIDORES FEMININOS



“SHORTS”

Ao alto à esquerda: Elegante “short” apresentado por Gene Tierney, a famosa “star” da Fox, que aparece em “O fio da navalha”, ao lado de Tyrone Power, e em “Amar foi a minha ruína”, com Cornel Wilde. Executado em tecido de largas listas azuis, as da blusa em sentido horizontal e as do “short” propriamente dito em sentido vertical. A direita: — Si você pretende passar as férias nalguma fazenda, não deixe de aproveitar a sugestão de Noel Neill, da Paramount. Inspirando-se nos traje dos “cow-boys”, Miss Neill usa esse interessante “short” de gabardine azeitonado. O blusão fecha com “eclair”. Botões de metal. E finalmente, essa garota que resolveu “brincar” com corações, é Jeff Donnell, da Columbia Pict. Para ir à praia, ela usa um “short” de “piqué” branco, “sweater” vermelha e faixa de seda vermelha com “pois” brancos.



PARA O “COCKTAIL”

Eis um modelo apresentado por Eleanor Parker da W.B., que sem dúvida irá despertar o interesse das nossa leitoras. E' um elegantíssimo modelo para “cocktail”, confeccionado em cetim listrado preto e branco. Na frente, na blusa e na saia, as listras são colocadas em direções opostas, formando desenho. Ombros e partes das costas de “chiffon” preto. O interessante “movimento” da saia é obtido com os drapeados que partem da cintura.

B.
to-
ec-
na
os-
de
ob-

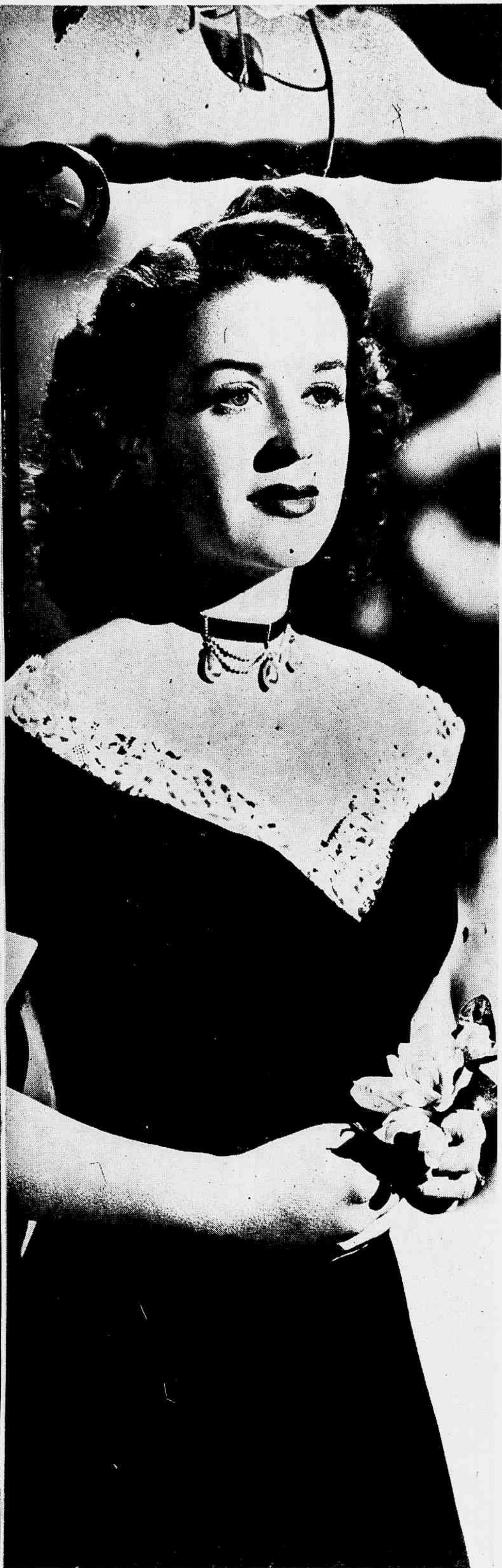


MODELOS PARA AS

As "toilettes" para a noite realçam ainda mais a beleza feminina. Agora então que Paris, Nova York e Londres estão em luta aberta na conquista do primeiro posto no lançamento da moda, têm surgido as mais extraordinárias criações.

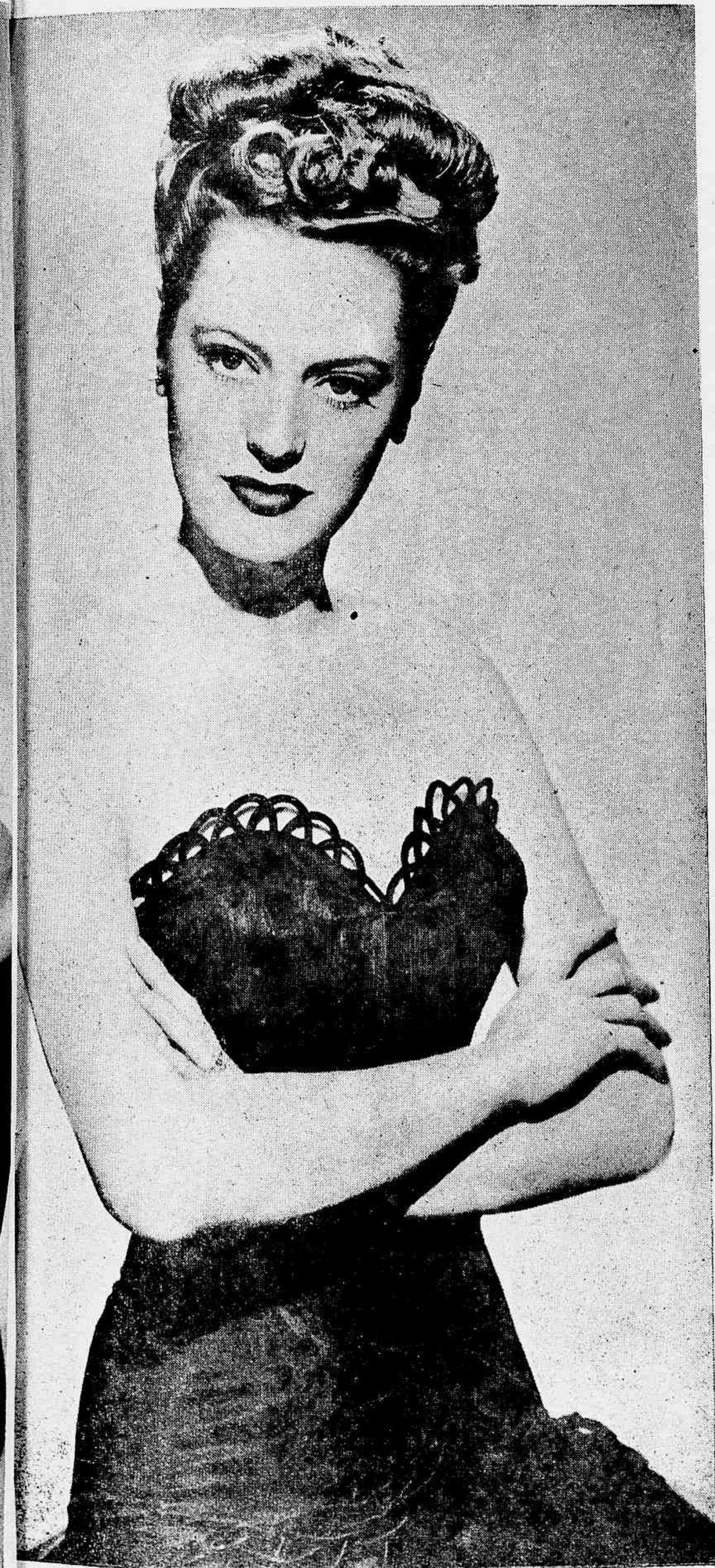
Lucram com isso as elegantes do mundo inteiro que têm assim ensejo de escolher os modelos que melhor se adaptem ao seu tipo e personalidade.

Aqui apresentamos às nossas leitoras algumas sugestões recém-chegadas de Hollywood.



NOITES DE GALA

De muita linha e distinção é este modelo de Rosemary de Camp. Fêto em veludo negro, tem ao redor do decote larga renda branca. Corpo ajustado. Saia "godet". Modelo em crepe romano verde claro. Tranças do mesmo tecido formam as alças e arrematam a pala da cintura. Saia "godet". Forro de cetim. O "modelo" é a encantadora Alexis Smith. Novamente Alexis Smith, agora com um modelo de cetim preto, um tanto audacioso. O corpo é justo e longo. A saia ampla. Cordões feitos com o próprio cetim formam o enfeite do vestido. E' Janis Paige quem ostenta este maravilhoso vestido de cetim preto, colante, com franjas de vidrilhos em toda a extensão da saia. Um só ombro co-berto, e sobre ele bordado com vidrilhos. — (Fotos da Warner Bros.)



MODELOS FRANCESES

A PRESENTAMOS nestas páginas, às nossas leitoras, as mais recentes criações da moda francesa, que conquistou novamente no mundo o lugar de destaque que sempre mereceu. Mesmo com fortes concorrentes como Londres, Nova York e Hollywood, Paris tem conseguido manter-se na liderança da moda feminina.

Primeiramente temos: modelo muito "chic" de Madeleine Vramant, em seda azul marinho, frente toda drapeada. O blusão é mais comprido atrás. Saia franzida. Em inprimê branco e azul é feito este original modelo de Jeanne Lafaurie. Grande decote quadrado. Blusa com drapeados presos de um lado com um laço. Saia com grupos de franzidos na frente. A seguir 3 lindos chapéus, da esquerda para a direita: Elegantíssima "capeline" de palha negra enfeitada com "bouquet" de rosas roccoco em tom natural. Chapéu de palha preta, com bordado branco na aba e no grande laço que há na copa. Grande chapéu de palha caramelo, com " echarpe" de diversas cores passando sob a aba. E finalmente na página ao lado, originalíssimo este vestido de crepe azul marinho, criação de Catherine Parel. Lenço drapeado formando gola. O drapeado da saia na frente, termina atrás arrematado por um babado que cai em "cascata". Aplicações de "piqué" branco. Modelo de seda azul marinho com "pois" vermelhos. Mangas amplas. Decote em "V". Frente da blusa pregueada. Saia franzida. Criação de Marcelle Alix.







JOCKEY CLUB MUNDANO

As corridas de domingo, como sempre, levaram ao prado da Gávea os elementos mais representativos da elite carioca. A "pelouse" enfeitou-se com a graça e a elegância de numerosas "turfwomen", tendo o nosso fotógrafo conseguido apanhar ali os sugestivos instantâneos que ilustram esta página.



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO



CRUCIFIXION DE LUZ, versos de Gaston Figueira — Montevideo, 1943.

Vem-nos de Montevideo este livro. É um pouco tarde; realmente, nos chega às mãos. Preferíamos recebê-lo, se não ao sair do prelo, pelo primeiro pacote ou, não, pelo primeiro avião... Paciência. A data da dedicatória satisfatoriamente compensa, para o registo desta página, o atrazo perante o calendário. É grato nos é apreciar a poesia do Sr. Gaston Figueira, intensamente expressiva, repassada de profundo sentimento cristão. Na maior parte das composições aqui reunidas a imagem de Jesus splende ou transparece, em sua adorável beleza, em sua virtude inspiradora. O Sr. Gaston Figueira faz nervos como quem reza; e as suas rimas, integral ou apenas tónicamente se correspondendo, dão a impressão enternecedora de se sucederem como contas dum rosário que cantasse.

Vejam, por ser dos mais adaptáveis aos limites desta secção, o poemeto *Transfiguración*:

*Iluvia nocturna.
En el cuarto, el brasero
es un mundo hechicero.*

*— Toc-toc... Golpean en la puerta,
Alma ¿quién es? ¿despierta?
— Son unos pordioseros.
hijos de la noche desierta,
Son unos pordioseros...*

*— Alma, que entren.
Abre la puerta.
Revive los tizones del brasero.
Corta el pan, de una humildad pia.*

*... Si en una noche fría
y muerta,
golpea algún mendigo en vuestra casa,
¡abrid la puerta, abrid la puerta!*

*Quizá de todos
el más pobre,
el de más fatiga lleno
sea el Nazareno.*



CANTICO PERDIDO, versos e prosa de Eduardo Tourinho — Livraria Editora Zélio Valverde. S. A. — Rio de Janeiro, 1946.

Obedecendo ao gosto popular de tantos escritores da época e, sem sombra ou longe de desrespeito diremos que o Sr. Eduardo Tourinho é do amor. Em quase todas estas páginas o tema sentimental e pessoal se faz servir por magestosas cadências e rimas de alta sonoridade. Uma das primeiras composições intitula-se *Um hino de Eros* e assim principia:

*Glória a Ti Glória a Ti, que coroas de espinhos
E rosas minha vida em revolta sem termo!
Que inundar de alvorada os meus negros caminhos
E vestes a alegria em minha alma de enfermo!*

Se tão frequentemente o autor do *Cantico Perdido* invoca o amor, não é só em obediência ao sentimento da gratidão. Também do deus entre todos caprichoso tem graves queixas e guarda fundos ressentimentos. Eros — pelo menos, assim os versos nos afirmam — lhe infligiu as humilhações da indiferença, as punhaladas da traição, as ofensas do escárnio, o desespero que vem do abandono. Não importa. Valeu a pena passar por desenganos tão crueis, pois cada um deles foi precedido por um divino engano. E nem todos juntos, e mais que ainda venham, poderão impedir que o poeta se possua de novas ilusões. Quando se é do amor, nada faz que se deixe de o ser.

Na sua ingênita e infatigável tendência passional, não se contenta o Sr. Eduardo Tourinho em celebrar os próprios enlevos e amarguras; propala os dos outros rimadores, em convicções e esmeradas traduções. Assim no presente volume se nos deparam criações de Amado Nervo, Rainer Maria Rilke, Verlaine, outros gosadores e sofreadores inspirados. São camaradas distante, irmãos perante o amor e dispersos por outros idiomas, outras literaturas, que o Sr. Tourinho chama ao seu convívio, para sonharem juntos. Deste modo, sempre, mais ou menos, com eles procede generosamente, porque, em verdade, como poeta, como artista, não precisa de companhia alguma. Pode, sózinho, cultivar todas as formas e expressões da poesia. Aqui o vemos e ouvimos, multiplicando-se pelas formas clássicas como pelos mais modernos recursos de expressão; e até ao género regional empresta eloquência viva e bem sua, como o atesta a parte do volume intitulada *Musa cabocla* e a que pertencem os poemetos *Nós dois*, *Marucha*, *Bahiana* e *Sólade*.

Leiam a página *Regresso*, uma das mais belas do volume:

*Quando você voltar, essa noite sem termo
Que me envolve e amortalha a teoria das horas
Há-de se dissipar — incendiando meu ermo —
Num crepitar de sóis, num turbilhão de auroras!*

*Quando você voltar da Ausência e da Distancia
— E o perto tornar longe e o longe tornar perto, —
Meu luto terá fim... Será festa, minha ansia...
E de rosais em flor cobrir-se-á o deserto!*

*Quando você voltar, dos tortuosos caminhos
Se elevarão à altura alelúas e hosanas!
Em prece, hão de mesclar-se a orquestração dos ninhos
Cristais de carrilhões e de vozes humanas!*

*Quando você voltar, Bem amada querida,
A adormecer minha alma em carícias de luar,
Sentirá que esse sonho é maior do que a vida
E que a vida é bem pouco a quem vive a sonhar*



NÁPOLES E... POUCO MAIS, "ligeiras observações de um expedicionário", pelo general F. de Paula Cidade — Edição da Biblioteca Militar — Rio de Janeiro, 1946.

É uma crônica minuciosa, acentuada em todos os pormenores, mas que a gente acompanha, sem quebra ou mingua de interesse, de princípio a fim.

A narrativa começa da partida do Rio de Janeiro com destino à Itália, travessia essa, observa o autor, que, "por via aérea, deixou de ser uma proeza para tornar-se uma coisa banal. Centenas de milhares de homens fizeram essa travessia durante a guerra, com perdas que cada vez se tornavam menores. Particularmente nós os brasileiros nunca perdemos vidas no salto do Atlântico, não obstante o número elevado de oficiais que se submetem a essa prova". Mas nem por deixar de ser perigosa ou de qualquer modo cilindrada, a viagem se torna para nós menos cativa. Acompanhamos o general Cidade dia a dia, nas etapas do: Natal, ilha de Ascensão, Acra, Robert-Field (Libéria), Dakar, Casablanca, Atar, no Sahara, Tiuduf, de novo Casablanca, depois Argel e, finalmente, Nápoles. O viajante dedica a todas as paragens que visitou com mais ou menos lemosa páginas singelas mas sugestivamente pitorescas. Segue-se o panorama de Nápoles, apanhado de vários pontos e nos seus aspectos mais característicos. O estilo do autor se mantém correntio e nitido, sem acusar outro cuidado se não a fiel reprodução ou a melhor interpretação da verdade. E assim por todo o livro.

Não se trata, nestes capítulos, apenas nem sobretudo da guerra. Naturalmente o espetáculo das batalhas es á sempre à vista, nas recordações de ontem, na expectativa de amanhã. Mas o livro se vai compondo também, e em grande parte, da grandiosidade ou formosura das paisagens, dos costumes curiosos da gente, dos motivos de história, lenda ou poesia que por toda parte se deparam. E o capítulo consagrado a Sorrento, Tasso e — *Jerusalem libertada*, essencialmente literário, termina com esta evocação impressionante:

"Ail Sorrento... Neste minuto que passa, quando ali — refere-se a uma fortaleza ou masmorra, avistada à distância — se hão de contar, horário de verão, mais cinco horas do que no Brasil, que estará ocorrendo naquela praça em que Torquato Tasso olha sempre na mesma direcção, na sua última loucura mansa, muito menos perigosa que a nossa, que atravessamos o Atlântico e boa parte do Mediterrâneo, para matar ou morrer?" Enriquecem o volume numerosas fotografuras.

CAMINHO DE MÚSICA, páginas de crítica de Andrade Muricy — Editora Guafrá Limitada — Curitiba, 1946.

Crítico dos mais cultos e compreensivos, jornalista dos mais aptos para os imprevistos de redacção, não nos dá o Sr. Andrade Muricy, nestas páginas, obra dogmática nem obra ligeira. Não se trata de notícias rabiscadas nos intervalos das óperas ou dos concertos, para serem, a tola a pressa, levadas ao jornal; mas igualmente não encontraremos, de capítulo em capítulo, a feição continuada das obras que se prepararam, se organizaram, com intransigente orientação, para uma teoria dominante ou um único problema. O objectivo, aqui, é de ordem geral: servir a boa música. Louvá-la unicamente, se indiscutível e ao alcance de todos; explicá-la quando, superior, a não entendam, não sintam as pessoas que, por isso mesmo, deixarão de a estimar; revelá-la, divulgá-la por entre quem a ignore, dar-lhe o prestígio possível, como elemento de educação que, não só, conforme o velho conceito, adoca os costumes colectivos, mas benéficamente influe na inteligência e na sensibilidade de cada um de nós.

Entre as duas fórmulas: a solenidade pontifical e a apreciação sobre o joelho, se coloca vitoriosamente o livro do Sr. Andrade Muricy. Compõe-se das suas crônicas semanais para o *Jornal do Comercio*. Oferece-nos um critério erudito e meditado, que se dirige, não apenas aos grandes técnicos, aos refinados da arte, e sim ao público formado por todos os que dalgum modo a acompanhem e deversas e saibam prezar. Felizmente, esse público vem ficando, nos últimos anos, progressivamente mais vasto e educado. Passou o tempo das óperas sempre as mesmas e das vozes extensas sem outro dom apreciável; se ainda qualquer dessas tradições ou preconceitos se observa, não é, porque os dilettanti assim o desejem ou contra isso deixem de reclamar. E os concertos sinfônicos que, há apenas vinte anos, só, a bem dizer, inspiravam tédio e abandono, sustentam hoje várias sociedades de profissionais, além dessa instituição nunca de mais louvada que é a Cultura

Artística; alcançam amplas assinaturas; e fazem que tantas vezes se encha "a cunha" o Teatro Municipal. Ora, inquestionavelmente o Sr. Muricy figura entre os publicistas de qualquer tempo cuja projecção se tornou naquele sentido, mais notável e eficiente. Os seus rodapés de quarta-feira, no Velho Orçã, isentos do ardor extremado, da preocupação batalhadora de Oscar Guanabara, dignamente continuam a missão idealista e esmerada de Rodrigues Barbosa, proveito musicista, escritor excelente; padrinho, tanto quanto possível, de todas as nobres iniciativas; defensor de todos os devotados, todos os sinceramente esforçados a quem se fizesse guerra ou simplesmente se negasse justiça. Tais virtudes, bem os leitores as tem reconhecido e apreciado nos trabalhos do atual titular da secção musical do *Jornal do Comercio*; e melhor, no seu efeito de conjunto, se nos apresentam neste livro.

RECEBEMOS:

Retorno à terra, opúsculo de propaganda rural de Hernani de Carvalho, com uma apreciação do professor Sud Mennuci — Campos, 1946.

Teotônio Pereira, discurso de A. da Silva d'Azevedo, pronunciado no Clube Português, de São Paulo.

Da Maioridade à Conciliação, tese de concurso, apresentada a Faculdade Nacional de Filosofia, por Helio Viana — Rio de Janeiro, 1946.

Língua brasileira, conferência pronunciada no Instituto de Estudos Portugueses, do Liceu Literário Português — Rio de Janeiro, 1946.

Mensário do "Jornal do Comercio". Tomo XXXIII, volume III, correspondente a março de 1946. Traz artigos de colaboração sobre assuntos diversos.





FOI, unicamente, por um dever social que eu compareci à casa enlutada do meu ex-amigo Alvaro Bastos.

Digo ex-amigo, não só por ter o Alvaro deixado de pertencer ao ror dos vivos, mas também, porque algum tempo antes de morrer, esse meu colega de repartição rompera relações comigo, aliás sem eu nunca atinar com o motivo. Da mesma forma a bruta se zangara com meus companheiros e mesmo com os superiores. Passára a ser rabugento, bruto, insocial, o até então delicadíssimo e distinto colega e amigo.

As razões dessa metamorfose eram um inescrutável enigma que não conseguimos desvendar apesar de não fazermos outra coisa senão cochichar a respeito dos modos insólitos do Alvaro.

Que seria? Desgostos íntimos? Doença? Como seria possível saber se o nosso colega se tornara hermético e mesmo estúpido, mostrando-se irritadíssimo à menor interpeção que lhe fizéssemos nesse particular? Ainda me recorde de ter, uma vez, vencendo todos os escrúpulos do meu amor-próprio, procurado abordá-lo com humildes e carinhosos pedidos de amizade e confiança. Pedira-lhe para acreditar na sinceridade que me animava a consolá-lo nas dificuldades ou desgostos que por ventura sofresse. Respondeu-me aos brados, dizendo-me que tratasse da minha vida e o deixasse em paz.

E assim foi vivendo, ensimesmado, jamais encarando com quem quer que fosse a não ser para olhares agressivos, recebendo as ordens do chefe com grunhidos que lembravam o rosnar de um cão de fila, até que faltou um dia ao expediente e à tarde chegava-nos a notícia do seu falecimento, vitimado por um colapso cardíaco.

Cheguei à casa enlutada, como já disse, protocolarmente, e logo tive a intuição de que o desespero não era muito grande. A viúva, se conservava nos olhos essas lágrimas que todos têm, mesmo estranhos, em presença da morte, não demonstrava, todavia, o acabrunhamento desvitalizante provindo dos grandes golpes. Ela mesma fazia as honras da casa, movimenando-se com desembaraço ao encontro das visitas, conversando e providenciando café e biscoitos. Os filhos, já crescidos, conversavam naturalmente, sobre assuntos diversos. Havia tristeza e compunção, sem dúvida, mas nem sombra do pun-

Tragédia íntima de um homem mau...

gente espetáculo que habitualmente se assiste nas casas que perdem um ente muito querido.

Aliás, a razão disso era exposta sucintamente pela própria senhora Bastos. Dizia ela que, nos últimos tempos, o Alvaro se transformara de uma forma incrível. Ele que era tão carinhoso e dedicado, incapaz de chegar à casa sem um presentinho ou uma gulodice para ela ou para os filhos, de repente passara a ser bruto, calado e rabugento. Vivia só para maltratar a família, e nem sequer correspondia a benção que os filhos lhe pediam enxotando-os com gestos violentos. Só faltava dar panca da em todo mundo. Custava a entregar o dinheiro das despesas da casa e quando o fazia, depois que ela, previda pela necessidade o vinha solicitar humildemente, era jogando acintosamente por cima dos móveis, muitas vezes até espalhando pelo chão. Enfim, era uma vida horrível! O Alvaro parecia endemoniado. Uma vizinha até levára o seu retrato e algumas peças de suas roupas brancas para que uma "espírita" fizesse algumas "irradiações e passes" para desmanchar o "despacho". De nada adiantara...

— E afinal, terminou a viúva, ele morreu como um passarinho... Foi um alívio para ele e — Deus me perdoe! — para nós!

Intimamente, eu me sentia revoltado. Sem saber bem porque, tinha ganas de verberar aquela chocante indiferença com o corpo ainda ali... E creio que foi mesmo recheio de me exceder, que me despedi antes de mais ninguém.

Só então, a filha mais velha do Alvaro, como se estivesse organizando o "carnet" social dos visitantes, perguntou-me o nome.

— Antonio Braz, respondi.

— Ah! Antonio Braz? lembrou-se a senhora Bastos

— Então foi para o senhor que meu marido deixou uma carta!

— Uma carta? Para mim? fiz, surpreso.

Como resposta, a viúva correu ao quarto e voltou com um envelope subscrito para mim e com uma advertência sublinhada: **Para ser lida depois da minha morte.**

— Achei-a na sua gaveta quando fui ver si ele deixara algum dinheiro guardado, explicou a senhora Bastos. E acrescentou, depois de um rápido olhar para o cadáver, como si se justificasse: Para ajudar nas despesas do enterro...

Atarantado, só atinei em meter a carta no bolso, embora não fosse preciso ser um grande psicólogo para perceber a onda de curiosidade que se formara ao meu redor. No bonde, a caminho de casa, abri e li a carta do meu velho amigo Alvaro Bastos. Era datada de dois dias antes e dizia assim:

"Caro amigo: Peço-te que acredites na sinceridade desse adjetivo e leias essa carta até o fim. Sei que ultimamente tú também me odiavas, aliás como todos os meus parentes e amigos. Fui mau para todos e agora, escolhendo-te para meu confidente depois de morto, faço-te minha última maldade. Essa maldade que te faço é justamente a que procurei evitar a todos os outros entes que eu amava tanto. Sim, eu percebera o quanto todos me estimavam. Vi que a razão dessa grande estima que me tinham era por eu ser por demais extremoso. Conquistava facilmente a amizade de todos. Meus filhos me

(Continua na pág. 50)

Conto de EDUARDO GROTA CARRETERO ★ Ilustração de ABELARDO ZALUAR
PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"



NO registro quotidiano dos acontecimentos de maior relevo da vida carioca, é-nos grato assinalar o esforço entusiástico de elementos destacados do comércio e da indústria, no sentido de elevar esta cidade ao nível já atingido nas esferas dos negócios pelos centros mais populosos e adiantados do mundo civilizado.

A sociedade elegante local já conta com estabelecimentos cujas montagens e aparelhamento podem oferecer o conforto moderno a que tem incontestável direito uma clientela escolhida, habituada ao trato de casas de primeira ordem.

Surgem diariamente no centro, nos bairros e nos subúrbios, estabelecimentos de variados gêneros, todos obedecendo aos modernos requisitos de conforto, higiene, distinção e eficiência, e com isto vai a cidade se enquadrando no vertiginoso ritmo renovador de progresso que a eleva e engrandece.

No dia 1º do corrente mês, coube à CASA NOVA AMÉRICA MODAS LTDA. trazer à Metrópole brasileira a

UM ACONTECIMENTO AUSPICIOSO NA VIDA COMERCIAL DA CIDADE. A INAUGURAÇÃO DA CASA NOVA AMERICA MODAS LTDA.

sua valiosa contribuição, inaugurando à rua da Carioca, 29 — Telefone 22-5401 — a sua linda, moderna e majestosa sede. Com este notável empreendimento, ganharam os homens de bom gosto e as mulheres "chics" da cidade. E' mais uma alfaiataria de classe para homens e senhoras que se instala no centro, dispondo de magnífica secção de camisas e gravatas finíssimas, e mantendo vasto e variado estoque de sugestivos padrões de casimiras, tropicais e linhos ingleses.

Por tudo isto estão os cariocas de parabens prontos a compensar com a sua preferência os esforços realizados pela firma proprietária da grande Alfaiataria, a cuja frente se encontra a figura simpática de José Cabral, negociante honesto e dinâmico.

E para coroar de êxito a brilhante iniciativa de que resultou a Casa Nova América Modas Ltda., foi colocado na sua gerência o Sr. José Neves Trindade, cavalheiro de fino trato, querido e respeitado no vasto círculo de relações que conseguiu formar no seio do comércio, da indústria e sociedade locais.

O Sr. José Neves Trindade espera receber na Nova América Modas Ltda. a honrosa visita de todos os seus distintos amigos, aos quais as circunstâncias não lhe permitiram dirigir convites pessoais, como era seu grande desejo.

Nesta página estampamos uma fotografia da magnífica fachada da Casa Nova América Modas Ltda., e dois aspectos da inauguração.





TIVERAM o mais completo êxito as negociações levadas a efeito, em Londres, entre o governo do Brasil e o da Inglaterra, por iniciativa do Senhor João Neves da Fontoura, ministro das Relações Exteriores. O titular brasileiro, depois de alguns dias de negociações, firmou um importante acordo comercial com o governo inglês, destinado a estreitar ainda mais os laços de amizade que ligam as duas grandes nações.

Uma das consequências mais importantes do acôrdo, pelos seus efeitos imediatos, foi a extinção dos "navicerts", que vinham perturbando grandemente as atividades comerciais. Outras providências versaram sobre a transferência de interesses ingleses, inclusive de estradas de ferro, ao nosso país. Em cima aparece o Sr. Neves da Fontoura, na festa que o primeiro ministro Ernest Bevin lhe ofereceu, em conversa com a Sra. Fortesque Whittle, esposa do diretor do London and South American Bank. Ao lado, o ministro das Relações Exteriores por ocasião do seu desembarque, em Londres, ao lado do embaixador Moniz de Aragão e de membros de sua delegação, e, em baixo, o enviado brasileiro recebendo no aeroporto, os cumprimentos de altos funcionários do Foreign Office. — (Fotos do B.N.S.).

A MISSÃO NEVES DA FONTOURA EM LONDRES



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

PARA O SEU MENU

CARNE ENROLADA

Cozinhe 4 ovos, durante 10 minutos, descasque-os e reserve-os. Passe pela máquina de moer carne 1/2 quilo de chá-de-dentro, 1/2 pão de 100 grs. e 1 cebola. Tempere com salsa picada, sal e pimenta. Junte 1 ovo inteiro e 1 colher de manteiga. Misture bem.

Espalhe um pouco de carne na mão e enrole sobre cada ovo cozido. Passe em farinha de rosca, ovos batidos, novamente em farinha de rosca e frite.

Depois de fritos, parta ao meio e arrume no prato a gosto.

ACELGA COM OVOS POCHÊS

Escalde um molho grande de acelga, pique-a com faca e deite-a sobre um bom refogado com azeite, alho socado e cebola ralada. Sirva com ovos pochês.

TORTA DE BANANAS

Misture 250 grs. de farinha de trigo com 1 colher de chá de sal e 2 colheres de sopa de açúcar. Faça uma cova nessa farinha e aí deite uma colher de sopa bem cheia de manteiga, 2 gemas e 1/2 xícara mais ou menos de coalhada. Misture bem esses ingredientes e una-os à farinha.

Estenda a massa um pouco fina e arrume-a em forma untada em camadas intercaladas com bananas fritas.

Pincele com gema e leve ao forno.

TORTA DE PEIXE

Faça uma massa com 250 grs. de farinha de trigo, 1 colher de manteiga, 2 colheres de azeite, sal e 1 gema. Misture bem, forme a forma própria (deixando um pouco de massa para enfeitar).

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases inebriam o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficientes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE

Coloque dentro o recheio, enfeite com tirinhas da mesma massa, formando um xadrez, pincele com gema e leve ao forno.

RECHEIO PARA TORTA

Frite postas de peixe e com cuidado retire as peles e espinhas. Prepare um molho branco, um pouco grosso, junte 2 gemas, o peixe frito desfiado, azeitonas, ovos cozidos e picados e pedaços de palmito. Misture bem, junte 1 colher de manteiga e o recheio está pronto para ser usado.

SONHOS COM CALDA

Ferva 1 xícara d'água com 1/2 colher de manteiga e 1 colher de chá de sal. Logo que levantar fervura jogue de uma só vez, 1/2 xícara de farinha de trigo. Leve ao fogo brando até acabar de cozinhar. Deixe esfriar e junte 2 ou 3 ovos inteiros.

Bata muito e descanse 1/2 hora. Frite às colheradas em bastante gordura. Faça uma calda com 300 grs. de

açúcar e dê ponto de fio. Junte 1 copo de vinho tinto e regue os sonhos.

FEMININAS

Para realçar a sua beleza...

"Dramatize" os seus olhos usando "rouge" (sem exageros!) sob as sobrancelhas, e um ponto negro no canto de cada vista.

Se usa os cabelos para cima, escoe-os bem naquela direção afim de que não fique caído um fio sequer.

Use uma "base" mais escura para disfarçar o "duplo mento".

Deixe que a sua boca seja o principal ponto de atração. Pinte-a em primeiro

lugar e depois combine o restante do "make-up".

Tenha sempre as sobrancelhas lustrosas, aplique cosmético nos cílios, mantendo-os separados e virados para cima (mais uma vez a previno contra o exagero!).

Use um "maquillage" que combine perfeitamente com a tonalidade da sua pele.

Vista-se com discrição e elegância, escolhendo os seus modelos de acordo com o seu tipo.

Se as suas unhas têm a tendência de se curvarem para baixo, não deixe então que elas fiquem muito longas, porque nesse caso darão idéia de garras.

Quando resolver seguir algum regime alimentar, não se deixe tentar por convites para comer fora de casa. Aí seria fácil quebrar a dieta, com prejuízo da sua "linha".



BÓLO MÁRMORE

6 colhs. (sopa) manteiga (ou outra gordura)	1 1/2 chics. farinha
1 1/2 chics. açúcar	1/2 chic. araruta
1 colh. (chá) essência	1 colh. (sopa) Royal
3 ovos	1 colh. (chá) sal
	1/2 chic. leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa, alternados com leite, batendo sempre. Coloque 2/3 da massa na fôrma untada. Misture ao restante uma pasta feita com 2 colhs. (sopa) cacau com água. Ponha a mistura às colheradas sobre a massa na fôrma, mexendo só um pouco para obter um efeito de veios de mármore. Use forno regular cerca de 50 minutos.



Grátis!



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva agora para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.

...e seus filhos pularão de alegria!

As crianças adoram bolos... E desse modo, dando-lhes alegria, a senhora ainda enriquece a alimentação de seus filhos! É claro! Vale a pena fazer bolos! E a senhora ficaria esperando esta ou aquela data se desde já soubesse que, com bolos, seus filhinhos viveriam numa alegria permanente? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

REGULADOR XAVIER

Remedia de confiança da mulher
DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:
N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

MORTE AOS LIDERES NAZISTAS

(Continuação da pág. 48)

dito prejudicial a acusação dos industriais e cientistas

que, sob as ordens desses mesmos homens, mas sabendo

muito bem o que estavam fazendo, cooperaram na bárbara tentativa para escravizar a humanidade jamais vista no mundo".

★

No momento em que se aproxima o dia da execução desses criminosos que superam os mais brutos imperadores romanos e senhores da guerra da Idade Média, a simples publicação de uma fotografia das vítimas comuns dos campos de concentração nazista, como a encerra este registro, basta para mostrar quão justa foi a decisão do Tribunal Internacional de Nuremberg. Os monstros da maior guerra da história, as vítimas da mais cruel de todas as carnificinas, afinal vão ser vingados.

O navio fantasma

(Continuação da pág. 17)

não vê mais o capitão. Volta os olhos e só enxerga a noite, a grande noite.

Por quê não acendem as luzes deste navio? Senhores, as luzes! Outros vultos passam. Mulheres, homens, crianças. E' aflitivo, Ivo não lhes pode ver os rostos. E o silêncio apavorante!

Ivo se aproxima dum homem que se acha encostado à amurada.

— Por favor, meu amigo, pode me dizer se este vapor é o...

Calá-se. E' assustador. Ele não sabe o nome do barco em que entrou. Como foi isso? Não se trata então duma viagem, da "sua" desejada viagem, por tanto tempo planejada e acariciada? Por que tudo agora está tão esfumado e confuso, como se sobre sua memória tivesse caído um véu?

Ivo começa a suar. O suor lhe escorre pelo rosto em bagas frias.

— Pode me dizer onde fica o bar?

Sim, precisa tomar uma bebida qualquer. Deve ser o frio que o deixa assim tão sem memória, tão fraco e trêmulo.

— Cavalheiro, pode me dizer onde fica o sol?

O sol? Mas ele não queria perguntar onde ficava o sol. Jurava que ia perguntar onde ficava o bar.

— Por favor, cavalheiro...

O vulto se move sem o menor ruído; some-se na sombra.

Ivo treme dos pés à cabeça. "Preciso encontrar o meu camarote" diz para si mesmo "preciso descobrir a minha bagagem" pensa, numa crescente aflição. "Deve existir alguém a bordo que possa me explicar. Talvez um doutor... Sim. Estou doente..."

E agora ele tem consciência duma dor, não aguda, mas continuada e martelante, bem no lado esquerdo do peito. Leva a

mão ao coração. Retira-a húmida. Será sangue? Sim, deve ser...

Sai a correr apavorado. Um médico! Um médico! Estou ferido, vou morrer, socorro! Mas suas pernas, de tão leves, agora se vergam. Ivo pára. Ajoelha-se. Grita ainda: Um médico! Mas não consegue ouvir a própria voz. Ergue-se de vagar. Homens, mulheres e poucas crianças continuam a passar. São ainda sombras sem vozes nem gestos.

Ivo procura orientar-se na escuridão. Parece-lhe agora enxergar contornos mais nítidos. Sim. Ali está uma porta. Um corredor. Se ele entrar no corredor talvez ache o seu camarote. Tem agora vagamente a lembrança duma porta. 27... 27... Recorda-se de tê-lo visto impresso em algarismos negros sobre um quadro branco. 27... Onde?

De repente Ivo tem a impressão de que na memória se lhe abre uma clareira por onde ele enxerga o passado. Mas é apenas um relâmpago. De novo cai a névoa. Já não lhe dói mais o peito. Tudo deve ter sido ilusão... ele não está ferido. As sombras passam. A bruma que vem do mar invade o navio. Onde estará o capitão? O frio e o silêncio persistem. O barco misterioso torna a soltar um gemido rouco e prolongado. Mas — é incrível, incompreensível, endoidecedor — nem o apito consegue quebrar o silêncio!

Ivo caminha sem destino. Não houve o ruído dos próprios passos. Não tropeça em nada. Aproxima-se da amurada e olha o mar. Só vê a escuridão velada duma bruma de côr doentia.

Um homem se aproxima dele. Ivo olha-lhe o rosto... Já se lhe distinguem alguns traços. Decerto o hábito da escuridão... Céus, mas que rosto pálido! Parece a cara dum cadáver. A pele está ressequida e tem um tom esverdeado. Os olhos, parados e sem brilho. Os dentes arreganhados...

Agora aparecem outras faces. Uma criança sorrindo um sorriso horrendo.

Uma mulher com os olhos furados escorrendo sangue. Um velho com a boca queimada de ácido. Ivo solta um grito... Mas o silêncio continua. Onde estarei? — pensa ele — Onde estarei? Faz um esforço sobrehumano para se lembrar.

Quem sou eu? Como foi que vim parar aqui? Onde estão os meus amigos, as pessoas que eu via todos os dias?

O frio aumenta. Ivo sente-se desfalecer. Tem a impressão de estar boiando nas ondas, no mar gelado, gelado, gelado...

Camarote 27! — diz Ivo. — 27... 27... — Seus lábios se movem, mas nenhum som perturba o silêncio do grande barco e da enorme noite.

De repente uma onda morna lhe invade o corpo. Pela proa do navio começa a nascer uma luz, pálida a princípio, mas a pouco e pouco se fazendo mais viva e dourada. Os olhos de Ivo se agrandam. Aquela luminosidade vai ser a explicação de tudo, a volta da memória... Sim, ele vai descer pela prancha e ganhar o cais. O cais também é negro e silencioso. Mas não há nada como a terra firme. Ele não quer viajar neste vapor tenebroso cujos passageiros são fantasmas. O mar desconhecido é um pavor na noite. Oh! Deus! — pensa Ivo como foi que eu cheguei a desejar esta viagem!? Que louco! A luz cresce. O calor aumenta. A voz amiga se ouve mais forte: "Ivo, meu querido, fica comigo!" Sim, ele quer ficar. E' preciso fugir do capitão do barco noturno. Ivo dá dois passos para a luz.

Ajoelhado ao pé da cama a moça aperta e beija a mão pálida do rapaz.

— Ivo, não quero que tu morras, não quero. Por que foi que fizeste isso? Por que foi?

Com a seringa de injeção numa das mãos, o médico contempla o rosto pá-

lido do suicida. Pobre diabo! Perdeu tanto sangue... O corpo está quase frio.

A um canto do quarto a dona da casa, torcendo o avental, olha muito assustada para a cama. "Por causa do que me devia, ele não precisava fazer isso. Eu podia esperar. Não tinha importância. Deus me perdoe. Se eu soubesse, não tinha vindo hoje trazer a conta. Logo hoje. Nossa Senhora!"

Ao pé da janela, o porteiro da casa conversa com um agente de polícia.

— De onde era ele?

— Do interior.

— Tinha família?

O porteiro encolhe os ombros.

— Era um moço muito calmo, muito delicado. Andava sem emprego. Eu lhe dizia que tivesse paciência. Mas quando não aguentou... Há gente nervosa.

Falam já de Ivo como quem fala dum morto.

O médico se aproxima do grupo.

— Fiz uma tentativa desesperada. Injeção de adrenalina no coração. — Sacode a cabeça. — Não tenho muita esperança. Enfim... acontecem milagres...

Ao ouvir a palavra "milagres" a velha começa a rezar.

De repente a moça se ergue, como que impelida por uma mola.

— Doutor! Ele está se mexendo... venha! Venha!

Os três homens se aproximam da cama. O rosto de Ivo se move, seus olhos se entreabrem. Há um breve instante de luta e de esperança. Ivo como que se baloiça, indeciso, por sobre as tênues fronteiras que separam a vida da morte. Mas há do outro lado um chamado irresistível. O corpo se imobiliza.

O doutor se inclina e lhe ausculta o coração. Olha para a moça e diz, baixinho:

— Sinto muito. Mas não há mais nada a fazer.

A dona da casa desata a chorar. Com o rosto contraído numa expressão mais de estupefação que de dor, a rapariga olha do médico para o morto, do morto para a folhinha da parede, onde o número 27 em letras negras se destaca sobre o quadrado branco. Ivo fica noivos hoje, hoje, hoje...

O transatlântico vai partir. O transatlântico apita. E' um gemido rouco, longo, doloroso, desesperado, irremediável. Debruçado à amurada, Ivo olha o vácuo. Agora é uma sombra resignada entre outras sombras. O vento do grande mar desconhecido varre a nau dos suicidas. E todos eles ali vão em silêncio, enquanto na ponte o fantástico capitão olha a noite insondável com seus olhos insondáveis.

Imaginem, agora, os leitores, a profunda seriedade e tremenda resignação com que Melchior se dispôs a satisfazer todos os caprichos de seus diretores — enquanto solenemente esses versinhos que não ficariam mal numa festa de formatura de colégio primário.

Entrevistado, Melchior declarou que não considerava aquilo como uma afronta à sua dignidade artística. Pelo contrário. Era uma imensa brincadeira.

A vida é dura e é preciso ganhá-la.

— Tanto vale a consciência profissional. Mas é preciso garantir o futuro...

E Melchior está, certamente, com o futuro garantido.



Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Operas sob medida...

(Continuação da pág. 15)

dissolvido num caído assucarado, conforme disse causticamente Bernard Shaw, dessa "ouverture", com trechos do concerto para violino e orquestra, tiraram uma jóia estranha a que se deu o nome de Maria Antonieta. Depois, uma busca nos guarda-roupas desenterrou os trajes do filme do mesmo nome. Tudo economicamente resolvido.

MELCHIOR... TRALÁLÁLÁ

Não foi só Maria Antonieta. Duas óperas brotaram das penas férteis dos compositores. Campo é chamada a outra ópera que tem, além de melodias extraídas de List "Rapsódia húngara", prelúdios e sonho de amor, uns versos deste tipo:

"Doces são as canções das colheitas.
Tralálálálá!
Doces são!
Tralálá!"



SOFRE DO FÍGADO?
Tome
BIO-HEPAX
PRODUTO DE LABORATÓRIO DA GUARANIDINA

A VIDA DE ADOLF HITLER

(Continuação da pág. 27)

tas... comunistas... os fatores do Tratado de Versalhes... e os aliados democráticos dos ingleses e franceses". Ao pé de cada cartaz que anunciava um comício nazista, estavam impressas as palavras: "Não se admitem judeus". Isto é, não devia dar-se ao público uma oportunidade de ouvir a outra parte. O propósito de Hitler era acusar, e não discutir. Certamente a sua atitude era ilógica, mas isto não o preocupava. Tinha um astucioso desdém à lógica — e à verdade. "Por meio de hábeis mentiras incessantemente repetidas", afirmou no *Mein Kampf*, "é possível levar o povo a crer que o paraíso é um inferno — e o inferno, um paraíso... Quanto maior for a mentira, mais prontamente lhe dará crédito". E, afinal de contas — dizia — a lógica decisiva estava com ele — a inexorável lógica da vingança pela derrota de 1918. Em substituição à justiça feróz do Antigo Testamento — olho por olho — introduziu um novo sistema — dez olhos por um. (É interessante notar que foi este o princípio básico adotado por ele mais tarde, na direção da guerra de 1940. "Para cada soldado ou civil alemão morto, devemos matar dez soldados os civis inimigos"). Era Hitler, em suma, a reencarnação moderna da antiga concepção grega das Fúrias vingadoras — um espírito de destruição implacável, cego, irracional, amoral, quase impessoal, mas de uma trágica eficiência.

★

Em 1932, Hitler já era a figura mais poderosa da política alemã, depois de Hindenburg. Na eleição presidencial havia obtido onze milhões de votos, contra os dezessete milhões do marechal. Em janeiro do ano seguinte realizou-se, entre Hitler, Von Papen, Goering e Thyssen, importante conferência no castelo deste último, às margens do Reno. Nessa conferência Von Papen e Goering concordaram em empregar toda a influência de que dispunham junto a Hindenburg no sentido de alijar o general Kurt von Schleicher do posto de chanceler e substituí-lo por Hitler.

Von Papen e Goering tiveram bom êxito em sua empresa. E a arma de que se serviram foi a adotada por Hitler como base de todo o arsenal da sua filosofia destrutiva — a arma do terrorismo. Aterrorizaram o honesto mas senil presidente com o boato de que o general Von Schleicher ia marchar sobre Berlim para desencadear a guerra civil, e que ele, Hindenburg só poderia salvar-se invocando o auxílio de Hitler com suas Tropas de Assalto. Foi com a mão a tremer que o velho presidente assinou a sentença de morte da liberdade alemã — e da paz mundial — ao nomear Hitler para o cargo de chanceler.

De então em diante, Hindenburg foi apenas o chefe nominal. Hitler era o senhor da Alemanha. Na véspera duma eleição geral (em fins de janeiro de 1933), o edifício do Reichstag foi destruído pelo fogo. Hitler lançou a culpa do incêndio sobre os comunistas, conseguindo assim ampliar ainda mais os seus poderes. A corte Suprema de Leipzig, é certo, absolveu os comunistas, visto que todos os testemunhos, no processo, indicavam os lugar-tenentes de Hitler — Goering e Goebbels — como os verdadeiros culpados do incêndio. Mas já o mal estava feito. Hitler encontrara uma nova "causa" pela qual combater — a guerra implacável contra o "comunismo", palavra que muitas vezes confunde propositalmente com "liberalismo" e "democracia".

★

Quando, em 1934, morreu Hindenburg, Hitler tornou-se ditador da Alemanha. Anunciou que "havia de rolar cabeças pelo chão", se se atravessassem no seu caminho. E desde então as cabeças não deixaram de rolar — homens, mulheres, crianças — num horrendo espetáculo de

inocentes vítimas arrastadas pela corrente da sua fúria vingativa. E' desnecessário recordar em todos os seus pormenores a história dos sete anos de ditadura hitleriana — os pogroms contra os judeus; a perseguição dos cristãos; a queima de livros; a prisão de pensadores e poetas; o assassinio dos correligionários dissidentes; a confiscação da propriedade privada para encher os bolsos da corja de arrua-ceiros que o apoiavam; a anexação da Áustria e da região dos Sudetes; a subjugação da Tchecoslováquia; a aliança com os seus "eternos inimigos", os comunistas da Rússia; o ataque à Polónia; a invasão da Dinamarca e da Noruega; a agressão à Holanda e à Bélgica; e a guerra impiedosa contra a França e a Grã-Bretanha. A lembrança desses acontecimentos está ainda bem viva. Não parecem atos praticados por uma criatura humana, pois estão em completo desacordo com os nossos padrões tradicionais de moralidade, razão, veracidade, honra, compaixão, espírito esportivo, caridade, justiça e paz. Mas por que havemos de julgar Hitler por esses padrões? Quem espera encontrar moralidade num ciclone, ou razão numa avalanche?

Diversas pessoas têm indagado se Hitler é um louco. A questão é, quando muito, puramente académica. Pouco importa que creiamos ou não nas afirmações de Herman Rauschning, antigo líder nazista (ver a sua *Voz da Destruição*), segundo o qual Hitler é um maniaco e um desequilibrado que se tem na conta de um Deus; que vê na sua brutalidade a manifestação "celestial" duma nova maneira — a maneira alemã — de viver; que desperta a altas horas da noite com histéricas convulsões de terror e aponta "objetos invisíveis" no seu quarto, gritando que "eles" o apanharão a menos que ele os apanhe antes. Ainda que isto fosse verdade, tais desvarios tenderiam apenas a revelar no ditador alemão um lunático vulgar. Mas, tenha ou não um juízo normal, Hitler é tudo menos vulgar. O "fuhrer" é uma força cataclísmica orientada para o mal — uma das mais potentes e mais terríveis da história.

Equilibrado ou não, seu caráter possui a lógica duma bomba de dinamite. E' a lógica da explosão, da desintegração. Hitler veio ao mundo para destruir. Quando subiu ao poder, aboliu o sistema educacional chamado "humanístico". O seu povo, declarou, não teria necessidade

alguma de literatura, música, religião, filosofia ou arte. "Todas as considerações de humanidade e de beleza", escreveu na versão original do *Mein Kampf*, "valem nem mais nem menos que zero". Em substituição às artes, estabeleceu um curso de ciência — a ciência da destruição. Mobilizou os melhores cérebros e os melhores esforços do país na obra de manufaturar instrumentos de morte. Sob a inspiração de eu gênio maléfico os alemães construíram a força aérea mais devastadora, os tanques formidáveis e o mais brutal e impiedoso exército do mundo.

Em toda a história passada, as forças do mal terminaram sucumbindo ao poder do bem. Parece haver para isso uma lei definida. O mal suicida-se pelo seu próprio excesso. Foi assim nos casos de Alexandre, Aníbal, César e Napoleão. A fúria do mal é maior que a sua capacidade de resistência. A sede de destruição de Hitler pode ser ilimitada. Mas os seus meios de destruição têm limite. Quanto maior for o ímpeto da sua violência, mais rapidamente ele há de esgotar as forças de reserva. A conquista, como o demonstra a história, sempre destrói na sua marcha tanto o vencedor como a vítima.

O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ A VENDA EM TODO O BRASIL ★

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

Tragedia íntima de um homem mau...

(Continuação da pág. 44)

tinham verdadeira idolatria. Minha esposa, mais do que amor e respeito me tinha afeição e ternura. Meus colegas, tu inclusive, cativavam-me com provas inelutáveis de verdadeiro afeto. Eu tive absoluta certeza da amizade que inspirava, e foi então que consultei um médico desconhecido a respeito de certos sintomas alarmantes que por diversas vezes sentira. O diagnóstico confirmou o que eu desconfiava: Uma grave lesão cardíaca. O médico fora concludente: O senhor ainda pode viver muito tempo, mas também pode morrer de um momento para outro. Percebi logo que a terrível verdade estava na segunda parte do período. Todo cardíaco sabe acompanhar a marcha de sua doença e percebe instintivamente quando o fim está próximo.

Que fazer? Resignar-me... Contar à minha família

e aos meus amigos que era um condenado à morte? Isso seria repartir a minha aflição com todos? E seria justo? Achei que não... Então pensei também no desespero que a minha morte súbita causaria àqueles corações que tanto me queriam... Não seria isso injusto também? E não seria melhor que eu evitasse esse grande desespero? Sim! Poderia evitar e foi o que resolvi fazer. Tornar-me-ia mau para bem de todos... Por isso esses últimos dias de minha vida eu os tenho dedicado a matar em todos os entes que me são caros, a afeição que me dedicavam. Assim todos se consolarão depressa com minha morte, e parece-me que tenho desempenhado o meu papel com tal perfeição, que muitos até já a estão desejando...

Dizer da luta íntima que me avassala ao ver os semblantes medrosos e tristonhos dos seus filhos... Dizer da dor que alanceia meu peito ao ver as lágrimas rolando dos olhos de minha esposa após alguma das minhas bru-

talidades... Dizer o quanto eu me sinto comovido ao ver os rostos penalizados dos meus colegas... Dizer tudo isso, agora é inútil, não achas, caro Antonio? Quantas vezes beijo os cabelos de minha mulher enquanto ela dorme e se não beijo a boca os olhos é com medo de despertá-la! Beijo, às escondidas, os sapatos e as roupas dos meus filhos... É uma luta, meu amigo! Uma terrível luta! Mas penso que a levarei até o fim...

Mais dia, menos dia, eu me irei... Todos receberão minha morte com indistinctível alívio. Continuarão suas vidas sem o menor abalo. E dentro em breve passarão a venerar minha memória... É tão dos humanos exigir os defeitos e exaltar as virtudes dos finados! Se a ti, meu caro amigo, reservei a malícia de teres que chorar sinceramente a morte de um camarada. Mas és uma alma forte, tudo compreenderás e não te deixarás abater com sentimentos piégués. Em todo caso peço que me perdoes e julgo que não preciso te implorar para que não mostres a ninguém estas últimas linhas do teu amigo — Alvaro".

Todos estamos convencidos! este creme dental antisséptico ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antisséptico.

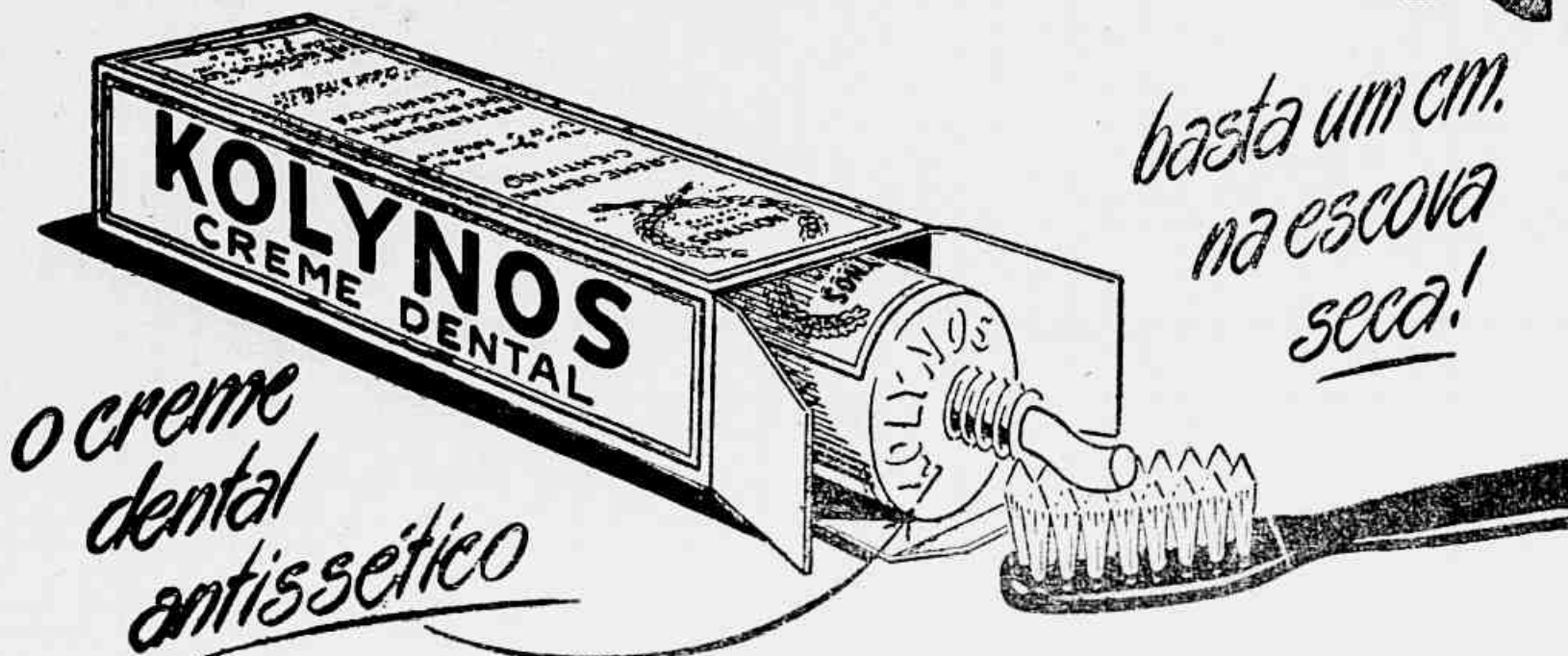
agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.

...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



NO REINO DA LATOLANDIA!

(Continuação da pág. 14)

mo, a habitar tocas imundas, sem ar e sem luz, onde as gripes, o tifo e a disenteria têm entrada franca para fazer suas colheitas de vidas preciosas.

ALUGADAS A CINQUENTA CRUZEIROS

Segundo nos informou um morador na latolândia da praia do Pinto, aquelas casas foram construídas para ser cedidas gratuitamente aos que habitam, como ele, naquele chiqueiro.

Mas não se sabe por que motivo, engendrou-se um meio de cobrar aos inquilinos cinquenta cruzeiros por mês. Bem entendido, o aluguel é a razão de 10 cruzeiros por mês, por cômodo. Assim, uma casa com dois quartos, sala, cozinha e banheiro vale aquela mensalidade.

MAS SÓ COM PISTOLÃO...

— Mesmo assim, — adianta-nos o informante — quem é que não queria morar ali, mesmo pagando cinquenta cruzeiros? dificuldade está é em arranjar autorização. Isto quer dizer pistolão... Só quem arranja uma apresentação para os grandes pode morar no Parque. E aqui pra nós: ali mora muita gente que não precisa disso. Gente que poderia ceder o lugar para outros mais neces-

ADQUIRA O DIREITO
DE SER JOVEM E BELA
Usando

VELAS ANTISSEPTICAS

TAVARES

MARCA REGISTRADA

AGORA EM NOVA
EMBALAGEM



sitados. Mas tudo é assim. O prato nunca é servido aos que estão com fome...

UMA FILIAL DA PRAIA DO PINTO

Espremida entre as ruas adjacentes, a lagôa e o campo do Flamengo, como já dissemos, a favela não tem para onde se expandir.

Rodeamos o estádio e fomos encontrar do outro lado, sempre à beira d'água, uma espécie de filial. Os barracões aí levantados apresentam um aspecto menos triste, primeiro porque são mais novos e segundo porque ainda não há a densidade que se nota na praia do Pinto, propriamente dita.

Mas, com o correr dos dias, se o problema não for resolvido com a ampliação do Parque Proletário, caminha para o mesmo fim. Outras centenas de barracos serão agregados aos já existentes e quando um dia a Prefeitura quiser levar a efeito a continuação da avenida Epitácio Pessoa, as desapropriações a fazer vão custar caro. E queira Deus que custe caro aos cofres da Prefeitura. Não seja o problema resolvido drasticamente, com o despejo puro e simples daquela população.

AS CRIANÇAS NA ESCOLA DO VÍCIO

— Isto aqui é uma miséria, — disse-nos o homem encarregado de limpeza da lagôa, morador numa pequena ilha separada da margem por um canal de uns 50 metros de largura. — Eu só queria que vocês viessem aqui à noite. E' uma farra. A bebedeira, as descomposturas, as brigas, um inferno!

E o pior é que as crianças seguem o mesmo caminho. Bebem, fumam, dizem imoralidades. Eu não sei o que será dessa gente.

O resultado — pensamos — está no prontuário das delegacias, nos manicômios, na indigência e nas cruzes do cemitério.

UM APÊLO AOS CANDIDATOS

O Distrito Federal não conseguiu a sua tão prometida e desejada autonomia. Alguns políticos prometeram e trairam. Isto quer dizer que o prefeito não será eleito pelo povo mas de livre nomeação do Presidente da República. Seja quem for, fazemos um apêlo para que logo depois da posse dê uma volta na praia do Pinto. Deixe o seu carro de luxo escondido para não fazer raiva àquela gente e vá andando por entre as vielas sujas, como um simples visitante. Mas não prepare uma recepção para si mesmo. Não gaste o dinheiro dos cofres municipais com uma manifestação popular de cuja sinceridade seremos levados a duvidar. Vá de surpresa e veja como vegetam os moradores. Veja como eles morrem lentamente.

E quando voltar para o aconchego das poltronas ma-

clas da Prefeitura, pelo amor de Deus, senhor futuro prefeito, não dê entrevista sobre o que vai fazer. Não é que sejamos contra entrevistas. Mas a verdade é que foguetes antes da festa geralmente estragam tudo. No fim de contas, o povo fica com as entrevistas, o desapontamento e mais um motivo de desconfiança. Faça alguma coisa por aquela gente, senhor prefeito, e quando vier a autonomia — que cedo ou tarde ela virá — o Sr. não será esquecido.

E os senhores candidatos a vereadores, façam o mesmo. Votem alguma lei em favor da construção de casas para os que moram em tocas imundas, como bichos. Os moradores dos barracões dos morros e da praia do Pinto são seres humanos como nós outros.

E não têm culpa nenhuma da infelicidade do Rio de Janeiro em matéria de administradores...

E depois disso, senhores prefeito e vereadores, — podem dar entrevistas a três por dois. E' muito mais bonito dizer: fizemos isto ou aquilo do que prometer...

Chega de promessas!...



A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

DE mãos dadas pelo longo caminho... Iluminado pela luz eterna que mora no coração dos homens: a luz da Esperança.

Que esperam essas crianças que caminham para o futuro? Terão elas um caminho suave e seguro? Ou lhes será árdua e terrível a jornada?

O futuro é a educação... o direito de trabalhar no ofício de seu gosto... de garantir-se pela Cultura — de um lugar de destaque no meio dos outros homens.

O senhor pode assegurar-lhes essa Educação que dá o triunfo e a segurança.

Um SEGURO DE EDUCAÇÃO garante o custeio dos estudos de seu filho facilitando-lhe, mensalmente, a importância necessária ao pagamento do colégio, livros, etc.

Há 40 anos servindo a família brasileira, a Cia. PREVIDÊNCIA DO SUL oferece-lhe excepcionais garantias. Realize por intermédio de um de seus agentes o SEGURO DE EDUCAÇÃO de seus filhos. Garanta-lhes uma suave caminhada pelo longo e misterioso caminho da vida.



CIA. DE SEGUROS DE VIDA

PREVIDÊNCIA DO SUL

— 40 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LARES DO BRASIL —

PORTO ALEGRE
Andradas, 1049 (Sede)

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418,

R. DE JANEIRO
Candelária 9, 9.º

SÃO PAULO
Bonifácio 93, 6.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

OURITIBA
15 de Nov.º 300, 2.º

RECIFE
Av. 10 de Nov.º 50, 8.º

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIACO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha Um presente inquestionável. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo o Ouro com Platina. Man-de medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correo pelo Recembelo Postal Pagam catálogos. Fábricas de Jóias "Artesan" — Rua Regente Feijó n.º 12, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

Numeros atrasados desta revista no Pará

pedir a

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 .. Belem

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL

**antisséptico,
adstringente
bactericida**

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua **HIGIENE INTIMA.**



Flagrantes da Inglaterra de hoje: O início do racionamento do pão em tempo de paz em Londres, iniciado a 21 de julho próximo passado. Os sacrifícios coletivos feitos em prol da vitória do mundo democrático ainda continuam.

A INGLATERRA NÃO MUDOU...

Apesar de todas as transformações, é ainda a mesma, fundamentalmente — Como a vê um observador norte-americano.

Por MALLORY BROWNE

QUASE toda a gente conhece o velho ditado: "En France, plus ça change, plus c'est la même chose". Contudo, só poucos se lembram que aquele velho provérbio francês contém uma segunda parte que diz: "En Angleterre, plus c'est la même chose, plus ça change".

De fato, é essa a impressão colhida por alguém que a tem observado durante a última década. Ao mesmo tempo que ela tem permanecido, sob muitos aspectos, a mesma velha Inglaterra, contudo, consegue, de certo modo, ser um lugar novo e muito diferente.

Para um estrangeiro que a tem observado durante os anos de guerra, torna-se evidente que esta nova Inglaterra começou ao terminar a fase inicial e quase fictícia da guerra. Concebida naquele domingo de Setembro de 1939, em que a Inglaterra declarou guerra a Hitler, contudo só nasceu com Dunquerque. As dores de parto principiam quando os alemães invadiram a Holanda e a Bélgica, em maio de 1940 atingindo, em breves semanas, as costas do Canal da Mancha, apenas a umas escassas milhas, através do Estreito, das falésias brancas de Dover.

Depois, veio Dunquerque — e o milagre do nascimento. Milagre, sim — para o resto do mundo, Dunquerque podia ter parecido o ponto culminante duma catastrófica retirada militar e a derrota dos exércitos britânicos, empurrados da Bélgica e do norte da França e impossibilitados de qualquer fuga, exceto pelo mar. Para o povo da Grã-Bretanha foi um milagre — uma espécie de vitória psicológica, um acontecimento que, combinado com a queda de França, imprimiu indelévels características à nova Grã-Bretanha. Para compreender este renascimento é preciso reconhecer essas características.

No dia seguinte ao do início da evacuação do derrotado Corpo Expedicionário Britânico das praias de Dunquerque, o Marechal Lord Chetwode disse-me: — "Estive no Almirantado ontem e fui informado que seria um milagre se conseguirmos salvar dez mil dos nossos soldados". Quando cerca de 310.000 soldados britânicos e franceses foram trazidos para a Inglaterra aconteceu ter eu voltado a vê-lo e lembrei-lhe as palavras que dissera — Sim, bem sei — respondeu — Foi de fato um milagre — um grande milagre!

Um aspecto pouco conhecido da assistência social e do esforço inglês pelo repovoamento da nação, — dois milhões de mães estão sendo subvencionadas, recebendo cinco libras por filho nascido depois do primeiro. O correio é que paga esse auxílio à natalidade.

A Inglaterra precisa de gente para as tarefas urgentes da reconstrução nacional.





Crianças de todas as partes da Europa, cujos pais foram mortos ou recolhidos a campos de concentração, ainda se encontram na Inglaterra. Aqui vemos um grupo desses pequenos refugiados, todos franceses, passando o fim de semana em um campo perto de Brighton.

O importante não era tanto que o grosso do pequeno Exército Britânico conseguisse ser incrivelmente salvo da armadilha alemã, mas sobretudo que a operação fosse realizada pelo próprio povo britânico. Foram os "barquinhos", aquela inesquecível armada de lanchas fluviais, rebocadores do Tamisa, salva-vidas, barcaças, barcos de recreio — isto é, os divertimentos de fim de semana dum povo marítimo, que tornaram o milagre possível. E' possível que, na realidade, a Armada Real tenha desempenhado a parte principal da tarefa com o auxílio da RAF; mas para o próprio povo britânico, foram as miríades de barquinhos — aquelas minúsculas embarcações que todos os ingleses sonham possuir um dia — que converteram o desastre de Dunquerque numa animadora sensação de milagre e restabeleceram no povo britânico esse essencial da vitória, que é a fé em si próprios.

Foi essa recém-nascida fé que permitiu à Grã-Bretanha sobreviver à queda da França. O colapso da França, vindo na esteira de Dunquerque, significou para o resto do mundo que a Grã-Bretanha estava condenada — incapaz de resistir senão por umas semanas. Aos ingleses, porém, nunca lhes ocorreu que chegara o fim, ou que podia haver outro fim que não fosse a vitória.

Foi esta inspiradora fé, em combinação (sejam absolutamente francos a esse respeito) com aquele peculiar defeito britânico, qual seja o da falta de imaginação, (o inglês médio não podia conceber os horrores que a lógica francesa e a imaginação emocional americana anteviam tão claramente) que permitiu à Grã-Bretanha suportar os terríveis bombardeamentos de 1940-41 e deste modo aguentar sozinha contra todas as poderosas massas da Reichswehr de Hitler.

Muitos de nós podemos estar fartos de ouvir os ingleses lembrar esse ano decisivo, em que estiveram sós no mundo, contra os nazistas. Talvez deversemos recordá-lo com menos frequência, mas nós, por outro lado, não devemos esquecê-lo. Devemos nos lembrar que essa resistência livrou o resto do mundo, assim como os próprios ingleses, quer duma completa derrota quer pelo menos dum conflito tão prolongado e custoso que a vitória final não teria nenhum significado.

O ano a seguir de Dunquerque deixou a sua marcha indelével na nação. Foi então que, pela primeira vez, o povo britânico tardiamente despertou e se levantou à altura da sua "hora mais bela".

A partir de Dunquerque, o povo da Grã-Bretanha passou a viver numa atmosfera de frente de batalha. Os ingleses não se sentiam apenas cercados e ameaçados pela invasão; eles suportaram o peso e o embate das bombas alemãs e o calor dos incêndios da blitz. Numa medida nunca antes atingida por qualquer nação livre o povo britânico sob a magnífica chefia do Primeiro Ministro Winston Churchill, foi quase integralmente mobilizado. A guerra total de Hitler responderam com a mobilização total para a defesa. Homens, mulheres, fábricas, alimentos, vestuário — tudo foi lançado na luta pela sobrevivência, um grande élan de unanimidade nacional.

As estatísticas e as cifras não podem nunca contar toda a história da coragem, do sereno humor e da sã camaradagem com que os homens e as mulheres da Grã-Bretanha suportaram a tensão da vida cotidiana, e do trabalho sob as condições da frente de batalha, durante esses anos, sob bombardeamento contínuo. Contudo, os fatos só

A Inglaterra de Ernest Bevin continua a seguir as tradições seculares da Inglaterra de Churchill, de Disraeli, de Gladstone e de quantos vieram antes dele... Aqui está uma cena tradicional, mostrando a princesa real Elizabeth sendo investida num título honorário do País de Gales, o de "Bard", segundo o qual é, para os galeses, "Elizabeth o Windsor".



DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Secção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4389 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

Fragrância deliciosa que cativa e atrai
...Evocação adorável da primavera,
o aroma da Flôr de Maçã a envolverá
numa aura de feminina atração...

Colônia: 50, 75, 150, - Loção: 75, 100, - Pó de
Arroz: 35, - Talco: 50, - Sabonete: cx. c/ 3 - 65,
Lindíssimos estojos em várias composições.

h e l e n a r u b i n s t e i n

RIO DE JANEIRO: AVENIDA RIO BRANCO, 311 — TEL. 42-1442

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sob. Rio de Janeiro
Rua
Cidade Estado

Atenção ESTUDANTES do BRASIL

CR\$ 22.000 em prêmios

QUADROS BRASILEIROS

SÃO CONDIÇÕES ESSENCIAIS PARA CONCORRER :

- Ser estudante de qualquer estabelecimento particular ou oficial, do Rio ou de qualquer cidade do Brasil.
- Enviar no mesmo papel da composição, nome e endereço completos e nome do colégio onde estuda.
- Remeter a sua correspondência com a devida antecedência, para que chegue ao seu destino até o dia 20 do mês seguinte.
- Especificar no envelope: Programa "Quadros Brasileiros" — além do endereço indispensável: Rádio Globo, Avenida Rio Branco 183-3º andar — Rio de Janeiro.

PROGRAMA DE
LOURIVAL MARQUES
ÀS 6^{as}. FEIRAS
ÀS 20.05 Hs. NA

Radio
GLOBO
PRE3 1.180quil

Ouçam o tema irradiado, cada mês e escrevam, sobre o assunto sugerido, um trabalho que não exceda de duas páginas a mão ou uma datilografada.

★

O concorrente cujo trabalho merecer a 1ª classificação, receberá um cheque no valor de 500 cruzeiros, além de ter a sua composição publicada no Gibi ou no Globo Juvenil, ficará inscrito para o concurso de Dezembro, disputado somente entre vencedores, com um total de 15 mil cruzeiros, dividido em 3 prêmios.



MICHEL...

O mais suave entre os suaves

Quando a Sra. encontrará noutro baton essa base úmida de creme, característica tão notável do baton Michel?... ou essa delicadeza e a facilidade com que se espalha uniformemente sobre os lábios? Em que outro baton a Sra. encontra essas qualidades excepcionais de permanência e essas encantadoras tonalidades naturais que convidam ao beijo?... e seu delicado perfume que delicia os sentidos?

Michel
NEW YORK • PARIS • LONDON

BATON — PÓ — ROUGE — MÁSCARA — SOMBRA — MAQUILAGEM CAKE

em si são suficientemente eloquentes: 477.000 pessoas nas forças armadas em 1939 — contra 4.500.000 em 1944; 7 milhões de mulheres em trabalhos permanentes de guerra — um total de dezesseis milhões de mulheres dos 14 aos 59 anos de idade.

Bloqueada, às escuras, bombardeada, incendiada, racionada, apertada por restrições e empobrecida — a Grã-Bretanha continuou a lutar, não só com a sua tradicional determinação de bull-dog, mas também — pelo menos durante os primeiros anos depois de Dunquerque — com uma alevantada fé e uma unidade tal que constituia um privilégio compartilhar delas.

Agora — não vale a pena negá-lo — a exaltação desses anos seguiu-se a inevitável reação. Depois de seis anos de guerra e de seis meses de paz, em que as caméras e as restrições, de certo modo, aumentaram em vez de diminuir — o povo da Grã-Bretanha encontra-se fatigado. Mais do que isso — encontra-se momentaneamente exausto. Saíra vitorioso da guerra e com a vontade de reconstruir a Grã-Bretanha, na metrópole, e de recuperar a sua antiga grandeza no estrangeiro. A vontade existe, sim; mas os meios onde estão?

Agora, e pelo menos por alguns anos mais próximos, a Grã-Bretanha está a tatear o caminho do socialismo parcial, como maneira possível de restaurar a prosperidade e o poderio. Sob o seu primeiro governo integralmente trabalhista, o Reino Unido faz uma experiência política e econômica, baseada na nacionalização de certas indústrias básicas, incluindo os transportes internos e a aviação civil, as minas de carvão, as comunicações e, possivelmente mais tarde, o ferro e o aço. Ao mesmo tempo, o regime trabalhista, sob a chefia do Primeiro Ministro Clement R. Attlee, mantém em grande parte a disciplina de guerra no que respeita a mão de obra, materiais, gêneros alimentícios e fábricas, com o fim de realizar, através da "economia planeada", um plano de cinco anos, de reconstrução, destinado a conduzir o país à normalidade.

Será bem sucedido? Ousado profeta seria todo aquele que respondesse incondicionalmente que sim. Nesta data (pouco mais de seis meses após a subida do Governo Trabalhista), a Grã-Bretanha, para um estrangeiro, parece estar ainda a tatear o trilho escolhido, quer com cautela quer por tentativas, tal como se estivesse longe de certeza de que está no bom caminho. Meio ano depois da sua eleição, Mr. Attlee e o seu mi-

Prisão de Ventre!

O MAIOR INIMIGO DA SAÚDE!

Purgar-se, quando atacado da prisão de ventre é ir contra a natureza. O resultado desta medida é agravar ainda mais as dificuldades dos intestinos. É preciso ajudar a natureza, e as Pílulas Aloicas ajudam a natureza. Seu uso regular reeduca os intestinos, normalizando suas funções e desintoxicando o organismo convenientemente pelas fermentações dos detritos alimentares retidos por muito tempo. As Pílulas Aloicas lhe restituirão a saúde, o bem estar e a energia.

Pílulas ALOICAS



Aos 50 como aos 20 anos

UM HOMEM PERFEITO

O homem deve alcançar a maturidade em plena posse de todas as funções. Quando por excesso de tensão ou intelectualidade, seu sistema nervoso se desequilibra, sérias situações embaraçosas e desagradáveis. Entretanto, estes distúrbios não devem ser tomados muito a sério. Basta fortalecer o sistema nervoso com as Pílulas Maratú para que o organismo recupere seu vigor costumeiro, restituindo-lhe todos os benefícios de um homem perfeito.



**PÍLULAS
MARATÚ**

ministério realizaram apenas uma grande reforma: a nacionalização do Banco de Inglaterra. Muitas outras aguardam a sua vez e não resta dúvida de que o ano de 1946 assistirá a passadas maiores e mais rápidas nesse sentido, de grande alcance.

Mas, mesmo depois de o abalado programa de nacionalização ter sido realizado, — que virá depois? Porque o problema, hoje, na Inglaterra, não é essencialmente político nem social. Ao contrário de alguns outros países da Europa continental, que sofreram anos de ocupação alemã o Reino Unido não tem que lutar no meio de caos e de violência para regressar às instituições democráticas viáveis. A democracia política britânica, sob a égide de "Mãe dos Paramentos" saiu da guerra sã e salva. Além disso, o sistema tributário do tempo de guerra, de dez xelins em libra, para quase toda a gente, elevando a super-taxa a 95% para os grandes rendimentos, contribuiu muito para a redistribuição da riqueza. E isto, combinado com a mobilização total do potencial humano, masculino e feminino, durante a guerra, teve um grande efeito nivelador, sob o ponto de vista social, nas ilhas britânicas, alisando, ou pelo menos reduzindo grandemente muitas dessas flagrantes desigualdades, que tanto impressionaram alguns visitantes estrangeiros.

Não, o problema do após-guerra da Grã-Bretanha não é essencialmente político, nem social: é econômico. É o problema de recuperar o comércio de exploração, sacrificado durante a guerra — sem o qual o povo britânico não pode sequer comer e viver, e muito menos prosperar. A questão que se põe é: poderá a Grã-Bretanha, simultaneamente, reconstruir as suas cidades, vilas e aldeias, devastadas pela guerra, reequilibrar as suas indústrias, recuperar os seus mercados de exportação, pagar as suas dívidas,

(Conclue na pág. 57)

Um dia largo tudo...

(Continua na pág. 29)

Claudio volta para sua mesa humilhada, seguido pelos olhares maliciosos dos demais auxiliares. Sente vontade de dar murros na mesa, mas, ali, no escritório, sabe se controlar muito bem e recomeça a trabalhar monologando: "Aque-la mulher me deixa louco: não faz nada direito, não me anima. Venho nervoso para o serviço e é isso. Mas esse cachorro não deveria me falar desse modo na frente de todo mundo. Parece que já esqueceu de como chegou a ficar tão rico; algum dia desmascarar ele! Se eu quisesse roubar como ele, estaria milionário... Diabo! Ganhar uma miséria, aturar desaforos e ter de controlar cada tostão..."

— Sr. Claudio, o senhor vai por mim até o banco e...

"Serviço de menino", resmunga ele enquanto junta a papelada e ganha a rua, interiormente ameaçando de deixar tudo aquilo e ir... Para onde? Bobagem. Ele jamais deixaria o escritório, teria medo de enfrentar novos chefes. Jamais deixaria Luiza porque somente ela aceita passivamente seus desaforos e é somente a ela que pode se vangloriar de um valor imaginário. Nunca alterará a vida por iniciativa própria. Mas, para Claudio, é um consolo, fá-lo sentir-se importante a promessa absurda:

— Um dia largo tudo isso...

*Uma carícia
perfumada!...*



De inebriante perfume e suave como uma carícia, — o Pó de Arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos...

Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo! Por isso o Pó de Arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.

O Pó de Arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: Branco, Rosa, Raquel, Ocre-claro e Ocre-escuro.

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CÁRIO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

**DENTIFRÍCIOS
PANNAINI**



**VARIZES
E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus**

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA O MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Onde a publicidade se torna eficiente

Milhares de pessoas transitam pelas estações da nossa principal via férrea.



Anúncios em:

CARTAZES - PAINEIS - LUMINOSOS

nas estações, nos trens e ao longo das linhas.

AUTOFALANTES

nas estações D. Pedro II (onde transitam cerca de 400.000 pessoas diariamente) -- Meyer e Engenho de Dentro.



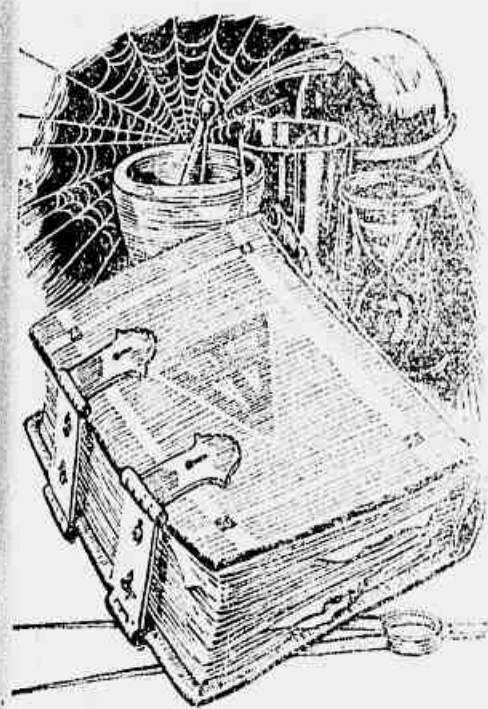
PROJETOS, ORÇAMENTOS E ESTUDOS

Tratar no Serviço de Turismo e Publicidade da E. F. C. B.

No Rio: 11. andar da Estação de D. Pedro II, fones: 45-9331 45-9562

Em S. Paulo: Estação de Roosevelt, fone: 9-4580.

SEGREDOS CONFIADOS A POUCOS



Os fatos pouco conhecidos da vida

Há certas coisas sobre as quais não se pode falar abertamente — coisas no entanto que todos devem saber. Verdades existem que são perigosas para alguns — mas que, em mãos dos que as compreendem, são antes fatores de poder pessoal e realizações. Atrás dos relatos de milagres e mistérios dos antigos, há muitos séculos de sua secreta e paciente perquirição das leis da natureza — suas espantosas descobertas sobre os processos recônditos do espírito humano e o domínio dos problemas da vida. Outra envoltura em mistério para proteger-se contra a destruição pelo medo e a ignorância das massas, estes fatos constituem uma herança útil para milhares de homens e mulheres que os usam hoje em dia em suas próprias casas.

ESTE LIVRO GRATIS

Os Rosicrucians (não é uma organização religiosa), velha irmandade de ensino, conservaram sua secreta sabedoria por séculos em seus arquivos. *Convidam agora todos a participar da utilidade prática dos seus ensinamentos.* Escreva-nos hoje pedindo um exemplar grátis do livro "The Mystery of Life." Em suas páginas pode estar o segredo de uma nova vida de oportunidades para o leitor. Endereço: Scribe V.V.B.

The ROSICRUCIANS
(AMORC)

San José, California, U. S. A.



VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A INGLATERRA NÃO MUDOU...

(Conclusão da página 55)

e, ao mesmo tempo, pôr em prática um programa político de nacionalização, que o Partido trabalhista francamente reconhece ter por objetivo final o estabelecimento duma comunidade socialista da Grã-Bretanha?

A resposta depende, em parte, de fatores fora do controle do povo ou do governo britânico como sejam: expansão do comércio internacional, duma maneira geral; progresso dos planos para a manutenção da paz mundial; tantas americanas; e talvez a energia atômica. Mas, acima de tudo, quer a Grã-Bretanha regresse ou não à prosperidade e à grandeza — depende de uma coisa muito simples: trabalho. É a falta de mão de obra, diz o governo britânico, que está a prejudicar a restauração do Reino Unido, hoje em dia. Isso é verdade — e é em parte devido às demoras e dificuldades de desmobilização de uma marinha, de um exército e de uma força aérea, espalhadas sobre vastas regiões do globo. Mas é também devido à falta de mão de obra num outro sentido: no fato de a Grã-Bretanha ter ainda que resolver a trabalhar arduamente num esforço firme, contínuo, bem aproveitado, em todos os aspectos das suas atividades econômicas do pós-guerra.

É fácil compreender e perdoar. O povo da Grã-Bretanha está com razão cansado exausto mesmo do seu gigantesco esforço que contribuiu tão notavelmente para a vitória aliada. Mas, mesmo que se dê o devido valor a isso tudo, o fato é que a Grã-Bretanha enfrenta hoje uma crise de reconstrução tão grave, à sua maneira, como a ameaça militar de Dunquerque. Muita gente de todos os partidos está profundamente convencida de que será preciso mais doses desse magnífico espírito da "hora mais bela" do que parece à primeira vista, para ser bem sucedido na realização dos altos objetivos que a nação britânica trouxe para si mesma.

FIGURAS DE MOLDURA ANTIGA

Por DOROTHY BRIGHT.
Especial do B.N.S.

É curiosa e estranha a revivescência de certas manifestações do belo. Aliás, toda a forma de conteúdo clássico, sempre que retorna com fumos de atualidade, trás consigo a sutileza de uma essência conservada no recôndito da memória. E ali está a saudade, mesclada no encanto da lembrança emocional...

O "coque" está emoldurado em quase todas as visões queridas de nossas avós. E as tranças enfeitam as gravuras das meninas-moças, cheias de ingenuidade e fragrância.

Os artistas britânicos pesquisaram os estilos consagrados na Grécia, buscaram inspiração nos moldes da Renascença, invocaram o amparo dos grandes mestres das artes plásticas, estudaram, experimentaram. E as elegantes agora, exibem penteados realmente originais, apesar de serem o furto elaborado daqueles precedentes encantadores.

Os modelos constituem verdadeiras corôas de tranças, proporcionando à "toilette" um requinte inusitado, uma riqueza de parte altaneira e donaireira.

O colo nu, adornado pelo colar bem escolhido, transcendente em distinção e sobriedade.

Estes penteados estão sendo reconhecidos pelas elegantes de todos os quadrantes e os laços de veludo ou cetim, e as rendas delicadas, complementam as cores magníficas dos cabelos.

RESSURGE A FRANÇA

Ressurge a França... É esse ressurgimento se dá em todos os setores, mais rapidamente do que esperavam os mais otimistas. Todas as indústrias já trabalham intensamente e já o mundo está tendo conhecimento do grande trabalho que vem realizando aquela nação. Perfumes, modas, porcelanas, carros, tudo

enfim está sendo distribuído aos mercados internacionais.

Também já vêm sendo realizadas exposições de arte e produtos nacionais. Uma das mais recentes e que alcançou grande êxito, foi a levada a efeito no Museu de Artes Modernas de Paris, consistindo de tapeçarias de todas as épocas, obras primas da idade média e produções atuais de manufatura nacional.

"La Dame à La Licorne", do Museu de Cluny e "Thésée et le Minotaure", de Marc Saint-Saens, são duas maravilhosas peças apresentadas naquela exposição.

CONSELHOS

As massagens faciais ajudam a manter firmes os tecidos do rosto. Ao fazê-las, use um bom creme nutritivo. Não esqueça também que todos os movimentos partem de baixo para cima.

Evite esse aspecto de "máscara", principalmente agora no verão. Passe no rosto apenas uma levíssima camada de "base", pouco "rouge", em seguida o pó e o baton. Não use pintura alguma nos olhos.

O bolero está em grande moda na presente temporada. É usado sobre vestidos inteiros ou conjuntos de saia e blusa. Pode ser do mesmo tom, estampado ou formando contraste.

Cabelos ao vento, em geral assentam muito bem em rostos juvenis; se você já passou dos trinta, prefira usar seus cabelos para cima ou presos.

Procure vestir-se com cores claras e alegres dentro de casa. Dê preferência também às cores claras ou de tons esmaçados vistosos. Um lar assim nunca será ambiente propício para tragédias.

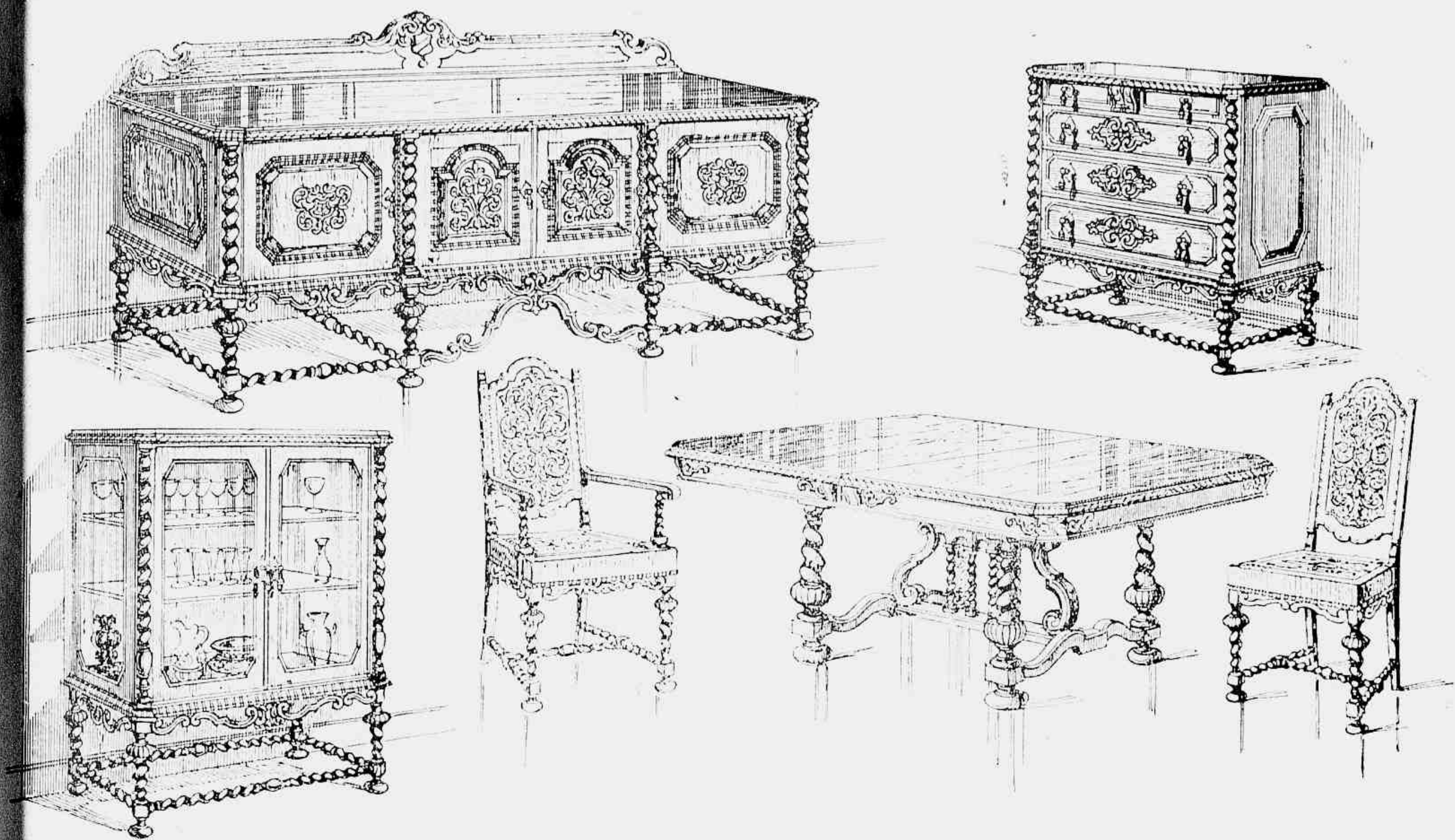


Am
numero
para



cada
paladar





Sala de Jantar "COLONIAL PORTUGUÊS"

No clichê acima reproduzimos um sugestivo modelo de sala de jantar que tanto pode ornamentar um moderno apartamento como um amplo palacete. Além da "étagère" de duas portas, fazem parte do mobiliário uma cristaleira, um "buffet", dividido em três partes, e cadeiras com o estofado de couro lavrado e tacheado. Estes móveis deverão ser trabalhados em Jacarandá massiço.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIGARROS

ELMO

C.A. DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO

C.A. DE CIGARROS

Souza Cruz